

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ARTHUR MARQUES DE OLIVEIRA

**LÍNGUA(GEM), SOCIEDADE E CULTURA: UM ESTUDO ENUNCIATIVO-
ANTROPOLÓGICO SOBRE A PESSOA FALANTE E A LINGUAGEM NEUTRA**

PORTO ALEGRE
2023

Arthur Marques de Oliveira

**LÍNGUA(GEM), SOCIEDADE E CULTURA: UM ESTUDO ENUNCIATIVO-
ANTROPOLÓGICO SOBRE A PESSOA FALANTE E A LINGUAGEM NEUTRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Estudos da Linguagem**.

Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

Linha de Pesquisa: Análises textuais, discursivas e enunciativas.

Porto Alegre
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos André Bulhões Mendes

VICE-REITORA

Patricia Helena Lucas Pranke

DIRETORA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Claudia Wasserman

VICE-DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Hélio Ricardo do Couto Alves

DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Carmem Luci da Costa Silva

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Márcia Montenegro Velho

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Maycke Young de Lima

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Arthur Marques de
LÍNGUA (GEM), SOCIEDADE E CULTURA: UM ESTUDO
ENUNCIATIVO-ANTROPOLÓGICO SOBRE A PESSOA FALANTE E A
LINGUAGEM NEUTRA / Arthur Marques de Oliveira. --
2023.
132 f.
Orientador: Valdir do Nascimento Flores.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Linguagem neutra. 2. Teoria da Enunciação. 3.
Émile Benveniste. 4. Antropologia da Enunciação. 5.
Performatividade. I. Flores, Valdir do Nascimento,
orient. II. Título.

Arthur Marques de Oliveira

**LÍNGUA(GEM), SOCIEDADE E CULTURA: UM ESTUDO ENUNCIATIVO
ANTROPOLÓGICO SOBRE A PESSOA FALANTE E A LINGUAGEM NEUTRA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Porto Alegre, 04 de maio de 2023.

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)
(Orientador)

Profª. Dra. Alessandra Jacqueline Vieira
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

Profª. Dra. Gabriela Barboza
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)

Profª. Dra. Nathália Müller Camozzato
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

AGRADECIMENTOS

Acredito que nenhum trabalho de pós-graduação pode ser realizado em voo solo. Por isso, por mais que seja necessário ter uma pessoa autora na capa desta dissertação, o mérito sempre envolverá mais pessoas. Este trabalho é fruto de um momento de vida e conta com diversas pessoas que de certa forma estão refletidas aqui, e por isso, deixo minha sincera gratidão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores, por todos os ensinamentos, críticas e conselhos e, mais do que isso, pela constante presença e paciência em meus frequentes e-mails, de madrugada, com “devaneios e crises de identidade”. Obrigado por aceitar me orientar, por acreditar em mim e no meu trabalho, por respeitar o meu tempo e a minha adaptação, por ter me guiado nesse percurso de forma preciosa e precisa. Acredito que ser professor/orientador é uma forma de deixar o seu legado nesse mundão, afinal, onde eu (e tantos outros orientandos) for terei sido orientado por você. Como sempre digo: tu és a luz no fim do túnel!

Às avaliadoras da banca, as maravilhosas Prof^a. Dra. Alessandra Jacqueline Vieira, Prof^a. Dra. Gabriela Barboza e Prof^a. Dra. Nathália Müller Camozzato, por aceitarem o convite de participação na avaliação deste trabalho.

À professora Silvana por fazer parte da minha trajetória durante a pesquisa na graduação.

Aos professores do IFRS - Câmpus Feliz: Ana Paula; Odair; Laura; Loiva; Andrea; Dolurdes; Giovanni; e Paula por terem despertado (e estimulado) um menino inquieto durante o Ensino Médio.

Ao meu namorado, Gabriel, agradeço o companheirismo, paciência, amor e carinho dedicados ao longo desta jornada. I love you xuxu (com x mesmo).

A Carlos e Fátima que vibraram mais que eu desde o início dessa empreitada, sempre me motivando de formas que até eles desconhecem.

Um agradecimento especial para Mariana Morais Pereira, Sara Luiza Hoff, Larissa Colombo Freisleben e Juliana Marschal Ramos que fazem parte dessa história. Obrigado por compartilharem muitos momentos agradáveis e também estressantes durante esse período. Foi bom ter vocês por perto!

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por viabilizar a bolsa de estudos durante os 2 anos de mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e a todas as pessoas professores dos quais pude conviver durante estes 2 anos.

Aos meus queridos irmãos Thiago e Leonardo pela torcida para que tudo desse certo.

E, principalmente, aos meus amados pais, Eduardo e Rejane, por me permitirem ser sem qualquer julgamento, por me incentivar a sonhar e compartilhar sempre na torcida e para que tudo acabe bem. A vocês dedico tudo, sempre. Sem vocês nada disso seria possível! Amo vocês.

A todxs, o meu muito obrigado!

Qu'est-ce donc qu'il dit ? D'abord ceci : que le langage ne se distingue jamais d'une socialité. Ce pur linguiste, dont les objets d'études appartiennent apparemment à l'appareil de la linguistique générale, transcendante, ne cesse en réalité de prendre le langage dans ce qu'on pourrait appeler ses concomitances : le travail, l'histoire, la culture, les institutions, bref tout ce qui fait le réel de l'homme".

(Œuvres complètes, III, 1995, p. 30)

"O que ele está dizendo? Antes de tudo isto: que a linguagem nunca se distingue de uma sociabilidade. Esse linguista puro, cujos objetos de estudo aparentemente pertencem ao aparato da linguística geral, transcendente, não cessa, na realidade, de tomar a linguagem no que poderíamos chamar de suas concomitâncias: trabalho, história, cultura, instituições, enfim, tudo o que torna o homem real".

(Obras Completas, III, 1995, 30)

RESUMO

A presente dissertação aborda a temática da linguagem neutra a partir das seguintes perspectivas teóricas: Enunciação de Émile Benveniste; Teoria de Gênero de Judith Butler; e Antropologia da Enunciação de Valdir Flores. O objetivo deste trabalho é mostrar que através de sua experiência de falante na língua é possível suscitar uma referência que pode ser criada, via enunciação, na performatividade de gênero dos sujeitos. O texto inicialmente, apresenta considerações sobre questões importantes para se entender melhor a questão da linguagem neutra, como por exemplo: diferenças entre sexo; gênero; identidade de gênero; e orientação sexual. A partir disso, passamos para uma apresentação do que é o fenômeno da linguagem neutra e seus possíveis desdobramentos, bem como a forma como esse fenômeno acontece em outros lugares do globo. Em seguida, discutimos algumas questões importantes sobre a Teoria e Antropologia da Enunciação para então elaboramos uma forma de ver a performatividade de gênero, de Butler, a partir da Enunciação. Finalmente, com base nesse construto teórico, adentramos ao *corpus* do trabalho, composto por diferentes tipos e gêneros textuais visando aferir, através de análises qualitativas, como via enunciação é possível encontrar referenciais identitários. Sobre as análises podemos ressaltar que, essas apontam para uma necessidade por parte das pessoas falantes em se fazerem visíveis na língua pela linguagem, pois acreditamos que a palavra tem poder e pode abrir lugar para as pessoas, como uma forma de reconhecimento linguístico, que por meio de mudanças na norma padrão, pode provocar um sentimento de pertencimento em sua própria língua.

Palavras-chave: Linguagem neutra. Émile Benveniste. Antropologia da Enunciação. Performatividade.

ABSTRACT

This work approaches the issue of neutral language from the following theoretical perspectives: Enunciation by Émile Benveniste, Gender Theory by Judith Butler and Anthropology of Enunciation by Valdir Flores. The objective of this work is to show that through their experience as a speaker in the language it is possible to raise a reference that can be created, via enunciation, in the gender performativity of the subjects. The text initially presents considerations on important issues to better understand the issue of neutral language, such as: differences between sex, gender, gender identity and sexual orientation. From there, we move on to a presentation of what the phenomenon of neutral language is and its possible consequences, as well as how this phenomenon happens in other parts of the globe. Then, we discuss some important questions about the Theory and Anthropology of Enunciation, and then we elaborate a way of seeing Butler's gender performativity from Enunciation. Finally, based on this theoretical construct, we enter the corpus of the work, composed of different types and textual genres, aiming to assess, through qualitative analysis, how via enunciation it is possible to find identity references. Regarding the analyzes, we can emphasize that these point to a need on the part of speakers to make themselves visible in the language through language, as we believe that the word has power and can open a place for people, as a form of linguistic recognition, which through of changes in the standard norm, can provoke a sense of belonging in your own language.

Keywords: Neutral language. Émile Benveniste. Anthropology of Enunciation. Performativity.

RESUMÉ

Cette travail aborde la question du langage neutre à partir des perspectives théoriques suivantes : l'énonciation d'Émile Benveniste, la théorie du genre de Judith Butler et l'anthropologie de l'énonciation de Valdir Flores. L'objectif de ce travail est de montrer qu'à travers leur expérience de locuteur de la langue, il est possible d'élever une référence qui peut être créée, via l'énonciation, dans la performativité de genre des sujets. Le texte présente d'abord des considérations sur des questions importantes pour mieux comprendre la question du langage neutre, telles que : les différences entre le sexe, le genre, l'identité de genre et l'orientation sexuelle. De là, nous passons à une présentation de ce qu'est le phénomène du langage neutre et de ses conséquences possibles, ainsi que de la façon dont ce phénomène se produit dans d'autres parties du globe. Ensuite, nous discutons de questions importantes sur la théorie et l'anthropologie de l'énonciation, puis nous élaborons une manière de voir la performativité du genre de Butler à partir de l'énonciation. Enfin, sur la base de cette construction théorique, nous entrons dans le corpus de l'œuvre, composé de différents types et genres textuels, visant à évaluer, par une analyse qualitative, comment, via l'énonciation, il est possible de trouver des références identitaires. En ce qui concerne les analyses, nous pouvons souligner qu'elles pointent vers un besoin de la part des locuteurs de se rendre visibles dans la langue à travers la langue, car nous pensons que la parole a du pouvoir et peut ouvrir une place aux personnes, en tant que forme de reconnaissance linguistique, qui, par des changements dans la norme standard, peut provoquer un sentiment d'appartenance à votre propre langue.

Mots-clés: Langage neutre. Émile Benveniste. Anthropologie de l'énonciation. Performativité.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Biscoito de gênero	32
Figura 2 - Quadro dos desencadeamentos da matriz de inteligibilidade de gênero.	35
Figura 3 - Exemplo de uso de ile/dile em desenho.	47
Figura 4 - Exemplo de uso de ile em série.	47
Figura 5 - Exemplo do uso de menino em filme.	48
Figura 6 - Exemplo de carteira de habilitação.....	51
Figura 7 - Árvore de domínio - representação do campo - Linguística da enunciação.....	61
Figura 8 - Esquema do quadro formal de realização da enunciação.....	69
Figura 9 - Esquema de aproximação entre Subjetividade e Identidade.	88
Figura 10 - Representação da análise enunciativo-antropológica.....	97
Figura 11 - Conjunto 1 – Diálogo 1	98
Figura 12 - Conjunto 2 - Diálogo 2	102
Figura 13 - Conjunto 3 - Diálogo 3	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Explicação sobre linguagem neutra, linguagem inclusiva e neolinguagem.	45
Quadro 2 - Nuances entre Linguística, Teoria e Semântica da Enunciação.	58
Quadro 3 - Eixos e aspectos enunciativos.	72
Quadro 4 - Recorte, diálogos e fonte do <i>corpus</i>	95
Quadro 5 - Conjunto 1 – Diálogo 1.....	98
Quadro 6 - Conjunto 2 – Diálogo 2.....	102
Quadro 7 - Conjunto 3 – Diálogo 3.....	110

SUMÁRIO

O PRIMEIRO <i>CLOSE</i>: PALAVRAS DE ABERTURA	12
CAPÍTULO 1 - ENTENDENDO O X DO “PROBLEMA”: GÊNERO(S) E O FENÔMENO DA LINGUAGEM NEUTRA.....	22
1.1 NO TÚNEL DO TEMPO: SEXO, GÊNERO(S) E LINGUAGEM NEUTRA	25
1.1.1 <i>O gênero como conceito na língua</i>	27
1.1.2 <i>Sexo, gênero(s) e outras construções pertinentes</i>	30
1.2 UM PANORAMA SOBRE O FENÔMENO DA LINGUAGEM NEUTRA	41
1.2.1 <i>Ao redor do globo: um cenário sobre o fenômeno</i>	49
1.3 ENCAMINHAMENTOS	53
CAPÍTULO 2 - UM OLHAR PROSPECTIVO E (TRANS)TEÓRICO PARA A ENUNCIÇÃO	55
2.1 TEORIA? SEMÂNTICA? OU LINGÜÍSTICA DA ENUNCIÇÃO?.....	56
2.2 A ENUNCIÇÃO E SEUS ASPECTOS.....	64
2.3 REFLEXÃO BUTLERIANA SOBRE PERFORMANCE E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO	80
2.4 SAINDO DO ARMÁRIO: A PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO NA ENUNCIÇÃO.....	85
CAPÍTULO 3 - <i>FACIO, ERGO SUM!</i> PARA ALÉM DO COMUNICAR: A LÍNGUA COMO TESTEMUNHA DO SER A PARTIR DE ATOS ENUNCIATIVOS E IDENTITÁRIOS.....	92
3.1 DOS <i>CORPORA</i> AO <i>CORPUS</i> : APRESENTANDO OS DADOS	93
3.2 TECENDO OS PRINCÍPIOS DE ANÁLISE	95
3.3 ANÁLISES	98
3.4 A PALAVRA DÁ LUGAR.....	113
O <i>CLOSE</i> FINAL: CONSIDERAÇÕES	115
REFERÊNCIAS	118
ANEXOS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

O PRIMEIRO *CLOSE*: PALAVRAS DE ABERTURA

Amor é pensamento

Teorema

Amor é novela

Sexo é cinema

Sexo é imaginação

Fantasia

Amor é prosa

Sexo é poesia.

(Rita Lee, Roberto de Carvalho e Arnaldo Jabor)

Acredita-se que na infância exista uma fase pela qual boa parte das crianças passam: é quando perguntam os porquês das coisas, do mundo e da vida. Mesmo adultos, pode-se dizer que essa fase nunca termina totalmente, pois, quando crescemos, já conhecemos algumas respostas, mas sempre acabamos fazendo novas perguntas. Desse modo, acreditamos que, ao formularmos esses questionamentos, almejamos também a busca por algum conhecimento sobre o mundo. É esse lugar da dúvida, do desconhecido, do porvir, que nos interessa e sempre esteve presente em diversas esferas da nossa vida e, é claro, na esfera acadêmica não seria diferente.

A primeira ideia para esta dissertação surgiu de uma curiosidade que virou inquietação, cujo cenário influenciador foi uma conversa despreziosa entre orientador e orientando a respeito das relações entre *língua, sociedade e cultura* na teoria atribuída ao linguista Émile Benveniste¹ (1902-1976). Nesse diálogo, fizemos o movimento de olhar um pouco mais de perto as palavras que integram essa trindade e buscamos, de certa forma, explorar alguns posicionamentos iniciais sobre sua constituição. A primeira palavra (*língua*), de apenas 6 letras, pode ser considerada desde um calcanhar de Aquiles até uma cabeça de Medusa dos estudos da linguagem: seja fraqueza, seja encanto, o fato é que a definição de *língua* é sempre um ponto sensível, pois pode-se falar dela a partir de diferentes perspectivas teóricas, dentro e fora do campo. Já a segunda palavra (*sociedade*)

¹ Émile Benveniste nasceu na cidade de Aleppo, na Síria, em maio de 1902. Foi um linguista importante, especialista em indo-europeu que também se dedicou aos estudos iranianos, à gramática comparada das línguas europeias e à linguística em geral. Foi também o maior indo-europeísta do século, comparatista de inúmeras línguas antigas e modernas. Como disse Flores (2013a): Benveniste é um importante linguista do século XX, seu trabalho é de tal forma valoroso, que sempre se sobressai a seus dados biográficos em trabalhos a seu respeito.

também não é fácil de definir, porque apenas seu radical latino (*socio*) deu origem a toda uma área conexas às ciências humanas, além, é claro, de estar intrinsecamente ligada a outros campos, como: antropologia; linguística; e filosofia. Por último, a *cultura*, que se diferencia por atravessar (esses e outros) campos de estudo, caracterizando-se como um termo não homogêneo, podendo receber diferentes definições e/ou aplicações, está estreitamente ligado aos outros termos dessa trindade. Com isso, assumimos ser indiscutível a existência de uma relação produtora e latente entre esses termos, principalmente quando se consideram as lentes linguístico-benvenistianas pelas quais vamos observar um fenômeno da atualidade: a linguagem neutra².

Ao final de nossa conversa, constatamos que essa tríade é muito singular e que há, na linguística da enunciação, especificamente na teoria da enunciação de Émile Benveniste, uma forma de colocar em relação esses 3 termos e mobilizá-los para pensar em problemas atuais de linguística. Consideramos, então, nesse campo, a *linguagem neutra* um *problema* de investigação pertinente, e escolhemos as seguintes esferas (e contextos) para observá-lo: língua; sociedade; e cultura.

O uso da palavra “problema” acima merece um comentário: ele é feito a partir de um sentido muito específico, inspirado pelos trabalhos de Benveniste (1966, 2005; 1974, 2006) e Flores (2019). No primeiro, a ideia de *problema* comparece já no título dos 2 volumes de seu livro: *Problemas de Linguística Geral* (PLGs). O autor, no prefácio que faz ao primeiro volume da obra, explica a respeito do título o seguinte:

Os estudos reunidos nesta obra foram escolhidos entre muitos outros, mais técnicos, que o autor publicou nestes últimos anos. Se os apresentamos sob a denominação de ‘problemas’ isso se deve ao fato de trazerem em conjunto, e cada um em particular, uma contribuição ao grande problema da linguagem, que se formula nos principais temas tratados: encaram-se as relações entre biológico e o cultural, entre subjetividade e a sociedade, entre o signo e o objeto, entre o símbolo e o pensamento, e também os problemas da análise intralinguística. Os que descobrem noutros domínios a importância da linguagem verão, assim, a maneira como um linguista aborda algumas questões que

² Enquanto autor-pesquisador, faço parte da comunidade LGBTQIA+ e me identifico com os pronomes ele/dele. Trago essas informações visando afastar possíveis questionamentos sobre meu lugar de fala nesta dissertação. Cabe ainda corroborar que esse termo, conforme a filósofa Djamila Ribeiro (2017), é um dado de análise do discurso e não um dado impeditivo do discurso, diferenciando-se de outros termos como protagonismo e vivência. Em outras palavras, todas as pessoas têm lugar de fala, pois estão localizadas socialmente, o importante é pensar de forma crítica diferentes perspectivas ou realidades na sociedade tendo em vista o lugar de que falamos.

são obrigados a se propor e perceberão, talvez, que a configuração da linguagem determina todos os sistemas semióticos (BENVENISTE, 1966; 2005, p. 7).

Ora, a questão da linguagem neutra parece encaixar-se exatamente no que diz Benveniste, uma vez que vemos nela também algo que pode contribuir para o “grande problema” da linguagem, pois mobiliza questões nos níveis linguístico, social, interpessoal e identitário.

Flores (2019, p. 20) também movimentava a ideia de “problemas” para abordar o que, numa inversão do título da obra de Benveniste, chama de “problemas gerais de linguística”. Para o autor, há problemas que são gerais porque, implicados em toda e qualquer linguística; eles são, nesse sentido, transversais à reflexão sobre a linguagem em seu conjunto. Flores (2019) dá, a título de exemplo, o fenômeno da “aquisição de linguagem” que, segundo o autor, encontra espaço em qualquer reflexão linguística (mesmo que, muitas vezes, pela negação). Em outras palavras: as teorias linguísticas, em geral, garantidamente, abordam esse tema, o que configura a ideia de um problema transversal à reflexão linguística.

Assumimos que a discussão e a atenção que, na contemporaneidade, há em torno do fenômeno da linguagem neutra permitem caracterizá-lo como um *problema geral de linguística*, uma vez que, nesse fenômeno, também, pode-se ver uma relação de implicação na/da tríade língua, cultura e sociedade. Dito de outro modo: abordar a linguagem neutra tem, para nós, a envergadura de uma discussão que é, simultaneamente, geral de linguagem e geral de linguística.

Temporalmente, os estudos de Benveniste constituíram uma escola/rede de admiradores, produzindo, assim, desdobramentos e destaque para suas teorias ao longo de décadas. Consideramos que seja pertinente dizer que a questão da enunciação foi o pilar dos estudos sobre Benveniste de diversos pesquisadores dentro e fora do Brasil. Entretanto, acreditamos que nas últimas 2 décadas tenha ocorrido o que Aresi (2020) chama de “[...] alargamento epistemológico da teoria enunciativa” (ARESI, 2020, p. 19). O autor mostra que, a partir da teoria enunciativa titulada à Benveniste, é possível vislumbrar outras faces e aplicações. Assim, concordamos com Flores (2017) quando afirma que: “[...] há uma grande diferença entre considerar que há, em Benveniste, uma teoria da linguagem que supõe a noção de enunciação e considerar que a teoria da enunciação é o centro do pensamento de Benveniste” (FLORES, 2017, p. 80). É nesse

alargamento que vemos um lugar para este estudo emergir, tendo em vista convocar a teoria enunciativa de Benveniste para problemas de linguística e de linguagem que envolvam língua, sociedade e cultura, na busca por um espaço profícuo para uma reflexão que instigue caminhos, reconfigurações e aplicações dessa teoria. A partir disso, este estudo nasce como uma forma de prospecção de um olhar enunciativo-antropológico da relação da pessoa falante para com a sua condição de falante, observando o fenômeno da linguagem neutra.

Sobre a linguagem neutra, é possível dizer que existem diversas discussões e versões do tratamento que o fenômeno pode receber (dentro e fora dos estudos linguísticos). Essa heterogeneidade de cunho teórico, metodológico e mesmo fenomenológico pode ser comprovada também pela existência de diversas denominações que o fenômeno recebe, como por exemplo: linguagem neutra; linguagem não binária; linguagem inclusiva; linguagem neutral; entre outras. Ao longo do texto, escolhemos utilizar o termo linguagem neutra para nos referir a esse fenômeno, devido aos seguintes fatores: a) nossa concepção de linguagem ir ao encontro da definição benvenistiana proposta no dicionário de linguística da enunciação (2009): “[...] a linguagem está diretamente ligada à intersubjetividade uma vez que, como uma faculdade de simbolizar, ela é condição de existência do homem e como tal é sempre referida ao outro. A linguagem é constitutiva do homem na justa medida em que a intersubjetividade lhe é inerente”. Flores *et al.* (2009, p. 144); e b) outros autores como Medeiros e Borba (2021) e Cameron (2020) que também pesquisam esse fenômeno e utilizam esse termo. Além disso, vale salientar que existem diferentes propostas de abordagem do fenômeno: algumas, restritas à língua escrita, como por exemplo, o uso, em português brasileiro, de x ou de @ no lugar da desinência que marcaria o gênero gramatical (por exemplo: “todxs” ou “tod@s” no lugar de “todos” ou “todas”); outras, englobam a língua falada e a língua escrita, como por exemplo, o caso do *Manifesto ile*³ para uma comunicação radicalmente inclusiva, que propõe, entre outros pontos, a criação e o uso de novos pronomes, no português brasileiro, como “ile” e “dile”.

³ Manifesto criado pela *Diversity Box*, uma consultoria especializada em equidade social, que busca fomentar a diversidade em corporações e instituições, através de programas de conscientização, treinamento e sensibilização para comunicação. Esse manual defende a inclusão do gênero não binário na Língua Portuguesa e o uso de novos pronomes nos diversos espaços da sociedade. Para mais informações: <https://diversitybbox.com/pt>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Ainda, para deixar clara a relevância do tema, vale contemplar os seguintes dados: a) em uma rápida pesquisa do termo “linguagem neutra” no mecanismo de busca Google aparecem mais de 6.690.000 resultados, e, quando a pesquisa é realizada pelo termo traduzido *neutral language*, o resultado sobe para aproximadamente 3.010.000.000. Já em outra ferramenta, o Google Trends⁴, é possível ver que na seção “O que é”, quando os usuários pesquisam por “linguagem neutra”, soma-se em milhões o número de pesquisas entre o ano de 2020 e 2021; b) a maioria desses resultados se situa em países que estão acima da linha do Equador, onde a discussão de gênero, linguagem e linguagem neutra já está mais avançada, inclusive com reflexos práticos, como por exemplo: Alemanha; Canadá; e Suécia⁵.

Tendo em mente essas informações, podemos ver que a linguagem neutra vem sendo um *hot topic* e em diferentes esferas da sociedade elencamos alguns motivos que possam servir para explicar essa emergência de conteúdo, são estes: (a) conhecimento e compreensão: muitas pessoas estão interessadas em aprender mais sobre a linguagem neutra, suas características e como ela pode ser aplicada. Essa busca de informações para entender o conceito, as razões por trás dele e como incorporar a linguagem neutra em suas próprias comunicações; (b) utilização em comunicações pessoais: alguns indivíduos desejam adotar uma linguagem neutra em suas comunicações diárias, seja por identificarem-se como não binários ou por desejarem ser inclusivos e respeitosos com outras pessoas. Esses podem recorrer ao Google para encontrar orientações sobre como usar pronomes neutros, construir frases sem pressuposições de gênero e explorar outras formas de linguagem inclusiva; (c) discussões e debates: a linguagem neutra tem sido objeto de debates e discussões em diversos setores da sociedade. Pessoas que estão envolvidas nessas discussões, seja como defensores ou críticos da linguagem neutra, podem buscar informações para embasar seus argumentos, entender diferentes perspectivas e obter uma visão mais abrangente do tema ou (d)

⁴ É uma ferramenta gratuita do Google que permite acompanhar a evolução do número de buscas por uma determinada palavra-chave ao longo do tempo.

⁵ Bonis (2018) mostra que na Alemanha foi aprovado um projeto de lei que permitirá que pessoas intersexuais optem por um terceiro gênero em suas certidões de nascimento, além de feminino e masculino. De acordo com o Portal de notícias G1, no Canadá, em 2017 e 2018, foram aprovadas duas leis: uma lei que proíbe o desrespeito à identidade de pessoas transgêneros, incluindo o nome social e pronomes e a outra que alterou um trecho do seu hino nacional, que traz uma estrofe que diz “a todos vossos filhos comanda”, a lei então propõe substituí-la por “a todos nós comanda”. Na Suécia, conforme o Jornal O GLOBO, em 2015, uma das medidas adotadas foi a criação e a adição ao dicionário oficial (*svensk ordbok*) do país o pronome “hen”, que é de gênero neutro.

mudanças sociais e culturais: a busca por informações sobre linguagem neutra também reflete a crescente conscientização e interesse da sociedade em questões relacionadas à identidade de gênero, inclusão e diversidade. À medida que as discussões sobre esses temas se ampliam, as pessoas recorrem ao Google para se informar e engajar nesses assuntos.

Isto posto, é chegada a hora de delinear um entendimento prévio acerca do termo linguagem neutra sobre isso, concordamos com Mokwa (2019), quando ela afirma que a linguagem neutra ocasiona uma *grande revolução na sociedade*: “[...] que todas as suas partes sejam devidamente respeitadas em sua expressão de individualidade e incluídas no corpo social, sem qualquer distinção de gênero”. De acordo com Cavalcante (2022, p. 74), são muitas as questões levantadas sobre o uso do gênero neutro em português: a discussão pode considerar o gênero como uma categoria, tanto do plano semântico como do plano morfológico.

Do nosso ponto de vista, porém, o fenômeno da linguagem neutra — independentemente de sua permanência ou não no sistema de uma dada língua — suscita uma discussão de outra natureza, qual seja: os motivos que levam as pessoas falantes a quererem se marcar na língua dessa (ou de outra) forma. Falar sobre isso implica pensar sobre questões identitárias, culturais, subjetivas, performance, e de performatividade. Sobre a performatividade de gênero podemos adiantar que: (a) vamos discutir sobre esse tema com mais profundidade no capítulo 2 e; (b) a performatividade deve ser compreendida, de acordo com Butler (2008, p. 154) não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, como uma prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. O que, esperamos, se tornará claro no item a seguir é que as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa via performatividade para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual e isso também consolida-se como uma questão de linguagem, envolvendo também o estudo da pessoa falante ou do que Flores (2015; 2019) chama de Antropologia da Enunciação. Em trabalho anterior, Freisleben e Oliveira (2021) mostram que um “problema” como o da linguagem neutra, em se tratando do indivíduo no que tange ao social e ao sujeito no discurso, é um fenômeno de grande

valia a ser estudado pelos vieses enunciativo e antropológico, pois tais perspectivas enfocam o homem⁶ e suas relações interlocutivas, sociais e culturais.

Nesse cenário, acreditamos que o fenômeno da linguagem neutra, tratado também pelas lentes da Teoria Enunciativa, é um lugar fértil para reflexões epistemológicas, com vistas a elaborar um construto teórico sobre o tema. Olhamos para esse fenômeno a partir do movimento que Flores (2019) chama de: “[...] postos de observação da linguagem, *a partir dos quais* se pode olhar a linguagem, ao mesmo tempo, em que são pontos *nos quais* se pode olhar a linguagem” (FLORES, 2019, p. 22, grifos do autor). Acreditamos, ainda, que este seja um dos fenômenos que permite surpreender a experiência da pessoa na sua condição de falante.

Nesse sentido, o problema norteador de nossa pesquisa visa entender em que medida o uso da língua como uma forma (ou mecanismo) de performatividade (BUTLER, 2008) da marcação identitária no discurso indica os termos da relação da pessoa falante com a língua. E esse problema nos levou a colocar outras questões:

- a) A performatividade de gênero pode ser lida a partir da ideia de enunciação?
- b) A pessoa falante, ao querer se marcar identitariamente na língua, delinea um lugar de performance de gênero?
- c) Por que as pessoas querem trazer a discussão identitária para o âmbito linguístico?

Tendo construído este breve panorama e tendo colocado os questionamentos que nortearão esta pesquisa, é possível assumir que os objetivos deste trabalho dizem respeito a uma dupla instância: teórica e aplicada.

Teórica, no sentido de buscar contribuir para amplitude da *Teoria da Enunciação* de Benveniste e da *Antropologia da Enunciação* proposta por Flores⁷ (2015; 2019) e da *Teoria de*

⁶ Utilizamos a palavra “homem” com a acepção genérica de “ser humano”.

⁷ Valdir do Nascimento Flores (1969) é professor-pesquisador titular em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS. Nos últimos anos, suas pesquisas (CNPq) têm buscado desenvolver uma perspectiva antropológica de abordagem da enunciação.

gênero elaborada por Butler⁸ (2001; 2003). Já no que se refere à instância aplicada, temos por intuito: i) aferir como o fenômeno da linguagem neutra, também discutido por outras teorias⁹, pode se desenvolver na dimensão enunciativo-antropológica; ii) formular novos olhares para temas atuais que permeiam língua, sociedade, cultura e falantes; e iii) auxiliar na formação de linguistas, professores e pessoas da sociedade em geral que refletem sobre o fenômeno da linguagem neutra.

Nesse ínterim, ao trazermos a perspectiva de uma teoria da linguagem para esse “problema” que desperta atenção de diversas esferas da sociedade, acreditamos estar contribuindo para estimular o fazer científico no campo dos estudos da linguagem, concordando com Hoff (2021, p. 244) quando diz: “[...] reforça-se a importância da reflexão de Benveniste, não somente para a chamada linguística da enunciação, mas para a linguística como um todo e, conseqüentemente, para as ciências humanas”. Em específico sobre a Enunciação, consideramos que este estudo possa ser útil para pesquisas que busquem investigar aspectos enunciativos e antropológicos de fenômenos atuais e práticos, na/da realidade, visto que:

É na prática social, comum no exercício da língua, nesta relação de comunicação inter-humana, que os traços comuns de seu funcionamento deverão ser descobertos, pois o homem é ainda e cada vez mais um objeto para ser descoberto, na dupla natureza que a linguagem fundamenta e instaura nele (BENVENISTE, 1968; 2005, p. 104).

Entendemos que esta dissertação também pode servir de exemplo do que Benveniste (1988; 2005, p. 16) chamou de “[...] o estudo da impressão da cultura na língua [...]”, indo além de implicações gramaticais ou lexicais (*stricto sensu*), buscando encadeamentos com questões que versem sobre o sujeito, seus grupos e suas relações (*lato sensu*) em formas de ser, existir e significar no discurso.

Dito isso, cabe antecipar que este trabalho se encontra dividido em 3 capítulos. O primeiro capítulo, “Entendendo o x do “problema”: gênero(s) e o fenômeno da linguagem neutra”, divide-se em 3 itens e apresenta: (a) a contextualização sobre gênero gramatical, sexo e gênero social,

⁸ Judith Butler (1956) é uma filósofa, teórica e acadêmica americana que se tornou referência fundamental nos estudos de gênero atuais. Suas principais linhas de pesquisa são: feminismo e teoria *Queer*.

⁹ Outras teorias já fizeram algumas incursões sobre o tema, como, por exemplo: a Sociolinguística e a Linguística *Queer*. Para mais detalhes sugere-se a leitura de Borba 2020b: *Discursos transviados: por uma linguística queer*.

buscando deixar claras as diferenças e qual o ponto de vista por nós adotado; em seguida, (b) construir um panorama de como diferentes países entendem e abordam esse fenômeno; por fim, (c) apresentar considerações parciais sobre a linguagem neutra, buscando trazer argumentos para uma prospecção sobre esse cenário, além de encaminhamentos para o próximo capítulo.

No segundo capítulo, intitulado “Um olhar prospectivo e (trans)teórico para a enunciação” situamos, em primeiro lugar, a *Teoria enunciativa* de Benveniste da seguinte forma: (a) relacionando-a ao campo mais amplo do qual faz parte, a *Linguística da enunciação*; posteriormente (b) situando-a teoricamente por meio de alguns textos e termos-chave do autor; (c) olhando para alguns leitores da teoria como: Dessons (2006), Fenoglio (2019) e Flores (2015; 2019), para buscar nos textos desses autores possíveis perspectivas/desdobramentos teóricos que possam ser apreendidos com base na *Teoria da Enunciação* de Benveniste; (d) aprofundando a Antropologia da Enunciação proposta por Flores (2015; 2019), em especial quanto aos aspectos metodológicos, tendo em vista que a pessoa falante e sua experiência ocupam um lugar central dentro dessa teoria enunciativo-antropológica; (e) abrindo espaço para aproximar e discutir questões sobre performance e performatividade da teoria de gênero de Butler (2001; 2003), a partir do campo enunciativo; finalmente, (f) olhando para a performatividade de gênero na língua a partir da enunciação e da Antropologia da Enunciação.

No que lhe concerne, no terceiro capítulo, “*Facio, ergo sum!* Para além do comunicar: a língua como testemunha do ser a partir de atos enunciativos e identitários” serão apresentados os princípios de análise que serão utilizados na proposição de uma análise tanto de viés enunciativo quanto antropológico tendo em vista a referência que pode ou não ser construída na performatividade de gênero. Nosso corpus será composto de 3 textos, são eles: a) comentários de um grupo de linguistas no Facebook; b) falas transcritas do programa Opinião Rede TV e; c) uma enquete feita com estudantes em forma de reportagem realizada pelo Jornal Zero Hora. Munidos desse *corpus* e princípios teóricos, no quarto capítulo nos preocupamos também em desenvolver análises demonstrando como opera essa metodologia em um *corpus* de dados da vida real.

No último capítulo, “O *close* final” realiza-se uma retomada da narrativa desta dissertação buscando refletir sobre a trajetória do texto, visando responder alguns questionamentos que surgiram ao longo da escrita, juntamente com algumas considerações finais sobre o trabalho teórico

realizado. Dito isso, nos resta esclarecer que ficamos esperançosos que este trabalho venha a contribuir não somente com os estudos sobre a teoria enunciativa de Benveniste e a teoria da Antropologia da Enunciação, mas também possa dar a ver questões que podem motivar àqueles que se interessam por questões de Linguagem, Gênero e de Linguística em geral.

Por fim, é importante lembrar que no fazer científico tudo começa com uma inquietação, uma ideia, uma curiosidade, algo que desperta o interesse da pessoa que faz pesquisa e, logo em seguida, isso pode se tornar uma paixão, e no decorrer dos percursos e percalços que a academia propõe (e impõe) esse sentimento pode mudar e se transformar em amor (em nosso caso, amor à língua). É a partir desse amor que trabalhos como este também são passíveis de produção. Afinal, a língua pode ser tanto objeto de uma ciência como objeto de amor, e esse amor é bem determinado, como podemos ver em Milner (1987, p. 25):

- Quando se diz amar a língua, é propriamente de um determinado amor que se trata;
- a língua que está aí em causa é justamente aquela que a linguagem tem de conhecer;
- é por esse entrecruzamento que se pode descobrir o ponto no qual o desejo vem corromper uma ciência humana [...].

Trabalhamos com a certeza de que muito ainda há por se dizer sobre a relação entre língua, linguagem e cultura. O que aqui apresentamos, enfim, é um olhar prospectivo acerca de um fenômeno que mobiliza também esses 3 termos. Além disso, é importante frisar que este texto tem a marca da pluralidade de sujeitos, pois nunca fazemos nada sozinhos. Este trabalho só foi possível graças à leitura atenta, às orientações e interferências de meu orientador, e, por isso, optei pelo uso do pronome *nós* também como a marca subjetiva deste trabalho. Dito isso, fica aqui o convite à leitura dos caminhos percorridos nesta dissertação.

CAPÍTULO 1 - ENTENDENDO O X DO “PROBLEMA”: GÊNERO(S) E O FENÔMENO DA LINGUAGEM NEUTRA

Gênero não é algo que é, é algo que se faz, um ato... um “fazer” em vez de “ser”. Não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída pelas próprias “expressões” que dizem ser seus resultados. Se o caráter imutável do sexo é contestado, talvez essa construção chamada “sexo” seja culturalmente construída como gênero; de fato, talvez fosse sempre gênero, com a consequência de que a distinção entre sexo e gênero acaba por não ser uma distinção.

(Judith Butler)

O debate sobre a linguagem neutra está bastante inflado, dividindo linguistas, ativistas e mexendo com a estrutura de alas e de opiniões conservadoras da sociedade, ainda mais quando pessoas públicas e famosas se identificam como não binárias e passam a demandar o uso da linguagem neutra por meio dos pronomes de tratamento, também neutros, para se comunicarem com seus admiradores. Casos práticos, como o uso do termo “Alunx” pelo colégio carioca Pedro II¹⁰, ou como o posicionamento do Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin¹¹, de suspender a lei do estado de Rondônia, que proíbe a linguagem neutra na grade curricular e no material didático, fazem com que essa discussão também seja incitada para outras esferas além dos movimentos feministas e LGBTQIA+¹², ocupando mais espaço e visibilidade em termos de discussões e de opiniões, no âmbito da sociedade em geral.

¹⁰ De acordo com o Jornal Gazeta do Povo, o Colégio Pedro II, instituição de ensino público federal do Rio de Janeiro, comunicou à comunidade escolar afirmando que está promovendo estratégias para adotar a chamada linguagem neutra de gênero nos espaços formais e informais de aprendizagem da escola.

¹¹ Segundo portal de notícias Consultor Jurídico, o Ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, suspendeu a estadual n.º 5.123/2021 do estado de Rondônia que proíbe a denominada linguagem neutra na grade curricular e no material didático de instituições locais de ensino, públicas ou privadas, e em editais de concursos públicos.

¹² De acordo com a organização Fundo Brasil a sigla LGBTQIA+ significa Lésbicas: mulheres que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero; Gays: homens que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero; Bissexuais: homens e mulheres que sentem atração afetivo/sexual pelos gêneros masculino e feminino; Transgênero: não se refere a uma orientação sexual, mas a identidade de gênero de pessoas trans, elas podem ser transgênero, travesti ou pessoa não binária; Queer: pessoas que transitam entre as noções de gênero, ou seja, a orientação sexual e identidade de gênero não são resultados da funcionalidade biológica, mas de uma construção social; intersexuais: a pessoa intersexo está entre o feminino e o masculino, suas combinações biológicas e desenvolvimento corporal não se enquadram na norma binária (masculino ou feminino); assexuais: pessoas que não sentem atração sexual por outras pessoas; e o +: aparece

Um pequeno reflexo dessa amplitude de visibilidade pode ser visto nas seguintes atitudes:

i) no movimento contra o uso da linguagem neutra, por meio de leis apresentadas em diversos estados do Brasil, somando-se pelo menos 34 (trinta e quatro) projetos¹³ que visam a proibir a utilização dessa linguagem; e ii) o veto do uso da linguagem neutra nas escolas municipais e na comunicação externa dos órgãos governamentais feito por vereadores da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, através da aprovação de um projeto de lei¹⁴.

Os exemplos acima são suficientes para mostrar que esse fenômeno possui, no mínimo, 2 vieses: um, que vamos intitular de *social e identitário*, que trata sobre questões de representatividade e identidades de gênero provenientes dos movimentos feministas e LGBTQIA+; o outro, que consideramos propriamente *linguístico* e parte do princípio de que as pessoas estão começando a discutir sobre o uso da língua como uma forma de testemunho ou mecanismo de evidência de sua identidade, via marcação no discurso.

Nesse sentido, pretendemos, neste capítulo, primeiramente, discutir sobre *gênero gramatical*, *sexo* e *gênero biopsicossocial*, visando esclarecer uma confusão que é geralmente feita sobre esses 3 termos. Desse modo, para trazer uma abordagem sobre gênero gramatical, partiremos dos estudos de Corbett (1991) e Câmara Júnior (1982; 2007). Já, para discutir gênero pelo viés social, recorreremos às ideias de Butler (2001; 2003) e Lanz (2011). Julgamos necessária essa apresentação para que o leitor entenda algumas das razões que fazem as pessoas surgirem com essa demanda, tanto pelo viés social quanto pelo linguístico. Enfim, concordamos com Von Hunty, quando em seu vídeo, do canal *Tempero Drag* (2020) ela fala que:

para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não aparecem em destaque antes do símbolo.

¹³ Em 19 estados brasileiros e no Distrito Federal, o uso de gênero neutro na língua portuguesa é tema de projetos de lei. Ao todo, 34 propostas tramitam em Assembleias Legislativas do país. Os lugares com mais projetos desse tipo, cada um com três propostas, são Distrito Federal, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e Santa Catarina. O Sudeste é a região onde há maior concentração de proposições, 11, seguido do Nordeste, com 10, e do Centro-Oeste e Sul, ambos com seis. No Norte, apenas o Amazonas discute o assunto, além de Rondônia, que se tornou o primeiro estado a aprovar uma legislação sobre o tema e ser revogada conforme decisão do Ministro Edson Fachin.

¹⁴ A Câmara Municipal de Porto Alegre aprovou em maio de 2022 o Projeto Lei n.º 5.198/2020 que vetaria o uso da linguagem neutra em escolas da capital, também estabelece o uso da norma culta em toda a comunicação realizada por parte da administração pública municipal direta e indireta. Foram 20 votos favoráveis à proposta e 11 contrários. O texto segue para sanção do Executivo.

[...] as línguas são ao mesmo tempo, formadoras e informadoras das realidades, pessoas em diferentes tempos históricos e realidades, trabalham línguas diferentes [...] a história da humanidade é composta de vários fatores, um dos mais curiosos é esse: como as línguas se alteram e se transforma em novas coisas para de certa forma acompanhar o caminhar dos tempos. Por exemplo, a palavra computador, até meados do século vinte, não designava a máquina, mas era uma palavra usada para seres humanos que faziam cálculos. Hoje quando a gente fala computador dificilmente a gente pensa em uma pessoa que computa, mas numa máquina que computa. As palavras carregam consigo histórias de transformações sociais e essas alterações da realidade provocam também alterações da e na linguagem, mas também é importante saber que alterações na e da linguagem podem propor alterações da realidade. Pensar uma linguagem neutra é acompanhar o caminhar dos tempos, estamos dando início ao século XXI, estamos em 2020, a gente consegue abrir mão de algumas palavras e dizer que elas não são mais bem-vindas nesta realidade, porque a gente gostaria de construir outro tipo de realidade. O ser humano tem essa preocupação quase *sine qua non* de olhar para as coisas e nomeá-las e a partir do momento que ele as nomeia ele percebe suas existências [...] perceber, portanto, que a gente vive numa sociedade onde existe violência de gênero, onde existe violência contra pessoas LGBT, onde existe o apagamento das nossas identidades, pode nos propor uma mudança estrutural nos sistemas linguísticos (transcrição nossa).

A partir da revisão teórico-conceitual acima, será possível passar para o segundo item deste capítulo, um panorama sobre o fenômeno da linguagem neutra, que aborda a história do fenômeno, com exemplos atuais de seu uso e com diferentes perspectivas encontradas. Pretendemos mostrar as nuances, por exemplo, entre os termos *linguagem neutra*, *neolinguagem* e *linguagem inclusiva*. Fazemos essa discussão embasados nos estudos de: Borba (2014; 2020); Borba e Lopes (2018); Colling (2015); e Cavalcante (2022). Nesse mesmo item, tratamos também da forma como outros países abordam essa questão, a fim de mostrar um panorama sobre o fenômeno. Por fim, no último item, fazemos um apanhado com nossas considerações e com nossos argumentos, como forma de sistematizar nossa perspectiva sobre o tema, pois, conforme entrevista dada ao Portal de Notícias Observatório G, Valente (2021) diz que:

Precisamos olhar para este assunto com seriedade, se queremos, realmente, entendê-lo de maneira honesta e não, simplesmente, transformar mais um assunto complexo em mero tema para disputas partidárias e ideológicas, frases de efeito e baixarias sem fim [...] Do ponto de vista dos estudos linguísticos, quando falamos de uma língua, estamos falando de algo que tem, pelo menos, duas dimensões: uma estrutural formada por sons, palavras, frases, que pode ser representada pela fala ou pela escrita, conhecida pelo senso comum como gramática; outra que é a do uso da linguagem para expressar emoções, ideias, propósitos, identidades, etc., em variadas situações de comunicação [...] Não faz sentido

criar um cavalo de batalha sobre isso com tantas questões mais importantes a serem resolvidas. As pessoas estão apenas pedindo para serem ouvidas, para serem respeitadas. Que mal há nisso? Em que fere a moral, os bons costumes, a soberania nacional, a suposta pureza da língua uma discussão sobre igualdade e inclusão? Ou será que o incômodo é outro? (VALENTE, 2021).

Nesse sentido, julgamos necessário aprofundar o debate sobre esse assunto que pode ser tanto polêmico quanto espinhoso para diferentes pessoas e/em cenários da sociedade. Este trabalho surge com a esperança de lançar uma luz sobre a questão da linguagem neutra, principalmente pelo fato de que se faz cada vez mais necessário refletir a respeito das questões inerentes à língua, à linguagem e às pessoas falantes. Luz essa que será projetada pelo prisma enunciativo-antropológico e butleriano.

Dito isso, é importante reafirmar que é preciso refletir sobre fenômenos em que falantes se propõem a discutir e convocar demandas da língua. Por isso, acreditamos que este trabalho seja também uma forma de ver esse fenômeno. Nas palavras de Flores (2019, p. 22), entendemos que esse fenômeno “[...] permite surpreender a experiência do homem na sua condição de falante”¹⁵. Um “problema” como o da linguagem neutra, que trata do indivíduo no que tange ao social e o sujeito e a pessoa falante no discurso, é um fenômeno de grande relevância, principalmente ao ser estudado pelas óticas enunciativa, antropológica e butleriana, pois tais perspectivas possuem como foco o ser humano e suas relações interlocutivas, sociais, e culturais de gênero.

1.1 NO TÚNEL DO TEMPO: SEXO, GÊNERO(S) E LINGUAGEM NEUTRA

Ao se fazer uma breve pesquisa sobre a palavra gênero, constata-se que sua raiz advém do Latim *genus*, que significa “nascimento”, “família” ou “tipo”. O termo *gênero* pode ser utilizado como conceito gramatical de classificação de palavras dividindo-se, dependendo da língua, em masculino, feminino e neutro. Embora em sua origem no Grego *γένος* (*génos* e *geneã*) também fizesse referência ao sexo. Conforme Lima (2006) foi somente a partir do século XV, que a

¹⁵ Flores utiliza a palavra “homem” com a acepção genérica de “ser humano”.

associação do sexo com o gênero passou a ser feita, ou seja, o termo *gênero* passou a ser sinônimo do sexo biológico dos indivíduos.

Ainda nesse viés, é interessante ressaltar que, de acordo com Laqueur (2001), até o século XVIII, no ocidente, o modelo unissex dominava a forma de se conceber os sexos das pessoas. Em outras palavras, acreditava-se que os corpos dos homens e das mulheres tinham órgãos genitais iguais, sendo que nas mulheres localizavam-se no interior de seus corpos. Durante a vigência desse modelo, o gênero era concebido como algo cultural; ser homem ou mulher era uma condição social, atrelada a costumes, vestimentas, entre outros; o sexo biológico não era especificamente um fato determinante, era apenas um epifenômeno de existência das pessoas. O modelo binário (masculino/feminino), que predomina em diversas realidades na atualidade, surgiu no final do século XVIII. Ainda de acordo com Lima (2006), alguns pensadores da época começaram a insistir na distinção radical entre os sexos, afirmando inclusive que homens e mulheres diferem física e moralmente.

Munidos dessas informações, entendemos que gênero pode ser visto por (no mínimo) 2 prismas: (a) seres que têm (ou não) origem comum ou similitudes naturais e; (b) objetos inanimados passíveis de classificação em mesma categoria, como os gêneros masculino, feminino e neutro, que podem organizar nomes em diferentes categorias em algumas línguas. Nesse primeiro momento, pretendemos abordar de forma breve a questão do gênero na língua para auxiliar a entender posteriormente sua relação com sexo e gênero biopsicossocial, tendo em mente que essa relação possa servir para melhor compreender o fenômeno da linguagem neutra.

É importante deixar posto que não buscamos fazer uma discussão gramatical sobre o conceito de gênero¹⁶ ampla e exaustiva. Buscamos apenas refletir, de forma conceitual, sobre o gênero e sua relação com a língua. Em um segundo momento, será possível explicar como o gênero é entendido como construção social e a sua relação e distanciamento com o sexo biológico. Por fim, será apresentado um panorama sobre o fenômeno da linguagem neutra, trazendo exemplos e

¹⁶ Nosso enfoque será limitado à abordagem mattosiana sobre gênero, pois nossa intenção é apenas ilustrar uma abordagem linguística *stricto sensu*. Seguimos esse ponto de vista, inspirados também em trabalhos e autores que compõem a obra *Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate*.

aplicações que mostram que essas formas já estão inseridas em nosso cotidiano e em diversas sociedades do mundo.

1.1.1 O gênero como conceito na língua

Para começar, é preciso dizer, de forma resumida, que sobre gênero gramatical na escola aprendemos que as palavras em português são definidas como “femininas” ou como “masculinas”. Essas palavras têm características diferentes: i) há as que apresentam gênero único, como *lanterna* (apenas o gênero feminino); ii) há as que têm 2 gêneros, como *moço/moça*; iii) há aquelas em que os 2 gêneros não implicam oposição de membros de uma mesma espécie, como *bolo* e *bola* e; iv) há ainda aquelas em que o gênero é marcado no artigo, como em *o/a* adolescente.

Outro ponto interessante que o ensino escolar enfoca diz respeito às formas masculinas, quando em oposição a formas femininas, como em *moço/moça*, são consideradas formas *não marcadas*, enquanto o feminino é considerado a forma *marcada*¹⁷.

Essas características gerais e introdutórias são suficientes para levar à conclusão de que o gênero gramatical é uma categoria específica e não deveria causar enganos quando relacionado com outras como *sexo* ou *gênero biopsicossocial*, por exemplo. Durante muito tempo, essa distinção foi minimizada, e o debate em torno da questão do gênero social foi-se enraizando em alguns equívocos interpretativos, como por exemplo: a) o jornal noticia a morte de uma mulher trans, mas usa um pronome masculino para identificar a vítima e; b) em específico, o caso divulgado pelo Jornal Metrôpoles, onde repórteres tratam Demi Lovato¹⁸ por pronomes femininos mesmo ela se identificando globalmente como uma pessoa não binária.

¹⁷ Com relação à definição de formas marcadas e não marcadas é viável trazer a seguinte definição de Dubois (2014, p. 372) sobre os termos *marcado* e *não marcado*: “[...] diz-se de uma unidade linguística que ela é *marcada* quando possui uma particularidade fonológica, morfológica, sintática ou semântica que a opõe às outras unidades de mesma natureza da mesma língua. Essa unidade marcada é, então, o caso marcado de uma oposição binária em que o termo oposto, privado dessa particularidade, é chamado *não marcado* (V. MARCA)” (grifos no original).

¹⁸ É uma personalidade estadunidense que atua como artista de canto, composição e atuação.

Além disso, é necessário considerar que o gênero das palavras não é algo estático e pode mudar ao longo do tempo. Por exemplo, a palavra *planeta*, que já foi feminina¹⁹ e hoje é masculina, ou então palavras cujo uso pelos falantes oscila entre 2 gêneros como: *a/o omelete*; *a/o diabete*; *a/o jurista*; *a/o intérprete*; *a/o estudante*; entre outros. As razões para essas mudanças podem ser variadas e incluem, ao contrário do que muitos linguistas e gramáticos difundem²⁰, fatores considerados externos à língua, a saber, as relações de pessoas falantes com o mundo. Alguns exemplos do que defendem esses linguistas são encontrados a seguir: (a) em entrevista do Jornal Rede TV com uma famosa professora/gramática ao tratar sobre a linguagem neutra coloca esse tema como algo “desnecessário” e “um desrespeito a língua portuguesa”; podemos encontrar um comportamento semelhante quando; (b) professor, Doutor em Linguagem e Sociedade e autor da obra intitulada *Linguagem neutra de gênero* (2021), aborda a temática da linguagem neutra da seguinte forma, em fala de seu canal no Youtube: “[...] linguisticamente falando não faz sentido e que o português é a língua mais evoluída das línguas neolatinas [...]” por fim; (c) em entrevista divulgada pelo jornal Folha de São Paulo, uma professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Doutora e ganhadora do prêmio Ester Sabino²¹ assume um posicionamento dúbio sobre esse tema mostrando: ser possível que alterações propostas pelas pessoas venham a fazer parte do sistema de uma língua ao mesmo tempo que na história não existem casos de alteração de sistemas linguísticos bem sucedidos.

Se a distinção linguística entre masculino e feminino parece já estabelecida, é bom mencionar que cada idioma possui a sua própria ideia quando o assunto é gênero. Se entendermos o gênero gramatical como Corbett (1991, p. 7): “[...] uma propriedade universal nas línguas do

¹⁹ Acerca das acepções da palavra planeta ao longo do tempo, consultamos o Portal Ciberdúvidas da Língua Portuguesa (2007).

²⁰ Aqui serão colocados os seguintes exemplos: i) Entrevista do Jornal Rede TV com uma famosa professora/gramática tratando a discussão sobre a linguagem neutra como algo “desnecessário” e “um desrespeito a língua portuguesa”; ii) Fala em seu canal no Youtube (Pablo Jamilk) um professor e Doutor em Linguagem e Sociedade mostrando que para ele a linguagem neutra: “linguisticamente falando não faz sentido e que o português é a língua mais evoluída das línguas neolatinas”; iii) Entrevista divulgada pelo jornal Folha de São Paulo, em que uma professora e Doutora assume um posicionamento dúbio sobre esse tema mostrando: a) ser possível que alterações propostas pelas pessoas venham a fazer parte do sistema de uma língua ao mesmo tempo que b) na história não existem casos de alteração de sistemas linguísticos bem sucedidos.

²¹ O Prêmio Ester Sabino é destinado para mulheres cientistas, concedido pelo Governo de São Paulo a pesquisadoras de destaque, buscando valorizar a contribuição de mulheres à ciência em São Paulo.

mundo, existindo apenas em algumas e manifestando-se de formas muito diversas [...]”, podemos destacar algumas línguas, como as fino-ugrianas,²² que não têm gênero gramatical definido, enquanto outras podem ter cerca de uma dezena de gêneros gramaticais, como o Wolof²³. Entretanto, nas línguas indo-europeias, como o português, existem geralmente 2 ou 3 gêneros, que se baseiam em parte na percepção de diferença sexual entre os indivíduos (CORBETT, 1991, p. 10-11).

Segundo Câmara Júnior (2007): “[...] a flexão de gênero é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português [...]” (CÂMARA JÚNIOR, 2007, p.88), e essa confusão pode ocorrer por 2 fatores: (i) pela associação de gênero gramatical estar intimamente ligada ao sexo dos seres e; (ii) por não existir a distinção imprescindível entre flexão de gênero e alguns processos lexicais ou sintáticos para a indicação de sexo. Assim:

Tal interpretação, a única objetiva e coerentemente certa, se se estende aos casos em que um sufixo derivacional se restringe a um substantivo em determinado gênero, e outro sufixo, ou a ausência de sufixo, em forma nominal não-derivada, só se aplica ao mesmo substantivo em outro gênero (CÂMARA JÚNIOR, 2007, p. 89).

O autor, ao fazer esse movimento, explica o que ocorre em palavras como *imperador* e *imperatriz*. Os sufixos –dor e –triz não são flexionais, mas sim derivacionais. No caso do exemplo dado, as 2 palavras têm entre si uma ligação semântica. Esse tipo de relação nos leva também ao problema primeiro, que é confundir gênero gramatical com gênero biopsicossocial, fazendo com que a questão, de certa forma, se retroalimente. O gênero social pode ser entendido como uma construção, de acordo com Butler (1990; 2022, p. 242):

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada

²² As línguas fino-úgricas ou fino-ugrianas são um grupo de línguas faladas por cerca de 25 milhões de pessoas, em áreas limitadas, desde a Finlândia, a Lapónia e a Hungria até a Sibéria oriental.

²³ Língua falada na África Ocidental, principalmente no Senegal, mas também na Gâmbia, Mauritânia, Guiné-Bissau e Mali. É a língua nativa do grupo étnico uolofé. Pertence à família das línguas nígero-congolesas.

de atos. O efeito de gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma temporalidade social constituída (BUTLER, 1990; 2022, p. 242, grifo da autora).

Desse modo, existem relações que têm uma funcionalidade no gênero gramatical e outra funcionalidade no gênero biopsicossocial, que se distanciam do conceito de sexo. As confusões às quais Câmara Júnior se refere, de modo geral, vão ao encontro do que uma parcela do movimento LGBTQIA+ reivindica na língua, uma vez que há confusão no entendimento das diferenças e da relação entre gênero e sexo. Confusão essa que pretendemos esclarecer e abordar no próximo subitem.

1.1.2 Sexo, gênero(s) e outras construções pertinentes

Desde a Grécia Antiga (e talvez até mesmo antes), temos, enquanto seres humanos, essa condição quase *sine qua non* de ver e dar nome às coisas e/ou acontecimentos por meio das palavras. Platão (2001) já discutia sobre a pressuposição de que nomear era como considerar, de fato, a existência de algo; ao analisar a relação dos nomes com o estado de coisas no mundo, ele formula a famosa ontologia dos nomes²⁴: se há um nome, é porque há o que é nomeado. Para Platão (2001), a nomeação é uma das funções da linguagem, como um mecanismo, seguindo o seu próprio exemplo, um furador que utilizamos para perfurar, ou uma lançadeira (carretilha) que usamos para tecer. Com isso, nomear é designar (rotular) algo, e isso, segundo Platão, significa dar informação da coisa designada aos outros.

²⁴ De acordo com Moreira (2010, p. 2915), para Platão, nada pode ser afirmado com sentido acerca do nada, do não ser, pois sobre o não ser não há significado. Então nada se poderia falar sobre ele com sentido porque ele não faz parte da realidade. Usar um nome é como um compromisso que se estabelece. Um compromisso de que aquilo existe na realidade sendo, portanto, verdade. Platão começa a fazer associação entre a nomeação e a identidade. Se nomear é designar algo sobre algo, e isso é informar e distinguir essa coisa das demais conforme as suas próprias características, então nomear é um ato de identidade, que promove a identidade. Nomear separa através da diferenciação uma coisa da outra, separa e difere os seres, estados de coisas. E cria a identidade.

Nesse contexto, a nomeação de algo ou de algum acontecimento geralmente está também associada ao surgimento de uma palavra. Sobre isso, concordamos com Júlio Cortázar (2008, p. 79), quando em seu livro *Valise de Cronópio*, diz que: “O empreendimento da palavra é se lançar sob novas realidades”. E, por outro lado, essas mesmas palavras também podem gerar desentendimentos, como já salientava Saint-Exupéry (1943, p. 54): “As palavras são sempre uma fonte de mal-entendidos”.

Ora, para evitar algum mal-entendido proveniente dessa condição de nomeação das palavras, pareceu-nos pertinente começar esclarecendo e definindo alguns conceitos importantes com os quais operamos neste trabalho: gênero gramatical (já explicado anteriormente); sexo; gênero biopsicossocial²⁵ e; posteriormente, linguagem neutra. Desse modo, trazemos algumas definições sucintas de termos, acreditando que isso facilitará a leitura dos próximos itens.

i. Identidade de gênero: “[...] processos biopsicossociais pelos quais cada pessoa constrói um sentido de si (feminino, masculino ou outro), independentemente do sexo biológico atribuído à nascença” (LEV, 2004, p. 80). Em outras palavras, é uma experiência interna e pessoal face às construções sociais e históricas de gênero.

ii. Expressão de gênero: “[...] forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com as expectativas sociais de um determinado gênero” (LEV, 2004, p. 74.). De outro modo, está ligado aos aspectos culturais da sociedade em que a pessoa vive.

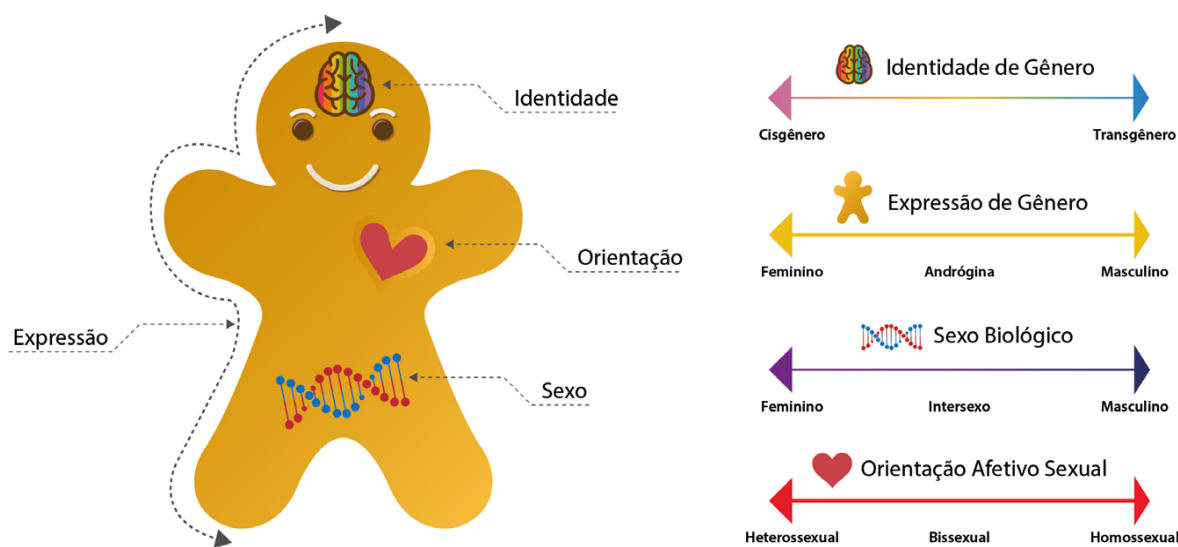
iii. Sexo biológico: atribuído à nascença, ao biológico, como “macho” ou “fêmea”. Refere-se ao sexo anatômico, reprodutivo, morfológico e cromossômico. Contudo, a sexualidade humana não se restringe à redutora concepção binária: masculino e feminino (STRYKER, 2006, p. 8).

iv. Orientação afetiva sexual: é a atração ou ligação afetiva que se sente por outra pessoa (MONEY, 1998, p. 32).

²⁵ Ao longo do texto utilizamos a expressão *gênero biopsicossocial* como correspondente de *gênero social*, pois essa é uma expressão atualizada e utilizada na literatura sobre o tema. O modelo biopsicossocial é uma abordagem multidisciplinar que compreende as dimensões biológica, psicológica e social de um indivíduo.

Visando um entendimento mais didático desses termos, utilizamos a ilustração abaixo, disponibilizada virtualmente pela prefeitura do Rio de Janeiro, em seu *Guia da diversidade LGBT* (2019):

Figura 1 - Biscoito de gênero.



Fonte: Site da Prefeitura do Rio de Janeiro (2022).

Mesmo com essas definições sucintas sobre os termos acima, é interessante explorar mais sobre o conceito de gênero, pois esse está intrinsecamente ligado ao fenômeno da linguagem neutra, nosso objeto de reflexão neste trabalho. No cenário atual, ainda pode persistir algum desconforto e/ou confusão ao falar das diferenças entre sexo e gênero biopsicossocial. Não é difícil encontrar, no senso comum, pessoas que ainda acreditam que gênero pode ser definido pelo sexo biológico com o qual uma pessoa nasce. Essas informações apontam na contramão das discussões que tomam a esfera dos estudos de gênero e reafirmando o binarismo de gênero. O binarismo de gênero ou binário de gênero pode ser entendido como qualquer classificação das categorias de identidade “sexo” e “gênero” que se dê de 2 formas distintas que, por sua vez, carregam poder de maneira desequilibrada. No binário de gênero existem – e existem apenas – a mulher/feminino e o homem/masculino.

Inicialmente, para adentrar o universo desses temas, será discutido o conceito de sexo, pois consideramos ser um termo base onde podemos ancorar ou contrastar os outros, além, é claro, de ser relativamente fácil seu entendimento.

Partindo dos estudos de Oakley (1972), o sexo é caracterizado como um termo biológico que designa o que é homem ou mulher. Assim, o sexo está diretamente ligado a características físicas, como: genitálias; gônadas; hormônios; e cromossomos. Sobre isso, é relevante também trazer o que diz Lanz (2011, p. 329):

Na espécie humana, foram ‘cientificamente reconhecidos’ até o momento apenas 4 tipos de sexo, resultantes da combinação de X e Y, e que são: o macho, a fêmea, o hermafrodita e o assexuado ou nulo, sendo essas duas últimas categorias de ocorrência muito pequena, a última praticamente inexpressiva. Ao contrário de todas outras espécies animais desse planeta, o comportamento humano não é herdado geneticamente, mas aprendido, através de um lento e complexo processo de socialização. Portanto, não é o sexo macho que determina o comportamento masculino de uma pessoa, mas o aprendizado social do que é ser macho, numa determinada sociedade, época e lugar do planeta (LANZ, 2011, p. 329).

Em outras palavras, é factível dizer que *não* há espaço para o sexo biológico determinar o que é ser, culturalmente, homem ou mulher. Isso se deve ao fato de o sexo estar ligado a questões biológicas como cromossomos, por exemplo. As questões que envolvem os significados de ser homem ou mulher ultrapassam o sexo e perpassam a dimensão e compreensão do gênero. Em outras palavras, o que chamamos de “natureza” no sexo, também faz parte do contexto social e também é regulado. Por isso, não é possível limitar homens e mulheres apenas à questão física, ao sexo com o qual nascem, ou à composição biológica, mas deve-se considerar os componentes e os aspectos culturais, identitários e subjetivos que contribuem para o gênero como uma construção social, geralmente edificado em aspectos culturais e de comportamento humano com base nos processos, construções e interações sociais.

Entretanto, existem diversas sociedades ocidentais que não conseguem fazer essa dissociação (sexo/gênero), uma vez que têm fundamento no modelo em que sexo é igual a gênero. Essa visão, como sabemos, na história gerou um longo caminho de visíveis privilégios para os

homens e preconceitos principalmente contra as mulheres²⁶. Um exemplo disso, podemos encontrar no trabalho de Mead (1999), em *Sexo e Temperamento*, que compara etnografias de 3 culturas na Nova Guiné, investigando costumes e comportamentos associados a mulheres e homens nas culturas *Arapesh*, *Mundugumor* e *Tchambuli*. Dessas culturas, 2 não imaginam homens e mulheres com temperamentos distintos, os Arapesh valorizam um temperamento afetivo, gentil e colaborativo, ao passo que os Mundugumor valorizam os competitivos e agressivos, ambos os comportamentos são culturalmente aprendidos, tanto para pessoas do sexo feminino como do masculino. Entre os Tchambuli, os homens eram afetivos, as mulheres competitivas e mais agressivas.

Com esse estudo, a autora buscou rebater o senso comum que prevalecia na América do Norte de que as mulheres seriam biologicamente mais aptas a cuidar de crianças, por exemplo. Mead (1999) afirma, que a cultura molda os temperamentos, as personalidades, concluindo que não é a base biológica – o corpo, nem uma parte dele, como os hormônios – que poderiam justificar ou explicar as personalidades de homens e mulheres em diferentes culturas; o fator determinante seria o aprendizado cultural.

Na tentativa de desvencilhar questões relativas à cultura e à sociedade (como o gênero) das questões biológicas (como o sexo), Haraway (2011) considera que “[...] gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta” (HARAWAY, 2011, p. 211). Ainda sobre o sexo, Butler (2001), ao tratar de corpo, mostra que a diferença sexual (o pênis e a vagina, o escroto e o útero) não é simplesmente uma função de diferenças biológicas, mas também há diferenças passíveis de serem marcadas e formadas por práticas discursivas. Por isso, a categoria sexo é, desde o início, regulamentadora ou normativa:

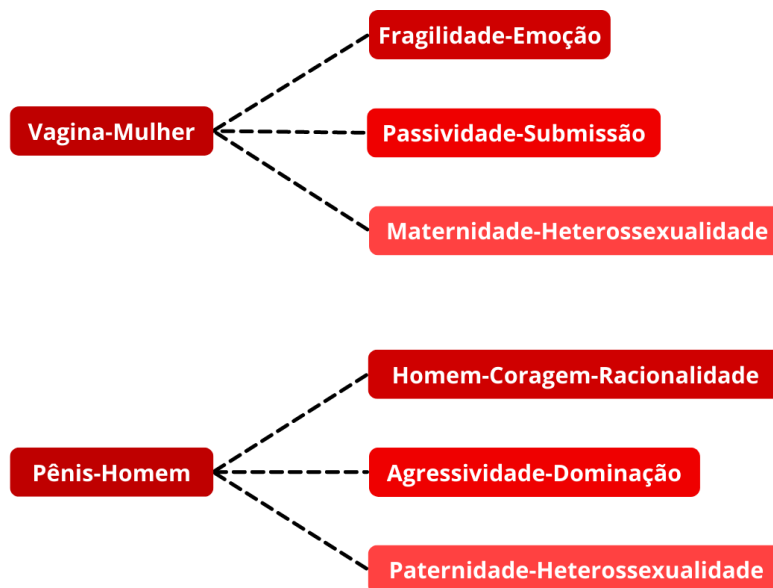
O ‘sexo’ não apenas funcionaria como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de

²⁶ De início podemos citar a sociedade grega, onde as mulheres da Grécia Antiga não podiam participar dos debates públicos e políticos, muito embora fossem autorizadas a frequentar festas religiosas e assistir a peças teatrais, bem como ir a santuários e oráculos. Já os sacrifícios aos deuses eram proibidos, pois se tratava de rituais exclusivamente masculinos. Elas também não podiam ter propriedades ou administrar negócios, sendo sempre tuteladas pelos maridos ou por parentes masculinos mais próximos.

produzir – demarcar, fazer circular, diferenciar – os corpos que controla. Assim, o ‘sexo’ é um ideal regulatório cuja materialidade é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. [...] o ‘sexo’ é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é simples fato ou condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas (BUTLER, 2001, p. 153-154).

Colocando isso, Butler (2001) mostra como a categoria sexo produz e regula uma matriz de inteligibilidade de gênero. Essa matriz constitui também uma gramática prescritiva (ARÁN, 2006) que institui como natural, normal e inquestionável a ligação linear e essencial entre sexo biológico, gênero, desejo sexual e subjetividade. Ilustramos os desencadeamentos que essa matriz pode ter com a figura 2, abaixo.

Figura 2 - Quadro dos desencadeamentos da matriz de inteligibilidade de gênero.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Esse desencadeamento da materialidade ocorre não de maneira estável, mas processual. Sendo reiterada diariamente, pelo processo de gendrificação que ocorre quando há o encaixamento de corpos aos valores binários feminino/masculino. Por exemplo, nas portas dos banheiros, na

seção de brinquedos do supermercado, nos campos de formulários, nas cores usadas por crianças, símbolos que de certa forma já estão estabelecidos e que, representariam o masculino e o feminino em âmbito social. Em outras palavras, de forma social fariamos associações com símbolos e representações que estariam ligadas, conforme nossa cultura, ao que seria masculino e feminino, por exemplo, na sessão de brinquedos do mercado as bonecas serem destinadas as meninas e os carrinhos aos meninos. Outro exemplo podemos entender olhando em portas de banheiro onde as pessoas do gênero masculino deveriam usar o banheiro em que há um boneco de calças na porta e as do gênero feminino ficariam reservadas aos banheiros com a imagem de uma boneca com saia.

Além de processos sociais, a materialidade também influencia a linguagem, servindo para sedimentar certos jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 2000) que dão sentido à vida em sociedade, determinando o que é possível e delimitando as fronteiras do inclassificável. Nessa gramática, assevera Butler (1990; 2022, p. 42), “[...] ‘as pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero”. Desprender-se dessas normas de inteligibilidade implica, assim, um alargamento dos esquemas sociais, linguísticos e culturais pelos quais certos corpos são reconhecidos como humanos.

Esse desprendimento do qual fala Butler (2001) faz lembrar nosso propósito neste trabalho, qual seja, elaborar, a partir da prospecção ou do alargamento epistemológico da teoria enunciativa, *uma maneira de ver como as pessoas falantes enunciam sua identidade de gênero*. Além disso, podemos entender o uso da linguagem neutra pelas pessoas como um dos desprendimentos dessa matriz. Observa-se aqui um movimento ativo das pessoas para com a língua: os falantes, por não encontrarem na língua formas que contemplem suas identidades de gênero, ou por apenas não quererem se marcar de algum modo, criam (ou não fazem uso de) formas para se sentirem representadas, um movimento ao mesmo tempo, identitário, ativista e linguístico²⁷.

²⁷ Sobre a linguagem neutra há de se considerar que sua propagação teve como propulsor as redes sociais. O que de acordo com Moita Lopes (2010) e Silva (2019) é chamado de ativismo digital: O fenômeno do ativismo digital, ou ciberativismo, a exemplo disso, tem se constituído como vetor de hibridização e de pulverização de performances identitárias, as quais produzem desestabilizações em uma matriz colonial, fundada historicamente sob a égide do racismo, do machismo, do sexismo, do ódio às dissidências sexuais e de gênero, por exemplo.

Ainda falando sobre gênero, cabe lembrar Stoller (1968) que o considera um termo multifacetado com forte arraigamento em fatores psicológicos e culturais. Em outras palavras, pode-se entender gênero como traços de masculinidade e de feminilidade encontrados em uma pessoa, gostos, formas de falar, de vestir, entre outros. Butler (1990), por sua vez, pensa gênero como um efeito de poder. Sobre isso, a autora diz que:

Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um ‘fator’ ou ‘dimensão’ da análise, ele também é aplicado a *peçoas reais* como uma ‘marca’ de diferença biológica, *linguística e/ou cultural*. Nestes últimos casos, o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe em relação a outro significado oposto (BUTLER, 1990; 2022, p. 31, grifos nossos).

Buscando um maior aprofundamento e reiterando o que já foi dito sobre a distinção entre sexo e gênero, é possível dizer que há uma problematização acerca dessa “natureza biológica” de homens e de mulheres. Butler (1990) mostra que, em nossa sociedade, há uma “mão invisível” ou, nas palavras da autora, uma “ordem compulsória”, que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática que são obrigatoriamente heterossexuais. Em outros termos: a criança está na barriga da mãe; se tiver pênis, é um menino, o qual será condicionado a sentir atração por meninas e se comportar com o padrão do masculino que essa sociedade conhece.

Indo de encontro a isso, e para dar um fim a essa lógica que tende à reprodução e generificação, Butler (1990; 2022, p. 26) destaca a necessidade de subverter a ordem compulsória, desmontando a obrigatoriedade entre sexo, gênero e desejo. Assim, para a filósofa, ao conceito de gênero cabe a legitimação dessa ordem enquanto um instrumento expresso principalmente pela cultura e pelo discurso que inscrevem o sexo e as diferenças sexuais fora do campo do social, isto é, o gênero aprisiona o sexo em uma natureza inalcançável à nossa crítica e desconstrução: “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...]”, defende Butler (1990; 2022, p. 27), ele “[...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”.

Dessa forma, Butler, ao fazer esse movimento, mostra haver uma falsa noção de estabilidade de gênero na sociedade cuja matriz heterossexual estaria assegurada por 2 sexos fixos e coerentes, os quais se opõem, como todas as oposições binárias do pensamento ocidental: macho *versus* fêmea; homem *versus* mulher. A autora vai mais longe ainda e mostra que, para esse processo se manter na sociedade, é preciso se marcar através da repetição de atos, gestos e signos, do/no âmbito cultural, que servem para reafirmar e perpetuar a estigmatização e construção dos corpos ditos masculinos e femininos. Em outras palavras, para Butler (1990; 2022, p. 56), gênero também é um ato intencional, um gesto *performativo* que produz significados e é constituinte da identidade sempre a partir da repetição de atos. Performatividade essa que trata da identidade dos sujeitos falantes.

Com efeito, para Butler (1990; 2022, p. 44), o gênero também não é algo “acabado”, estando constantemente em construção através do tempo. Trata-se de um fenômeno inconstante e contextual, que sempre depende da forma como a sociedade está organizada e a cultura posta. A autora entende gênero ainda como uma atividade incessante, realizada sem se estar sabendo e sem nossa vontade, mas, mesmo assim, não de forma automática ou mecânica.

Como visto acima, o gênero está ligado também à “repetição estilizada de atos” no âmbito social, o que será abarcado por Butler com o conceito de *performance*. Um tipo de performance que pode se dar em qualquer corpo, portanto desconectado da ideia de que a cada corpo corresponderia somente um gênero. Para Butler (1990; 2022, p. 56), “[...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados”. A construção de gênero se dá por atos socialmente compartilhados e historicamente constituídos, sendo assim uma construção performativa.

O fato de o gênero se constituir em um ato performativo não exclui a sua realidade e “[...] declarar que o gênero é construído não é afirmar sua ilusão ou artificialidade, em que se compreende que esses termos residam no interior de um binário que se contrapõe como opostos o ‘real’ e o ‘autêntico’” (BUTLER, 1990; 2022, p. 69). Ele faz parte de nossa vida social, e desempenha importante papel em nossa construção cultural como indivíduos. Como ato performativo, a identidade de gênero não é necessariamente escolhida por nós; ela se baseia em

uma construção permanente a qual, muitas vezes, nem percebemos, estamos representando. Conforme Butler (1990; 2022, p. 243):

Se a base da identidade de gênero é a repetição estilizada de atos ao longo do tempo, e não uma identidade aparentemente sem suturas, então a metáfora espacial de uma ‘base’ é deslocada e se revela como uma configuração estilizada, a rigor, uma corporificação do tempo com marca de gênero. Mostrar será então que o eu do gênero permanente é estruturado por atos repetidos que buscam aproximar o ideal de uma base substancial de identidade, mas revelador em sua descontinuidade ocasional da falta de fundamento temporal e contingente dessa ‘base’.

Esse conceito de identidade de gênero também está ligado ao sujeito no discurso. Butler (1990; 2022, p. 25) entende o sujeito como uma pessoa que não se definiria por ontologias, naturais ou culturais.

A ideia de ontologia para Butler centra-se em ver que, enquanto sociedade, a pensarmos em “mulher”, rememoramos uma performance feminina, e o mesmo ocorre com os homens que assumem uma performance masculina. É preciso desestabilizar a matriz de gênero em que os estereótipos de gêneros são construídos e reafirmados, ou seja, é preciso desestabilizar a manutenção de um discurso que conserva o sexo em um plano seguro, imputando-lhe uma ontologia, uma definição pré-discursiva, cuja existência *a priori* é dual e está fora de questionamento. Em entrevista, registrada pelo site Território de Filosofia, sobre esse tema, Butler (2014) diz que:

A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política, e viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia. Eu me enfureço com as reivindicações ontológicas de que códigos de legitimidade constroem nossos corpos no mundo; então eu tento, quando posso, usar minha imaginação em oposição a essa ideia. Portanto, não é um diagnóstico, e não apenas uma estratégia, e muito menos uma história, mas um outro tipo de trabalho que acontece no nível de um imaginário filosófico, que é organizado pelos códigos de legitimidade, mas que também emerge do interior desses códigos como a possibilidade interna de seu próprio desmantelamento.

Logo, esse sujeito não estaria restrito à suposta diferença anatômica-fisiológica, anterior à linguagem, pré-discursiva; nem mesmo a uma folha branca ou a um corpo nu, aguardando as marcas da cultura, do gênero. Tais elementos “naturais” (sexo) ou “culturais” (gênero), que descrevem os corpos e marcam identidades, lugares, papéis, trânsitos e relações sociais não seriam desprezíveis, mas prescrições de padrões heteronormativos. Com isso, a autora mostra que nenhum indivíduo se torna sujeito sem antes ter sido sujeito ou passado por um processo de subjetivação. O sujeito encontra suas próprias possibilidades e formas de subjetivação, construindo estratégias de resistência ou de subversão aos mandatos sociais que o limitam.

Nesse viés, essas prescrições são performances que estabilizam o sujeito em uma coerência dos gêneros, na inteligibilidade social de gêneros, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura cristalizada e binária, são efeitos de práticas reguladoras que visam a produzir uma substância, um ser “mulher”, um sujeito feminino. Em síntese, para a autora, o sujeito é performativo, ou seja, uma produção ritualizada, uma reiteração ritual de normas, que não o determinam totalmente. Essa incompletude abre espaço para o processo de ruptura e a inscrição de novos significados e, conseqüentemente, a mudança de práticas e contextos.

É nesse terreno, da identidade do sujeito como uma possível marca ligada ao discurso que entendemos a existência de uma relação entre as teorias: social de Butler e; enunciativa da linguagem, de Benveniste, essa perspectiva será mais bem apresentada no Capítulo 2.

1.2 UM PANORAMA SOBRE O FENÔMENO DA LINGUAGEM NEUTRA

Como já dito, nos últimos anos a discussão acerca de uma linguagem mais inclusiva vem tomando, cada vez mais, espaço em diferentes esferas da sociedade. Entretanto, se engana quem pensa que a discussão sobre a neutralização de gênero dentro de uma língua está associada exclusivamente a movimentos sociais de minorias, como por exemplo, a comunidade LGBTQIA+. Essa discussão do gênero nas línguas vem sendo feita há muito tempo, e de uma forma específica, como uma “lacuna” podendo ser caracterizada como o que trazem Barbosa Filho e Othero (*et al.* 2022, p. 2): “Desde Antiguidade Clássica ouvimos falar dos gregos e suas querelas em torno da linguagem”.

Sobre isso podemos apontar que a discussão sobre gênero já estava presente na obra *Téchné grammatiké* de Dionísio de Trácia²⁸, um dos primeiros manuais de gramática de que se tem notícia no Ocidente, que explica a estrutura do grego na época. Ao falar sobre os nomes, Dionísio coloca uma observação sobre quais seriam os gêneros gramaticais existentes. São 3: masculino; feminino; e neutro²⁹; alguns lhes acrescentam 2 outros: comum; e sobrecomum, comum como *híppos*, *kúon* [‘cavalo’, ‘cachorro’], sobrecomum como *khelidón aetós* [‘andorinha’, ‘águia’ – palavras que valem para os 2 sexos]. Com base nessa pequena passagem, é possível compreender que há uma distinção entre a palavra e o elemento que a palavra designa. Fica evidente também que a discussão ou proposição de gênero neutro está na gênese da teoria gramatical ocidental.

Algum tempo depois de Dionísio, o filósofo grego Protágoras³⁰ também distinguiu os gêneros gramaticais em masculino, feminino e neutro. Acreditamos que Protágoras, assim como Dionísio, foi extremamente audaz ao perceber a motivação semântica dos gêneros gramaticais, principalmente nos nomes que denotam os seres humanos, pois, como vimos na seção anterior,

²⁸ Dionísio nasceu em Alexandria, no ano de 145 a.C., Dionísio mudou-se para Rhodes, na Grécia, onde formou um grupo de gramáticos que transmitiram seus saberes para Roma. Estudioso da escola de Alexandria e responsável pelo desenvolvimento da primeira gramática ocidental, intitulada *Tékhne grammatiké*.

²⁹ De acordo com Collinge (1963, p. 232) esse gênero também é conhecido na tradição aristotélica por *tò metaksú*, em outras palavras, ‘o que está entre’. Ademais, alguns textos gramaticais de origem estoica, por sua vez, denominam-no também de *mesē*, ‘médio’.

³⁰ Protágoras de Abdera foi um dos grandes filósofos sofistas na Grécia Antiga. É conhecido por sua célebre frase “O homem é a medida de todas as coisas”. Essa frase representa seu pensamento sobre a subjetividade e particularidade de cada indivíduo, ou seja, para ele, tudo é relativo e não existe uma verdade.

“[...] num certo sentido, todos os sistemas de gênero são semânticos, sempre há um núcleo semântico no [seu] sistema de atribuição” (CORBETT, 1991, p. 8). Provavelmente não foi por acaso que Protágoras escolheu justamente estes termos, masculino, feminino e neutro (οὐδέτερον [oudéteeron] em grego, *neuter* em latim, ‘nem um, nem outro’).

Nesse molde, é viável dizer que há uma preocupação em designar elementos que não cabem no universo binário do masculino e do feminino. É bastante perceptível também que essa indicação de neutralidade não está relacionada apenas ao léxico, mas também há uma questão de uso da língua. Afinal, adicionar novos gêneros ao rol dos gêneros possíveis é, em alguma medida, transcender às expectativas dessa relação de representação.

Avançando um pouco no tempo e pensando pelo viés social, de acordo com Borba (2020a) e Borba e Lopes (2018), podemos dizer que a primeira demanda pela inclusão de uma “minoría” (as mulheres) na língua começa por volta do século XVIII. Foi durante a Revolução Francesa, com um movimento de *Olympe de Gouges*³¹ que propôs a Declaração dos Direitos das Mulheres, com o argumento de que elas não se sentiam incluídas na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, e em contraposição à tradição gramatical francesa, conforme Borba (2020b) e Lopes (2021). Além dessas contribuições, também podemos trazer o “Manual para uso não sexista da linguagem”, da Secretaria de Políticas para Mulheres do Rio Grande do Sul (2014) que tem como objetivo questionar e revisar a linguagem internalizada na administração do estado do Rio Grande do Sul tendo em vista oferecer uma ferramenta poderosa para que o Estado seja também invadido pela construção da igualdade entre homens e mulheres.

³¹ De acordo com a matéria de Villaméa no Portal Geledés (2016), Olympe de Gouges é considerada a pioneira do movimento feminista, viveu no século XVI e defendia a emancipação das mulheres, a instituição do divórcio e o fim da escravatura. À frente de um grupo de teatro formado apenas por mulheres, Olympe debatia suas ideias nas peças que escrevia, em panfletos e até em cartazes, que mandava colar pela cidade. Em um de seus panfletos mais conhecidos, a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, ela dizia: “Ó mulheres! Mulheres, quando deixareis vós de ser cegas?”. Era uma referência direta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, documento símbolo da Revolução Francesa, mas que pouco dizia sobre os direitos do sexo feminino. Robespierre, conhecido como “o incorruptível”, não perdoou a ousadia de Olympe. A ativista foi presa por questionar “valores republicanos” e, sem direito a advogado, condenada à morte. Acabou guilhotinada em 3 de novembro de 1793, Antes de ser executada, Olympe repetiu uma frase que já tinha divulgado em panfleto: “Se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna”.

Vemos, assim, que essa não é uma discussão atual; ela já percorreu um longo caminho até a atualidade, mas, talvez, apenas agora, com o advento da tecnologia e da Internet, o debate consiga expressar mais vozes e com certa envergadura. No cenário brasileiro, esse tema é considerado recente, pois o debate foi reenergizado nos últimos 5 ou 10 anos devido à polaridade de grupos partidários e políticos, à conscientização e ao avanço nos estudos sobre questões de gênero. É nesse cenário que surgem disputas e prospecções linguístico-ideológicas do que seria a linguagem neutra. A seguir, para deixar mais claro para a pessoa que está lendo, nos propomos a exercitar um pouco mais as diferenças e os fenômenos apresentados até o momento.

Ainda sobre gênero biopsicossocial, porém, é relevante trazer o trabalho de Colling (2015), no qual a historiadora aponta que no Brasil foram/são criados diversos obstáculos para o debate de gênero e de seus possíveis efeitos. Tais obstáculos são criados e difundidos por setores ligados a movimentos religiosos conservadores, que, geralmente, ao lado de outras discussões como homossexualidade e aborto, classificam-no como pernicioso ao debate público no Congresso Nacional. Colling (2015) ilustra tal embate a partir do episódio da criação, em 2015, do Comitê de Gênero, instituído pela Portaria n.º 916/2015, com o intuito de promover ações voltadas ao reconhecimento e proteção dos direitos relacionados às questões de gênero social e ao enfrentamento das diversas formas de preconceito, de discriminação e de violência. A repercussão negativa do Comitê de Gênero levou à sua substituição pelo Comitê de Combate às Discriminações, estabelecido pela Portaria n.º 949/2015, em decorrência de acusações da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) sobre ideologia de gênero no comitê e no Plano Nacional de Educação. Assim, em reportagem virtual, Colling (2015) chama atenção para a concepção de linguagem enquanto lugar privilegiado de luta por igualdade e, por outro lado, de difícil mudança na relação de poder entre os sexos, impactando a legitimidade e o próprio debate de novas identidades, sexualidades e parentalidades no uso da linguagem neutra:

Se o conceito de gênero [social] foi criado para dar conta das relações entre homens e mulheres, relações de poder, socialmente constituídas e hierárquicas, hoje extrapola este binarismo (homem x mulher, masculino x feminino) e trata também das sexualidades que não se enquadram na forma que a sociedade e a cultura nomearam os sexos, como queer, gays, lésbicas, transgêneros (travestis, transexuais, andróginos, transformistas, etc.) (COLLING, 2015).

Ainda conforme a autora, a diversidade de identidades de gênero social não é contemplada pela linguagem, campo de embates cujo traço hegemônico é o privilégio do sexo masculino, comparando a abrangência do vocábulo *eles* (incluindo eles e elas) com a restrição do mesmo vocábulo na categoria feminina (incluindo apenas *elas*). Desse modo, na busca de uma linguagem não sexista, mulheres e quem não se identifica com a marcação binária de gênero gramatical reivindicam formas além das masculina e feminina para marcá-los no português brasileiro e, com base nessas considerações, a autora reconhece que as formas @ ou x não teriam condições de alterar as relações de poder entre os sexos, mas que constituem um pequeno passo contra a desigualdade entre os gêneros sociais.

Na mesma direção, o trabalho de Borba (2014) vem ao encontro de uma visão de linguagem como elemento fundamental na construção e compreensão de performances identitárias, sobre as quais a defesa de uma linguagem não binária tem muito a dizer. Pautando-se nos conceitos de performance e performatividade, convocados pela filósofa Judith Butler para o debate do sujeito a partir do pós-estruturalismo e das teorias queer, das quais trataremos mais a frente, o autor oferece um paradigma histórico de como foram compreendidas as questões de gênero pelas diferentes disciplinas científicas.

Desse modo, a linguagem neutra enquanto fenômeno torna-se importante, pois seu intuito sempre foi ser um mecanismo de inclusão, identificação e expressão tanto de pessoas que não se encaixam dentro da binaridade do gênero, quanto para acabar com a dominação do masculino “genérico”. Por isso, é importante também diferenciá-la e caracterizá-la diante de outros fenômenos que estão em sua atmosfera. Para deixar a leitura de forma clara, montamos o quadro 1, a partir das definições presentes em Borba (2014; 2018; 2020) e Mokwa (2019):

Quadro 1 - Explicação sobre linguagem neutra, linguagem inclusiva e neolinguagem.

Nomenclatura	Descrição
Linguagem neutra/não binária /neutral/neutra de gênero/de gênero neutro	Surgiu com o propósito de incluir a todas as pessoas, mas mais especificamente pessoas que se identificam como não binárias, nessa linguagem apresentam-se algumas propostas para alterar o idioma.
Linguagem inclusiva/não sexista	Busca uma comunicação sem excluir ou invisibilizar nenhum grupo e sem alterar o idioma. Essa linguagem propõe que as pessoas se expressem de forma que ninguém se sinta excluído utilizando palavras que já existem na língua.
Neolinguagem	Seria o “nome” (ou termo guarda-chuva) que inclui linguagem neutra e linguagem inclusiva, constituindo-se como uma alternativa linguística de natureza neutra ou sem associação com gêneros para assim incluir mulheres e pessoas não binárias/cis dissidentes, assim como também incluir mais possibilidades e opções de linguagens pessoais e de palavras e denominações próprias.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Com isso, entendemos que a linguagem neutra, conforme Cavalcante (2022, p. 74), parte da percepção de que a oposição masculino e feminino não é suficiente para dar conta da identidade de gênero dos indivíduos da sociedade. Assim, usa-se o gênero neutro com o intuito de marcar indivíduos que não se identificam com o masculino ou com o feminino. Nesse sentido, julgamos pertinente abordar algumas das sugestões que a linguagem neutra propõe: a seguir, para dar uma ideia para pessoa que está lendo, vamos explicar sobre os pronomes³², em especial as propostas do sistema “elu”, do sistema “ile”, além do x, do @ e do _.

O sistema “elu” faz parte de um conjunto de propostas linguísticas criadas com o propósito de introduzir na língua portuguesa um gênero gramatical neutro, sendo a proposta de maior destaque a inclusão dos *neopronomes* pessoais *elu*, *delu*, *nelu*, *aquelu*, equivalentes aos pronomes femininos e masculinos existentes na língua, porém neutros em gênero. Alguns exemplos de uso podem ser: a) *Eu acho que elu é muito simpátique*; b) *Liguei para mi sobrinhe esta manhã e elu*

³² Vale a pena conferir o site [Pronouns](#) para mais exemplos sobre a temática do uso de pronomes neutros.

disse que estará ocupade esta tarde; e c) O Natal está chegando e não sei que presentes comprar para elus.

Além do sistema “elu”, também existe o sistema “ile”, que está melhor descrito no manifesto “Para uma comunicação radicalmente inclusiva”. Esse sistema apresenta-se como uma forma de inclusão do gênero não binário na língua portuguesa. Nesse formato, substituem-se os pronomes pessoais femininos e masculinos por *ile* ou *dile*. Conforme os seguintes exemplos: a) *Eu acho que ile é muito simpátique*; b) *Liguei para mi sobrinhe esta manhã e ile disse que estará ocupade esta tarde*; e c) *O Natal está chegando e não sei que presentes comprar para iles*.

Pensando em língua escrita, há também outras tentativas de neutralização do gênero, como, por exemplo, o uso de @, X ou _ . É interessante dizer que, especificamente sobre esse tipo de tentativa, há um grande debate. Muitas pessoas pesquisadoras defendem que usar o @, X e _ no lugar do marcador de gênero pode causar dificuldades nos sistemas de leitura para deficientes visuais e auditivos, além disso, o fato de não terem impacto na linguagem oral não promove uma real transformação na forma de nos comunicarmos. Entretanto, outros pesquisadores julgam isso irrelevante, pois é possível configurar os softwares para melhor leitura e entendimento.

Atualmente, essas novas formas de pronomes (neopronomes) estão, cada vez mais, presentes, assim como, o uso do _ (*underline*) no final das palavras para que a pessoa possa preencher como se sentir mais confortável. Sobre essa discussão, ainda existe muito a ser debatido desde questões de emprego e produção na língua até o quanto realmente o uso de X, @ e _ são inclusivos.

Voltando a falar das formas de pronomes neutros e suas aplicações na língua, podemos dizer que, de início, elas podem parecer estranhas e até mesmo difíceis de serem reproduzidas. Contudo, esses sistemas já estão circulando fora das redes sociais e ganhando mais espaço em canais televisivos.

Como movimento final deste subitem e para mostrar a importância do uso e discussão desse fenômeno, acreditamos que seja válido explicitar como esse sistema já está presente em nossa

realidade, por meio de legendas em séries e filmes, disponíveis em serviços de streaming como: Netflix; Amazon Prime; Disney +; entre outros. Vejamos as seguintes imagens ³³.

Figura 3 - Exemplo de uso de ile/dile em desenho.



Fonte: Site Pronouns.page (2022).

Na figura 3, observamos Thomas, personagem da série infantil *Cidade de Fantasma* da Netflix que estreou em 2021. Na cena acima, Thomas está se apresentando e comunica as pessoas que gostaria de ser tratado por pronomes não binários como *ile* e *dile*.

Figura 4 - Exemplo de uso de ile em série.



Fonte: Site Pronouns.page (2022).

³³ Todas as imagens foram retiradas do endereço: <https://pt.pronouns.page/elu>

Na figura 4, podemos ver Justine Darby, personagem da série *Tem Alguém na sua Casa* da Netflix, que estreou também em 2021. Na imagem, a pessoa que está narrando conta a história de Justine que é uma pessoa não binária e, aos 11 anos, reivindica o uso dos pronomes *ela*, *ele* e *elu*.

Figura 5 - Exemplo do uso de menino em filme.



Fonte: Site Pronouns.page (2022).

Na figura 5, podemos ver Ru Paul, personagem do filme *AJ and the Queen* da Netflix que estreou em 2020. Na imagem, Ru Paul está procurando por AJ e faz referência à criança de diversas formas, como *menino*, *menina* ou *menine*, pois desconhece qual seja a identidade de gênero da criança.

No cenário brasileiro, também encontramos o uso desses pronomes em uma novela da emissora de TV Rede Globo. Na nova *Cara e Coragem* 2022, segundo a autora Cláudia Souto, a utilização está presente em alguns personagens, pois conforme a própria autora diz: “O público de novelas é apresentado todos os dias a novas gírias, sotaques e palavras. Não é diferente o gênero neutro. Logo se darão conta de que é uma nova forma de expressão”.

Mas afinal, por que o uso de pronomes neutros importa tanto? Bom, consideramos que seja basicamente uma questão de as pessoas quererem marcar sua identidade na língua, tema esse que será melhor desenvolvido no Capítulo 2. É importante dizer que, entre os pronomes *todes*, *todas* e *todos*, a maioria das pessoas usa femininos (*ela*, *dela*) ou masculinos (*ele*, *dele*). Normalmente,

assumimos qual usar com base na aparência de alguém. Mas, nas situações da vida real, não é tão simples; nem sempre uma pessoa vai aparentar seu gênero. Há pessoas que preferem ser chamadas de maneira distinta à que se assumiria. Há ainda quem não se encaixa nos rótulos binários e prefere um termo neutro. Acreditamos que, se é viável chamar pessoas por seus nomes artísticos – por exemplo, de Larissa de Macedo Machado para Anitta; de Cherilyn Sarkisian La Piere para Cher; de Phabullo Rodrigues da Silva para Pablo Vittar; de Norma Jeane Mortenson para Marilyn Monroe; e de Stefani Joanne Angelina Germanotta para Lady Gaga –, talvez também seja possível perguntar para as pessoas por quais pronomes e nomes gostam de ouvir quando são referidas. Afinal, será que é possível encaixar as inúmeras possibilidades de sentir, ser e se posicionar perante o mundo em caixas com formato preestabelecido e com limites tão rígidos?

1.2.1 Ao redor do globo: um cenário sobre o fenômeno

Tendo estabelecido as definições a título de exemplo de alguns usos da linguagem neutra em nosso cotidiano, é interessante também mostrar como outros países têm entendido esse fenômeno. Por isso, trazemos, a seguir, um panorama de como diferentes países do globo “enfrentam” esse “problema”.

Conforme notícia do Portal DW (2021), na Alemanha, de acordo com Scholz (2021), também estão sendo discutidas formas de neutralizar o uso do masculino genérico. Críticos alegam que esse masculino genérico está associado aos indivíduos masculinos, excluindo as pessoas femininas e não binárias. Uma das medidas informais que as pessoas encontraram para contornar o problema no alemão é acrescentar a terminação feminina no plural *innen*, antecedida de um asterisco (*): *Lehrer*innen* – o que equivaleria à expressão *professoras(as)* em português. Há alternativas como *LehrerInnen*, *Lehrer_innen* ou *Lehrer:innen*, porém, segundo observadores, o *Gendersternchen* ou *Genderstern* (“asterisco de gênero”) é a variante mais utilizada no país atualmente.

Já na Argentina, conforme o portal Perú 21 (2019), existem alguns posicionamentos positivos sobre o uso da linguagem neutra: o próprio presidente Alberto Fernández recorreu

publicamente ao espanhol neutro, em um discurso para estudantes secundaristas. Além disso, a prestigiada Universidade de Buenos Aires (UBA) já reconhece o uso da linguagem neutra nas produções feitas pelas pessoas estudantes de graduação e pós-graduação. Ademais, a Argentina se tornou o primeiro país latino-americano a autorizar a emissão do Documento Nacional de Identidade (DNI) e de passaportes para aquelas pessoas que não se identificam com os gêneros masculino e feminino, ou seja, pessoas não binárias.

O Portal Observatório G (2017) mapeou que o Canadá lidou com essa questão de forma um pouco mais aberta e precisa, zelando pelo uso e pelo respeito dos pronomes que as pessoas escolhem. Por isso, há naquele país uma lei que proíbe o desrespeito à identidade de pessoas transgêneros, incluindo o nome social e pronomes escolhidos. A lei passa a fazer parte do Código de Direitos Humanos do Canadá, uma norma que classifica a identidade e a expressão de gênero. Ao mesmo tempo, o desrespeito a esse direito é considerado crime de ódio no Código Penal 67-11. As penalidades para quem desrespeitar pessoas trans poder ser desde prisão e multa até um treinamento antipreconceito, que a ensinará a forma correta de agir.

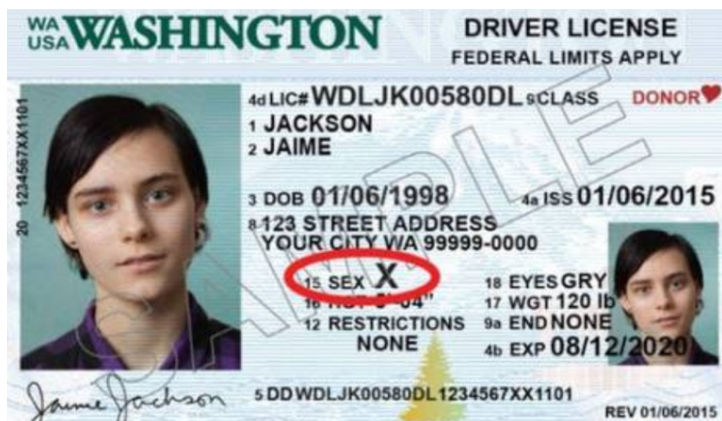
A China, por sua vez, criou um pronome de gênero neutro, o “TA”. Trata-se de um pronome pessoal que é “livre” num duplo sentido: em primeiro lugar, o cantonense falado não sofreu uma mudança tão radical como aquela que sofreu o mandarim, quando se procurou inventar um “ella” que não existia; em segundo lugar, os pronomes pessoais em cantonense, como nas outras variantes da língua sínica, não têm declinações gramaticais.

Nos Estados Unidos, essa discussão já está mais avançada. De acordo com a revista Galileu (2019), no âmbito governamental, o Departamento de Estado dos EUA já realiza a emissão de passaportes com a opção neutra na marcação de gênero. Lá, estima-se que a medida alcance cerca de 1,2 milhão de adultos LGBTQIA+ não binários. Nesse mesmo viés, a Câmara Municipal de Berkeley, cidade do estado norte-americano da Califórnia, votou a favor da alteração de seu código municipal com a intenção de acabar com termos específicos de gênero, trocando-os por expressões neutras. Por exemplo, a palavra *manhole* (bueiro) é modificada, devido a “man” que significa homem e passa a ser *maintenancehole* – houve a adição da palavra “maintenance”, que significa manutenção. A decisão foi aprovada por unanimidade na primeira leitura. Um dos motivos para a mudança, segundo o texto que acompanhou o documento de votação, é a ampliação da consciência

social de identidades transgêneros e de pessoas que não se identificam com os padrões de gêneros. Além disso, de acordo com Mohdin (2016) na reportagem da *British Broadcasting Corporation* (BBC), no ano de 2009, nos Estados Unidos, a Universidade de Vermont liderou um movimento para que os alunos pudessem escolher seu próprio pronome, entre *he*, *she*, *they* e *ze*, ou ainda “apenas o nome” – que significa o desejo de não ser chamado por nenhum pronome de terceira pessoa, apenas por seu nome. A Universidade de Harvard seguiu o exemplo de Vermont, e cerca de 10.000 alunos registrados na Faculdade de Artes e Ciências especificaram seus pronomes preferenciais; destes, pouco mais de 1% escolheu pronomes diferentes de “ela” ou “ele”.

Além disso, há também o fato de as pessoas já poderem optar por um marcador de gênero neutro em carteiras de motorista e carteiras de identidade. Pelo menos 7.251 carteiras de identidade e motorista foram emitidas em 9 estados, além de Washington, DC, de acordo com registros obtidos pelo USA Today. Abaixo, na figura 6, um exemplo de como as carteiras de habilitação estão sendo impressas.

Figura 6 - Exemplo de carteira de habilitação.



Fonte: Site da CNN Health (2022).

Já na França existe a proibição da linguagem de gênero neutro em escolas do país. Segundo o Ministério da Educação, a escrita inclusiva não é apenas contraproducente ao movimento que visa a combater eventuais discriminações sexistas, mas também prejudicial à prática e à inteligibilidade da língua francesa. Segundo a reportagem do Jornal El País (2017), os usos da linguagem neutra violam os ritmos do desenvolvimento da linguagem de acordo com uma injunção brutal, arbitrária e descoordenada, que ignora a ecologia do verbo. Conforme o documento

elaborado, a igualdade entre homens e mulheres deve ser construída, promovida e garantida pelo país, mas sem sujeição à linguagem neutra.

Na Índia, em Nova Délhi, de acordo com o Jornal O Tempo (2014), a Suprema Corte reconheceu, em decisão histórica, a existência do terceiro gênero tanto pelo viés social quanto pelo viés linguístico. Antes, transgêneros – chamados “hijras” em hindi – precisavam se identificar como pertencentes ao sexo feminino ou masculino para emissão de documentos oficiais. Segundo os juízes, é um direito humano escolher seu próprio gênero e não precisar se identificar como homem ou mulher. A decisão também determina que os governos federal e estadual incluam o grupo em programas sociais de distribuição de renda, educação e saúde para melhorar sua condição de vida.

Assim como nos EUA, no Reino Unido essa discussão também já está bastante avançada. Segundo o Jornal *Daily Mail*, até mesmo locais mais tradicionais, como a Câmara dos Lordes, estão agora coibindo e alertando os funcionários contra o uso de termos ofensivos. Outra medida adotada foi a criação de um *Guia de Idiomas Inclusivo* listando palavras e frases a serem evitadas pelos funcionários. Além disso, a própria Força Aérea do Reino Unido atualmente passou a fazer uso de linguagem neutra. Palavras da língua inglesa aplicadas à realidade da aviação militar britânica, como *aircraftman*, serão substituídas por palavras como *aircraft-Per*, apagando o sufixo “man” que denota o gênero masculino.

Na Suécia, segundo o Portal de Notícias G1 (2015), uma das medidas adotadas foi a criação do pronome *hen*, que é de gênero neutro. A cada 10 anos, o dicionário oficial (*svensk ordbok*) do país (gerido pela *Svenska Akademiens Ordböcker* – em português, Academia de Dicionário Suecos) passa por mudanças, tendo como objetivo abarcar as realidades de todas as pessoas.

Cabe ressaltar, ainda, que, de acordo com Eisele, autora da reportagem no jornal DW *Made of minds* (2017), existem alguns países que de alguma forma também compreendem esse fenômeno e por isso tomaram medidas consideradas mais brandas por exemplo, na Austrália, a Suprema Corte decidiu em 2014 que, além dos sexos feminino e masculino, um neutro poderia ser registrado pelas autoridades. A categoria foi chamada de *non-specific*, ou seja, indefinido. Também na Nova Zelândia já é possível que na certidão oficial de nascimento o gênero de uma pessoa seja informado

como “indeterminado/intersexual/inespecífico”. No Nepal, a Suprema Corte decidiu oficializar um terceiro gênero, os nepaleses podem indicar um terceiro sexo em seus documentos de identidade. No Paquistão, pessoas que não se identificam como heterossexuais podem indicar nos documentos de identidade nacionais um terceiro sexo.

Enquanto isso, no Brasil, segundo o Jornal Metrópole (2021), circulam diferentes pontos de vista sobre a temática. Entretanto, a maioria dos movimentos políticos e/ou legislativos são contra o uso e até mesmo contra a discussão da linguagem neutra em ambientes escolares ou governamentais. A proibição do uso de gênero neutro na Língua Portuguesa é tema de projetos de leis em 19 estados brasileiros e no Distrito Federal. De acordo com levantamento feito pela Agência Diadorim, 34 propostas têm por objetivo impedir a variação gramatical para além do gênero feminino e masculino. Mais recentemente, para somar a esse número, há também a aprovação do projeto de lei pela Câmara Municipal de Porto Alegre, que veta o uso da linguagem neutra em escolas da Capital, estabelecendo também que o uso da norma padrão deve ser utilizada em toda a comunicação governamental, seja ela direta ou indireta.

1.3 ENCAMINHAMENTOS

Reconhecemos que esse capítulo talvez não abarque na totalidade a diversidade de contribuições dos campos que discutem a linguagem neutra. Contudo, acreditamos atingir nosso objetivo ao trazer um panorama que permite uma compreensão crítica e a serviço dos estudos da linguagem sobre o tema, movimento este que será de fundamental importância para o desenvolvimento do nosso estudo.

Tendo em vista a discussão sobre gênero gramatical, sexo e gênero biopsicossocial, podemos perceber que as respectivas definições desses 3 termos são distintas e que: a) gênero gramatical é um aspecto linguístico e morfológico que permite classificar certas classes *gramaticais* em um número de categorias; b) sexo é identificado por características *biológicas* e; c) gênero biopsicossocial é, entre outras coisas, uma *construção social* e uma *condição de cultura* em que as pessoas estão imersas. Outrossim, por mais que sejam termos distintos, é possível enxergar uma relação (que deve ser feita com cautela) entre gênero gramatical e gênero social, pois

ambos são construídos (e, eventualmente, alterados) ao longo do tempo, no desenvolver das culturas e nas mudanças das línguas. Essa relação, talvez esteja no fato de que o gênero na sociedade demanda certa performance dos sujeitos a partir de sua identidade e traços de subjetividade.

No último item, construímos um panorama sobre a neolinguagem e como o Brasil e diversos outros países ao redor do globo tratam esse fenômeno, adquirindo contornos e denominações específicas, devido as particularidades sociais, culturais e gramaticais. Foram abordados também exemplos práticos de como a neolinguagem pode se colocar em situações da vida real (as legendas de filmes, documentos de identificação, entre outros). As definições que trouxemos deixam entrever 2 orientações para a abordagem do fenômeno, visto ora como uma propriedade da língua, ora como uma atividade do falante.

Desse modo, buscamos, nos 2 capítulos seguintes, apresentar uma possível interpretação tanto retrospectiva quanto prospectiva (FLORES, 2017) da teoria de Benveniste. Hoff (2018) segue por esse mesmo caminho ao mostrar que:

O olhar, neste trabalho, combinará essas duas possibilidades, a retrospectiva e a prospectiva. A primeira considera as implicações das publicações em conhecimentos já solidificados, enquanto a segunda se concentra em perspectivas até então inexploradas, em alternativas inéditas. O olhar, neste trabalho, combinará essas duas possibilidades [...] (HOFF, 2018, p. 19).

Com isso em mente, nosso trabalho configura-se como retrospectivo no sentido de ver, na teoria, potencial para deprender novos conhecimentos linguísticos e antropológicos, assim como Flores (2015; 2019), e prospectivo pensando que é possível aproximar essa mesma teoria do século XX de discussões atuais (século XXI) como gênero, performance e neolinguagem.

CAPÍTULO 2 - UM OLHAR PROSPECTIVO E (TRANS)TEÓRICO PARA A ENUNCIÇÃO

Vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura. E se digo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, é que toda criança e em todas as épocas, na pré-história a mais recuada como hoje, aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura.

(Émile Benveniste)

Este capítulo objetiva apresentar o referencial teórico mobilizado nesta dissertação. Por isso, a seguir, iniciamos uma discussão assim dividida: (a) inicialmente, estudamos o campo da linguística da enunciação, buscando apresentar e refletir sobre essa vertente de estudos; (b) em seguida, falamos sobre a Teoria enunciativa de Émile Benveniste, mostrando suas especificidades, inclusive para os aspectos metodológicos de nossa reflexão; (c) adiante, detalharemos alguns pontos da Antropologia da Enunciação, enfocando aproximações e distanciamentos da Teoria da Enunciação benvenistiana; (d) somamos a esse percurso uma pequena reflexão sobre a noção de performatividade de gênero, com base na Teoria de gênero de Judith Butler; (e) por fim, fazemos algumas incipientes considerações, colocando em implicação as reflexões feitas até o momento, tendo em vista a construção da ideia de performatividade de gênero na enunciação em sua relação com pessoas falantes de linguagem neutra.

É importante deixar claro, para quem nos lê, que essa aproximação não implica, necessariamente, subversão ou algum tipo de hierarquia entre as teorias. Nosso objetivo, com este capítulo, é apenas pensar as teorias juntas, de maneira *transdisciplinar*, a serviço das pessoas e do fenômeno da linguagem neutra. O conhecimento transdisciplinar pode ser entendido como o que está, simultaneamente, entre, através e além dos campos. De acordo com Nicolescu (1999, p. 16)³⁴, o termo transdisciplinaridade foi utilizado pela primeira vez por Piaget, em uma conferência do

³⁴ Segundo Nicolescu (1999), a transdisciplinaridade vem suplantando as visões que a precedem: disciplinaridade, multidisciplinaridade e interdisciplinaridade.

congresso sobre interdisciplinaridade, realizado em 1970, na Universidade de Nice, França. Piaget ao defini-lo afirma que:

[...] à etapa das relações interdisciplinares, podemos esperar ver sucedê-la uma etapa superior que seria “transdisciplinar”, que não se contentaria em encontrar interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteira estável entre essas disciplinas (PIAGET, 1970, *apud* SOMMERMAN, 2012, p. 397).

Assumir esse direcionamento epistemológico, de natureza transdisciplinar, mostra-nos essa face característica da Linguística, que acompanha essa nova maneira de produzir conhecimento, pois o linguista: “[...] face à situação de pesquisa em se que apresenta, e que tem a linguagem em sua base, olha para as disciplinas múltiplas que tem à sua volta e através delas vai além do âmbito de cada uma em particular” (CELANI, 1998, p. 120).

2.1 TEORIA? SEMÂNTICA? OU LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO?

Ao partir das reflexões de Battisti *et al.* (2022, p.45), podemos adotar 2 perspectivas ao falar em história da enunciação, uma delas se refere às reflexões que originam diferentes concepções de enunciação que, ainda assim, não operariam com o termo em si. Já a outra perspectiva centra-se nas reflexões específicas sobre a temática, dando origem a um campo linguístico de investigação, abrindo espaço para o uso de termos como: “teoria da enunciação”; “semântica da enunciação”; e “linguística da enunciação”.

Desse modo, ao considerar a importância dos pontos de vista destacados acima, vamos partir da segunda perspectiva, limitando-nos a mostrar, neste item, (a) o surgimento dos estudos enunciativos, os autores e as teorias que estão inseridos no campo; (b) as diferenças entre os termos “teoria da enunciação”, “semântica da enunciação” e “linguística da enunciação”; e (c) entender melhor a linguística da enunciação, seu objeto de análise e o protagonismo de Émile Benveniste para o campo.

Assim, podemos caracterizar os estudos enunciativos como pós-saussurianos, tendo em vista que, de acordo com Delesalle (1986), nas obras *Encyclopédie philosophique universelle* e *Dictionnaire de linguistique*, há o início do uso linguístico do termo enunciação atribuído a Charles Bally³⁵. Apenas o dicionário *Le Grand Robert de la langue française* data um uso do termo enunciação em seu sentido linguístico³⁶, anterior à obra de Bally. Com isso em mente, concordamos com Flores (2013b, p. 91) quando o autor escreve que: “[...] é com Bally e Albert Sechehaye³⁷, no século XX, que se considera, normalmente, que o sentido linguístico do termo *enunciação* se solidifica”.

Com isso, surge no final da década de 1940 e no início de 1950, na França, os primeiros passos de um movimento que originaria a abordagem enunciativa da linguagem. Essa abordagem não visaria explorar apenas as leis internas dos sistemas linguísticos, mas colocaria questões do domínio semântico, discursivo e o sujeito em evidência, abrindo espaço para as possíveis marcas da subjetividade do sujeito no enunciado, os tempos e modos verbais, as formas de discurso reportado, dentre outras. Nesse movimento, surgem diversos autores e perspectivas para o campo³⁸, Flores (2001) deixa isso mais claro com o seguinte excerto:

Bally fala de *modus e dictum* no quadro de sua estilística; Jakobson fala das funções da linguagem e dos *shifters* no escopo da teoria da comunicação; Benveniste dos *indicadores de subjetividade* e do *aparelho formal de enunciação*; Ducrot da polifonia integrada à concepção da argumentação na língua; Bakhtin das formas de apresentação da voz de outrem no quadro do dialogismo; Authier-Revuz das *não coincidências* do dizer

³⁵ De acordo com Flores (2013b, p. 103), Charles Bally nasceu em 1865, em Genebra, Suíça. De 1893 a 1896, assistiu ao Curso de sânscrito e Gramática Comparada, de Ferdinand de Saussure. Em 1906, Saussure o encarregou do Curso de Sânscrito para poder se dedicar a um Curso de Linguística Geral. Após a morte de Saussure, em 22 de fevereiro de 1913, Bally, então com 48 anos, substituiu-o na cadeira de Linguística Geral na Universidade de Genebra. Juntamente com Albert Sechehaye publica a edição póstuma de Curso de linguística geral, cuja autoria é atribuída ao suíço Ferdinand de Saussure.

³⁶ Ainda de acordo com Flores (2013b, p.103), trata-se de uma citação de um texto traduzido de Bertrand Russell (1872-1970), publicada na *Revue des Sciences Générales et Appliquées* de 1906 (n. 4: 162).

³⁷ Flores (2013b, p. 103) informa que foi ao lado de Charles Bally que Albert Sechehaye editou o Curso de linguística geral de Ferdinand de Saussure.

³⁸ Utilizamos a palavra campo, assim como Flores e Nunes (2007, p. 201), inspirados por Jacqueline Authier-Revuzque, assim, procede em *Ces mots qui ne vont pas de sai: boucles réflexives et non-coïncidence du dire* (1995). Flores e Nunes (2007) traduziram “balisages dans le champ du métalinguistique” (p. 3) e “balisages dans le champ énonciatif”, de “Authier-Revuz, que por balizagens no campo do metalinguístico” e “balizagens no campo enunciativo”: respectivamente.

concernentes ao campo da enunciação e da metalinguagem e Orecchioni das formas da subjetividade na linguagem (FLORES, 2001, p. 55, *itálicos do autor*).

A partir disso, podemos entender que os autores e as autoras que se inserem nesse campo entendem a enunciação de uma forma singular e que se diferencia da visão de seus pares. Entretanto, pelo fato de que essas visões tratam também das possíveis representações linguísticas do sujeito no discurso, elas compreendem, uma unidade entre suas visões. É a partir disso, que: “[...] permite-se postular uma *linguística da enunciação*” (FLORES, 2001, p. 55, *grifo do autor*). Flores (2001) mostra que a linguística da enunciação se caracteriza:

[...] por estudar a realização linguística em tempo e espaço determinados e com referência aos sujeitos que enunciam. Em termos benvenisteanos temos: o aqui/ o agora/ a relação eu-tu. A isso pode-se chamar de cena enunciativa. Evidentemente, os autores estudados conceituam, cada um a seu modo, esses termos, mas em todos pode-se perceber a preocupação em situar o fenômeno linguístico num tempo, num espaço e em relação aos sujeitos. Em suma, todas as teorias concebem uma cena enunciativa, seja ela qual for (FLORES, 2001, p. 57).

Dessa forma, ao alocar algumas características dessa perspectiva da linguagem, é prudente abordar, como segundo ponto deste item, a distinção dos termos “linguística da enunciação”, “teorias da enunciação” e “semântica da enunciação”. No quadro abaixo, trazemos alguns excertos de Flores *et al.* (2013b, p. 94-95), os quais podem ajudar a entender melhor as diferenças entre essas 3 expressões.

Quadro 2 - Nuances entre Linguística, Teoria e Semântica da Enunciação.

Linguística da enunciação	Teorias da Enunciação	Semântica da Enunciação
<p>“A expressão Linguística da enunciação, no singular, diz respeito a uma variedade de teorias, consideradas em seu conjunto, que, devido a alguns traços comuns entre si, fazem parte de um modo de pensar a linguagem.”</p>	<p>“A expressão Teorias da Enunciação, no plural, nomeia as propostas individualizadas, geralmente, identificadas aos nomes de seus autores. São os diferentes construtos teórico-metodológicos de análise da enunciação. Pode-se,</p>	<p>“[...] as teorias da enunciação fazem [...] uma análise do sentido da linguagem, uma análise que poderíamos chamar, em sentido amplo, de <i>Semântica</i>, mas isso não implica que a Semântica da Enunciação seja um estudo da mesma natureza que uma Semântica Lexical, frasal, entre outras [...] A diferença se liga basicamente à</p>

	assim, falar na teoria de Benveniste, na teoria de Ducrot, entre outras.”	noção de <i>nível linguístico</i> . A análise enunciativa estuda o sentido que decorre da enunciação, mas, para isso, não se restringe analisar apenas um nível linguístico (o lexical, o sintático, o morfológico, o fonológico).
--	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Com base nesse quadro, podemos entender a *Linguística da enunciação* como um campo que se diferencia por incluir o sujeito e suas relações com a língua, o discurso e o sentido e, ao mesmo tempo, um termo guarda-chuva para abrigar diversas *Teorias da Enunciação*. Sobre essas teorias, é fato que existem diversas perspectivas e autores que olham para a cena enunciativa. Já sobre a *Semântica da Enunciação*, entende-se como um ponto de vista da análise, que considera o sentido, que incide em cada um dos níveis linguísticos, não apenas uma análise semântica que se restrinja a valores lexicais, morfológicos, entre outros, apontando sempre para um estudo semântico enunciativo.

De forma mais objetiva, Flores e Teixeira (2005; 2017) definem a *linguística da enunciação* como um campo e, ao mesmo tempo, estudos que abrangem nas correntes de estudo as relações entre língua e linguagem, bem como as marcas do sujeito e o sentido dessas nos enunciados. A partir de agora, buscamos entender, um pouco mais, sobre o objeto da *Linguística da enunciação*.

Em primeiro lugar, podemos dizer que a *Linguística da enunciação* (cf. FLORES; TEIXEIRA, 2005; 2017, p. 12) pertence a uma visão *lato sensu* da linguística, pois inclui, em seu objeto, questões como sentido, sujeito, subjetividade, dêixis, referências, entre outras. Sobre o objeto da Linguística da enunciação, Flores e Nunes (2007) corroboram que:

A Linguística da Enunciação não estuda ‘o acessório’; ‘o acidental’, nem seu objeto circunscreve algo que poderia ser chamado de ‘o individual’. Émile Benveniste, para dar um exemplo, fala em *aparelho formal de enunciação*, isto é, um dispositivo que as línguas têm que é disponibilizado pela estrutura mesma da língua para a atualização que o sujeito faz do sistema no uso. (FLORES; NUNES, 2007, p. 203, itálico dos autores)

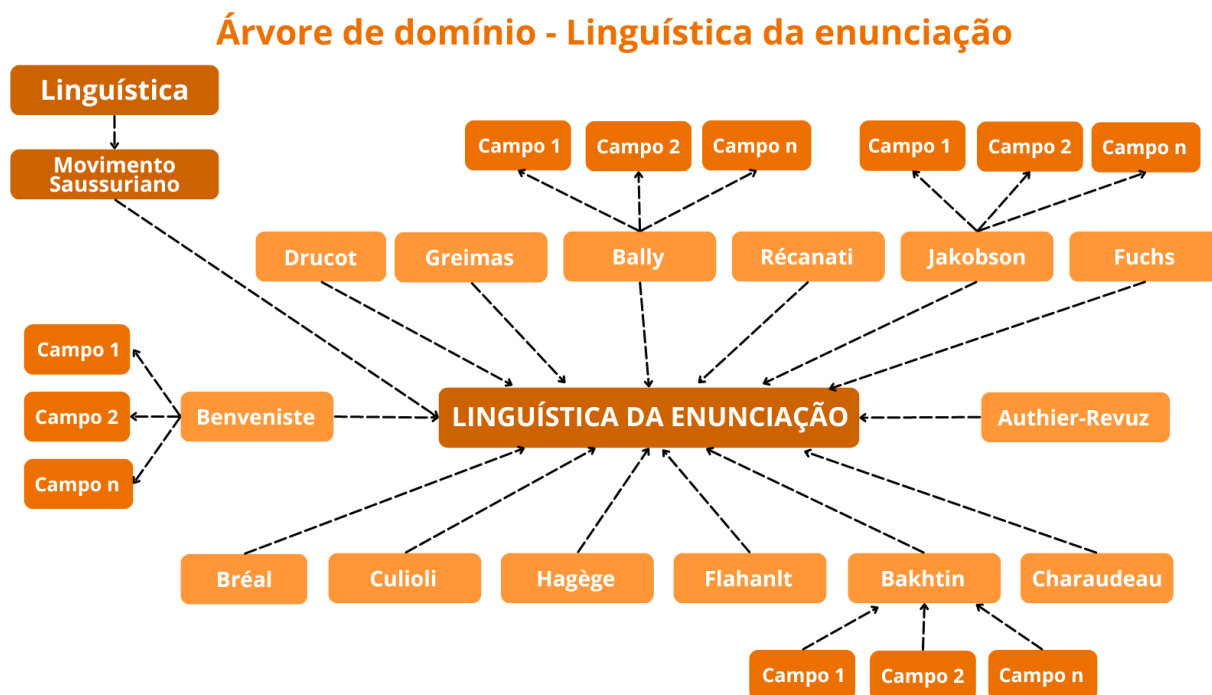
Com isso, a *Linguística da enunciação* destaca-se por incluir, principalmente, o *sujeito*, sua *posição enunciativa* e suas *relações intersubjetivas*, como corroboram Flores e Teixeira (2005; 2017) a abordagem da linguística da enunciação tem como centro a inclusão do sujeito. Por isso, ao olhar para os fenômenos, o mundo e adotar um ponto de vista enunciativo da linguagem, faz-se necessário considerar sempre o sujeito que enuncia e suas marcas no discurso.

Dito isso, concordamos com Flores (2001, p. 59), quando o autor evidencia que o objeto da *Linguística da enunciação* igualmente é “[...] todo o mecanismo linguístico cuja realização integra o seu próprio sentido e que se autorreferência no uso. A enunciação é, pois, o que constitui esse processo.” Assim, a *linguística da enunciação* não se interessa apenas pelo sujeito: “[...] toma para si não apenas o estudo das marcas formais no enunciado, mas refere-as ao processo de sua produção: ao sujeito, tempo e espaço. A *linguística da enunciação* deve centrar-se no estudo das representações do sujeito que enuncia e não no próprio sujeito, objeto de outras áreas”.

Através de nossa leitura, podemos entender que a *Linguística da enunciação*, além de ser concebida como um campo, não se configura de modo uniforme ou homogêneo, pois se argumenta que a sociedade, assim como seus componentes, está em rápida e constante evolução e, por isso, seria necessário o surgimento de novos olhares para seus sujeitos, processos e modos de enunciar. Em outras palavras, segundo Flores e Teixeira (2005; 2017): “[...] a abordagem de fenômenos relativos ao uso da língua e do sujeito exige procedimentos cada vez mais novos que não necessariamente estão ou serão contemplados em modelos construídos aprioristicamente.” (FLORES; TEIXEIRA, 2005; 2017, p. 12).

Ainda sobre a *Linguística da enunciação*, enquanto um campo composto por diferentes teorias, acreditamos que seja pertinente ressaltar, dentro desse singelo *background*, uma possível visualização imagética do campo. Na figura 9, uma possível representação do campo da *linguística da enunciação* e algumas das *teorias da enunciação* que esse comporta. O quadro foi adaptado da representação proposta por Flores *et al.* (2009, p. 24) no *Dicionário de linguística da enunciação*:

Figura 7 - Árvore de domínio - representação do campo - Linguística da enunciação.



Fonte: Adaptado de Flores *et al.* (2009).

A figura acima é o que Flores *et. al* (2009) vão resgatar de Cremonese (2007, p.136) e chamar de “árvore de domínio” ou uma representação gráfica do campo da *Linguística da enunciação*. Cremonese (2007) propôs um modelo similar, pois segundo a autora:

Pensamos que um campo como a Linguística da enunciação não seja passível de uma representação linear, especialmente porque muitos de seus aspectos e características não podem ser facilmente planejados. [...] não acreditamos que uma árvore de domínio consiga dar conta da totalidade de um campo, especialmente se estivermos pensando em uma representação que chegará ao usuário e que lhe deveria bastar para uma visão epistemológica (CREMONESE, 2007, p. 136).

Acreditamos que esse esquema esteja a serviço de uma possível didatização da forma como a *Linguística da enunciação* é composta por diferentes teorias e teóricos. Um exemplo disso, é o caso de Émile Benveniste, pois seu nome aparece associado ao campo da *Linguística da*

enunciação, principalmente devido aos estudos que envolvem a teoria atribuída ao autor: *Teoria da Enunciação*.

Através de diversos estudos, sua teoria originou diferentes perspectivas de olhar para os problemas de linguagem. Sobre isso, Flores (2017a) adverte que: “Há uma grande diferença entre considerar que há, em Benveniste, uma teoria da linguagem que supõe a noção de enunciação e considerar que a teoria da enunciação é o centro do pensamento de Benveniste” (FLORES, 2017a, p. 80). Ainda sobre a representação acima, pode-se dizer que ela retrata, de certa forma, as raízes desse campo, que desde o princípio esteve circunscrito, tendo como base a discussão em torno da dicotomia saussuriana língua/fala. Nesse sentido, reforçamos as palavras de Flores (2001):

É bem verdade que a dicotomia língua/fala é o ponto de partida, mesmo que implicitamente, dos autores apresentados. Porém, não é nem na negação absoluta da dicotomia, nem na sua afirmação absoluta que vejo o objeto da linguística da enunciação. Mas é antes na falta de crença na distinção dos dois campos que, parece-me, está o que concerne especificamente à linguística da enunciação. Os fenômenos estudados nas teorias da enunciação pertencem à língua, mas não se encerram nela; pertencem à fala a medida que só nela e por ela têm existência, e questionam a existência de ambos já que emanam dos dois." Assim posta a questão, a teoria de Benveniste é, sem dúvida, a primeira a questionar a distinção língua/fala (FLORES, 2001, p. 56).

Isto posto, ao construir esse caminho, fica evidente que a *Linguística da enunciação* é estruturada como um campo que envolve estudos não apenas do sujeito, mas também da língua, da linguagem e da cultura, com diferentes sentidos e aplicações. Flores e Teixeira (2015, p. 414) escrevem nessa direção, pois por mais que existam diferentes vias, a linha de chegada será sempre tomar a linguagem de um ponto de vista que mobiliza, aloca e considera o sujeito e suas relações. Os autores salientam, ainda, que quando propuseram essa nomenclatura de *Linguística da enunciação*, um dos objetivos era ampliar o olhar dos estudantes para os campos da Linguística. Nas próprias palavras de Flores e Teixeira (2015):

Nossa ideia foi mesmo dizer aos estudantes: ‘olha, existem pontos em comum entre esses estudos’. Obviamente, não inventamos nem o sintagma ‘linguística da enunciação’, nem as ‘teorias da enunciação’. Eles são recorrentes na área. O que fizemos foi utilizá-los para nomear aspectos distintos da mesma questão (FLORES; TEIXEIRA, 2015, p. 412).

Deixamos claro que diversos autores vão originar essa perspectiva enunciativa da linguagem. Um desses autores, que está em destaque neste trabalho, é Émile Benveniste e, por isso, acreditamos que seja importante situar o autor dentro desse campo. Sobre isso, Teixeira e Flores (2011) salientam, que a posição de Benveniste é central nos estudos enunciativos e o autor é caracterizado como um pioneiro da época:

O pioneirismo de Benveniste, se assim se quiser dizer, não se deve a uma anterioridade temporal de desenvolvimento das pesquisas enunciativas. Esse lugar seria mais adequado a Charles Bally que, bem antes de Benveniste, já havia tratado dos temas relacionados à enunciação [...] O pioneirismo de Benveniste, então, diz respeito mais à generalidade do que ele propõe: sua reflexão sobre a enunciação é inspiradora porque ela é gestada a partir de um profundo diálogo com outras áreas (antropologia, psicanálise, sociologia e filosofia, principalmente) e em direção a perspectivas linguísticas ainda não vislumbradas. Sobre esse último ponto, o trabalho de Benveniste é contundente: ele produz um retorno da linguística ao estudo da língua viva, do discurso, no exato momento – fim da década de 40, início da de 50 – em que a herança saussuriana se limita aos estudos estruturalistas da langue. É Benveniste quem produz um retorno – alguns inclusive diriam que é uma primeira abordagem e não um retorno – da linguística ao estudo da língua que serve para viver, como ele mesmo diria (TEIXEIRA; FLORES, 2011, p. 407-408).

A partir disso, pode-se dizer, seguramente, que a *Linguística da enunciação* tem seu pensamento seminal instaurado por diversos autores, mas principalmente por Émile Benveniste. Flores (2001) pensa de forma semelhante quando escreve:

Émile Benveniste talvez seja o primeiro linguista, dentro do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise da língua especificamente voltado para a enunciação. O lugar desse autor é singular dentro do contexto histórico em que suas reflexões foram produzidas. Trata-se do apogeu do estruturalismo nas ciências humanas como método rigoroso de análise de fenômenos antes excluídos da investigação científica (FLORES, 2001, p. 24).

Seguros do entendimento deste item, a partir do esclarecimento e das diferenças entre os termos *Linguística da enunciação*, *Teorias da Enunciação*, *Semântica da Enunciação* e do protagonismo que Émile Benveniste tem para o campo, podemos dizer que esta era uma reflexão importante para que a legente precisa para poder adentrar e compreender, de fato, ao próximo item, o qual versa sobre a Teoria da Enunciação e a noção de enunciação em Émile Benveniste. Afinal,

como Teixeira e Flores (2011, p. 407) corroboram: “Quanto a Émile Benveniste, sua posição é realmente central nos estudos enunciativos”.

2.2 A ENUNCIÇÃO E SEUS ASPECTOS³⁹

A Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, conforme foi convencionalizada ao longo das décadas, tem sua origem em discussões e reflexões sobre os artigos do autor, que fazem parte dos 2 volumes de sua obra *Problemas de Linguística Geral*, doravante PLGs. Por isso, temos em mente que, ao dizer que existe uma teoria da linguagem em Benveniste, estamos colocando-a como uma perspectiva de estudo e/ou reflexão acerca da linguagem. Como visto no item acima, Benveniste é considerado o principal representante da teoria que levou esse nome (FLORES, 2005; FLORES; TEIXEIRA, 2005; 2017). Assim, tendo em vista que a *Teoria da Enunciação* benvenistiana ocupa-se do mesmo modo de questões que envolvem, principalmente, a presença linguística do sujeito na língua, julgamos pertinente abordar e descrever um dos conceitos-chave: a enunciação.

Dito isso, vamos centrar nossos esforços no texto⁴⁰ “O aparelho formal da enunciação” (1970). A escolha desse texto, especificamente, deve-se aos seguintes fatores: (a) de todos os seus artigos presentes nos PLGs, este é o único a conter o termo “enunciação”⁴¹, trazendo esse tema como foco; (b) é nesse texto que Benveniste apresenta os aspectos metodológicos para análise de

³⁹ É importante ressaltar que, de acordo com Flores (2013a), Benveniste não utiliza a expressão “teoria da enunciação” e não teve a intenção declarada de escrever uma teoria da enunciação.

⁴⁰ É importante frisar que na obra de Benveniste há o que Flores (2013a) vai chamar de flutuação terminológica, uma característica dos escritos do autor. Flores (2013a, p. 34) corrobora dizendo que: “É fácil encontrar, em seus artigos, termos que, apesar de idênticos do ponto de vista da expressão, são completamente distintos quanto ao significado (uso homonímico)”. Há termos que diferem do ponto de vista da expressão, mas relativos ao mesmo conceito (uso sinonímico). Existem, ainda, termos que adquirem nuances de sentido em diferentes momentos de reflexão do autor (uso polissêmico). Tais relações semântico-terminológicas podem ser encontradas comparando-se alguns textos entre si e mesmo dentro de um único texto.

⁴¹ Cabe destacar que Flores (2013) explica que Benveniste reserva as palavras “aparelho formal da enunciação” apenas ao título do artigo e segue, ao longo do texto, referindo-se à expressão “aparelho formal da língua”. Flores (2013, p. 168) nos mostra que isso ocorre devido ao fato de “[...] o locutor se apropria da língua, do aparelho formal da língua, para construir com ela um aparelho de enunciação”. Dito isso, podemos entender que esse aparelho formal da enunciação é construído, simultaneamente, a cada enunciação, por meio do aparelho formal da língua, em outras palavras, o aparelho formal da enunciação não é acessado pelo falante, o que é acessível é o aparelho formal da língua ou como Oliveira (2020, p. 103) caracterizou, um aparelho informal da enunciação.

estudos da enunciação; (c) é nesse texto que podemos encontrar uma definição explícita de enunciação; (d) o fato de que “*O aparelho...* condensa os mais de quarenta anos de reflexão linguística sobre a enunciação. Trata-se, portanto, de um momento-síntese da obra enunciativa de Benveniste” (FLORES, 2013, p. 161, itálico do autor); por fim, (e) a indicação de que nesse texto “[...] parece haver [...] uma espécie de reunião de elementos que possibilitam falar em uma linguística enunciativa de Benveniste” (FLORES, 2013, p. 176). Tendo justificado nossa escolha, ainda cabe destacar que optamos por esse texto tendo em vista não nos distanciarmos de nosso objetivo maior, mostrar a performatividade de gênero para além do social, estando também na linguagem, na posição linguística de nós, sujeitos, quando enunciamos.

Benveniste inicia *O aparelho formal da enunciação* (1970) como muitos de seus outros textos, situando o leitor sobre a forma como algum paradigma ou tema é tratado pelos linguistas da época, mostrando que é possível refletir sobre esse de outra maneira. Nesse sentido, o autor busca, nesse texto, diferenciar a análise da forma do emprego da língua que, conforme Benveniste, vinha sendo tratado de forma pelo viés morfológico e gramatical e ainda, de acordo com o autor isso não seria suficiente para entender o funcionamento da língua. Dito isso, o autor passa a diferenciar as condições de emprego das formas e as condições de emprego da língua.

No que concerne ao estudo do emprego das formas Benveniste destaca que esse envolve: “[...] um grande número de modelos, tão variados quanto os tipos linguísticos dos quais eles procedem” (BENVENISTE, 1979; 2006, p. 81-82). A partir disso, constata-se que nesse tipo de estudo, sobre as diferentes estruturas linguísticas, não é possível definir um número limitado de modelos com elementos essenciais, como uma estrutura universal da língua. Por outro lado, o emprego da língua envolve a análise do que Benveniste chamou de: “[...] mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 82). Esse mecanismo total é um fenômeno de difícil apreensão e passa despercebido, na medida em que parece se confundir com a própria língua.

Para a análise do emprego da língua, enfoque dado por Benveniste, é preciso ter atenção, pois é a partir desse ponto que o autor traz alguns conceitos importantes. É necessário observar a língua em uso, na medida em que: “[...] a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 82). Quando o sujeito coloca a

língua em uso, ou seja, quando produz um discurso através da fala, cria-se a situação para análise da enunciação, mas é necessário compreender que este tipo de análise não tem como ponto central o texto do enunciado, mas a própria produção do enunciado. O simples ato da enunciação ou, em outras palavras, o foco precisa estar na forma do dizer e não no que está sendo dito. Conforme Benveniste corrobora no seguinte excerto: “Este ato é fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 82). Com isso, um fenômeno linguístico que contempla o aspecto individual da posição do sujeito no discurso e em suas práticas sociais.

Para Benveniste, a enunciação pode ser caracterizada pela conversão que o sujeito faz da língua em discurso, situando algumas categorias (pessoa, tempo e espaço). Com isso, a enunciação se estabelece como um ato que transborda os limites e as possibilidades da língua como sistema. O sujeito, ao tomar a língua, ao se propor como eu e, conseqüentemente, como falante, compartilha essas categorias nas diversas situações de discurso. O sujeito, ao se apropriar do aparelho formal da enunciação, movimenta e também se apropria, simultaneamente do igualmente o aparelho formal da língua.

A primeira consideração sobre *O aparelho formal da enunciação* (1970) é referente a análise no ato da enunciação, não em seu conteúdo textual. Esse ato promove a instrumentalização da língua, que é utilizada por um sujeito. A produção do enunciado se dá através de um mecanismo específico. Primeiramente, a enunciação “[...] supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 82). Benveniste ocupa-se com a análise formal da enunciação, ou seja, com a análise dos elementos necessários para a produção dos enunciados, com as condições necessárias para a produção do discurso. Com isso, o autor coloca que o processo da conversão da língua em discurso pode ser estudado por diversos aspectos, mas seleciona apenas 3: a) o ato da enunciação em si; b) as situações de sua realização; c) os instrumentos necessários para que seja realizado.

De forma mais clara, temos que o *ato* da enunciação que pressupõe uma língua e, durante o uso, o reconhecimento da pessoa como locutor e do alocutário como ouvinte. Locutor e

Alocutário são posições que, durante um diálogo, trocam entre si, independentemente da presença física de um outro indivíduo, pois conforme Benveniste: “[...] toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 84). Além do *ato*, temos também a *situação*, pois a enunciação acontece em uma situação de discurso em que o locutor instrumentaliza a língua para se relacionar com o mundo: “[...] na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 83). Para isso, o locutor precisa se apropriar da língua, cuja condição de possibilidade é a referência estabelecida pelo discurso. O alocutário pode, por sua vez, se co-referir identicamente, Benveniste pontua a importância disso: “A referência é parte integrante da enunciação” (BENVENISTE, 1970/2006, p. 84). Por fim, além de ato e situação Benveniste explicita que como instrumento, o locutor tem a própria língua que é apropriada, de maneira que somente assim é possível enunciar, afinal: “[...] sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 84).

Além disso, ao estudar o fenômeno enunciativo enquanto grande processo, Benveniste constrói uma formação do *eu* no discurso com base em alguns índices e categorias. Tendo em vista um indivíduo que enuncia, se introduz na enunciação e sua presença torna cada instância do discurso um centro de referência interno. Na fala, o locutor está em relação constante com sua própria enunciação através de formas específicas: *Índices pessoais*: eu e tu são dois índices que emergem na enunciação, sendo o eu responsável por identificar o locutor e o tu, o alocutário. *Índices de ostensão*: este, aqui e agora são índices que designam o objeto e o tempo, mas sempre parte da posição do eu. *Pronomes pessoais e demonstrativos*: que aparecem como indivíduos linguísticos, que traçam uma ligação a indivíduos, diferentemente de pronomes pessoais que se referem a conceitos. “O estatuto destes ‘indivíduos linguísticos’ se deve ao fato de que eles nascem de uma enunciação, de que são produzidos por este acontecimento individual” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 85). *Formas temporais*: todas se determinam em relação ao eu, localizado no centro de suas possibilidades de existência. “Os ‘tempos’ verbais cuja forma axial, o ‘presente’, coincide com o momento da enunciação, fazem parte deste aparelho necessário” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 85). Especificamente, sobre a temporalidade, segundo Benveniste, essa não chega a ser

uma categoria inata ao pensamento. Ela é produzida na e pela enunciação e é necessária para seu acontecimento, pois a enunciação instaura a categoria do presente, condição da abertura de toda forma de temporalidade:

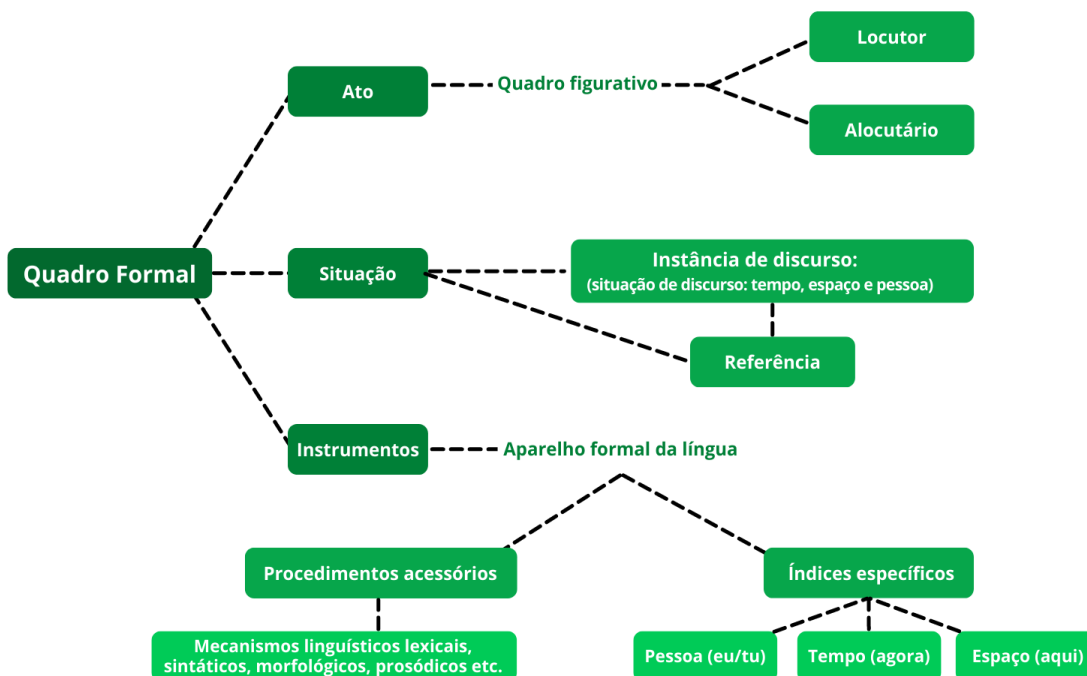
O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 85).

Sendo assim, é possível compreender que a enunciação é responsável pela existência de certa classe de signos que dependem do uso da língua. Entidades linguísticas como o “eu”, “aquele” e o “amanhã” são nomes metalinguísticos produzidos a partir da enunciação do *eu*, aquele e amanhã, conforme a seguinte passagem:

Além das formas que movimenta, a enunciação fornece as condições necessárias às grandes funções sintáticas. Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções. É, em primeiro lugar, a interrogação, que é uma enunciação construída para suscitar uma ‘resposta’, por um processo linguístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada. Todas as formas lexicais e sintáticas da interrogação, partículas, pronomes, sequência, entonação, etc., derivam deste aspecto da enunciação (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 86).

A enunciação constrói um eu, mas também permite que diversas outras categorias até então descritas como parte do pensamento e presentes no discurso passem a existir. Utilizamos o esquema abaixo para deixar a explicação sobre os conceitos abordados mais fácil.

Figura 8 - Esquema do quadro formal de realização da enunciação.



Fonte: Adaptado de Flores (2019, p. 160).

Voltando para Benveniste, utilizamos algumas passagens do autor para explicar, da melhor forma o quadro proposto. Partimos do fato de que Benveniste caracteriza a enunciação como: “[...] colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1970; 2006, p. 82). Sua condição específica é: “[...] o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado [...]” (1970; 2006, p. 82), ato este tomado como objeto. O estudo desse processo, conforme o autor, pode ser abordado em 3 eixos: (a) como *realização vocal da língua*; (b) o mecanismo dessa produção, procurando entender como o sentido se forma em palavras, ou a *semantização da língua*; e (c) a definição da enunciação no *quadro formal* da sua realização (*quadro formal de realização da enunciação*). Ao colocar esses aspectos, Benveniste (1970/2006, p. 83) se esforça para: “esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza”. Para fins metodológicos, na enunciação considera-se sucessivamente:

a) o próprio *ato*; b) as *situações* em que ele se realiza; e c) os *instrumentos* de sua realização⁴². “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua [...]” e “[...] depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 83-84).

Nesse cenário, podemos constatar que o locutor, então, apropria-se de um *aparelho formal* da língua e se enuncia através de índices específicos, constituindo e se colocando, assim, um centro de referência interno em cada instância de discurso. Em primeiro lugar, destacam-se os índices de pessoas, os quais se instauram somente na e pela enunciação; em segundo plano, os índices de ostensão e indivíduos linguísticos e, por fim, as formas temporais. É através desse caminho que se pode estudar as marcas da enunciação no enunciado, as marcas humanas na língua, pois essas marcas da enunciação, além de sentido, carregam e mobilizam as categorias de *tempo*, *espaço* e *pessoa*, indispensáveis à constituição e à instituição do sujeito no discurso pela linguagem.

Desse modo, consideramos que as categorias de *pessoa*, *tempo* e *espaço* atuam e influenciam na relação que existe entre o sujeito e sua prática social no mundo. Para que isso ocorra, é necessário que, em todas as línguas, haja o compartilhamento dessas categorias universais, as quais permitem nosso acesso ao mundo. Assim, para fazer esse movimento, é necessário que todas as línguas compartilhem essas categorias universais, as quais permitem o acesso ao mundo via discurso.

Encaminhando-se para o final do texto, Benveniste ainda se debruça sobre o monólogo, mostrando que podem existir diálogos fora da enunciação, como o jogo Hain-Teny, em que apenas provérbios são pronunciados. Nesse jogo, perde quem fica sem entender o que foi dito e, portanto, sem conseguir dar uma resposta. Igualmente, pode existir enunciação sem diálogo, como o monólogo, que consiste numa variedade do diálogo, numa espécie de linguagem interior. O ouvinte, nesse caso, permanece presente, dentro da mesma pessoa, para a qual o interlocutor se dirige fazendo perguntas, assertivas e o ouvinte intervém com objeções, questões, dúvidas ou insultos. O “eu” locutor se coloca como “eu” ouvinte. A transposição do diálogo em monólogo

⁴² Sobre cada um desses aspectos que constituem o *quadro formal de realização da enunciação*, falaremos mais adiante, no item 2.3, ao propor uma nova forma de olhar para esses aspectos.

divide o ego em 2 ou assume os 2 papéis. Essa possibilidade é sui-reflexiva, que compreende um jogo de oposições do pronome e do antônimo. Sobre o monólogo também se encaixar no quadro figurativo o autor ressalta que:

Ele deve ser classificado, não obstante a aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental. O 'monólogo' é um diálogo interiorizado, formulado em 'linguagem interior', entre um eu locutor e um eu ouvinte. às vezes, o eu locutor é o único a falar; o eu ouvinte permanece, entretanto, presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significante a enunciação do eu locutor (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 87-88).

Outra variedade do diálogo é a comunhão fática, apontada por Malinowski, um fenômeno psicossocial com função linguística. É um processo em que o discurso, sob forma de um diálogo, estabelece uma colaboração entre os indivíduos, em que os laços de união são função social, mas não são o resultado de reflexão. São exemplos: cumprimentos; pedidos de favor e de licença; e perguntas sobre a saúde e sobre o tempo. Seu objetivo não é informar e, por isso, mais uma vez, percebe-se que a linguagem não funciona como meio de transmissão do pensamento. O que há é uma conversa sem finalidade, usada para socializar e estabelecer comunhão pessoal.

Benveniste conclui o texto falando que muito ainda deve ser estudado sobre os desdobramentos da enunciação, como a distinção entre a enunciação falada e a escrita abrindo sua teorização para possíveis desdobramentos futuros:

Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação. Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem. Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 90).

Alguns desses desdobramentos podemos ver quando Ono (2007) parte do texto de 1970 em seu percurso, pela noção de enunciação em Benveniste. O que é algo extremamente relevante para este trabalho, pois a noção de enunciação também emerge quando falamos em ato enunciativo. A

autora desenvolve uma teorização muito interessante de como essa noção se forma ao longo do tempo e dentro de diferentes problemáticas da linguística de Benveniste, procurando ver como ela se articula com outras noções. Para Ono (2007), não seria possível enxergar a enunciação como algo de definição estática, é necessário olhar para as noções em conjunto, para isso, a autora destaca e investiga supostas fases pelas quais a noção de enunciação é atravessada ao longo dos artigos de Benveniste.

Em uma visão geral, para a autora existem, nos textos de Benveniste, 2 tipos de empregos da palavra enunciação: descritivo e teórico. Na visão descritiva a enunciação é o ato de proferir orações ou fórmulas, como em um rito ou em uma cerimônia e na teórica, a palavra enunciação designa um ato linguístico discursivo e/ou semântico. Nesse viés, é pertinente lembrar que Benveniste disse que “[...] esse grande processo pode ser estudado por diversos aspectos [...]” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 82) e explicou os seguintes: (a) realização vocal da língua; (b) a conversão individual da língua em discurso; e (c) a enunciação como realização individual considerada no quadro formal de sua realização. Ono (2007) a autora propõe uma leitura do processo da enunciação que envolve outros aspectos referentes à noção de enunciação, o que a autora considera sendo 5 aspectos da enunciação são estes: I) A enunciação como “realização vocal da língua”; II) O aspecto operacional da enunciação: o ato de conversão da língua em discurso; III) A enunciação como realização individual da língua; IV) O aspecto dialógico da enunciação; e V) O aspecto referencial da enunciação. A seguir, faremos uma breve apresentação desses 5 aspectos propostos por Ono (2007), pois acreditamos que os aspectos levantados pela autora sejam relevantes para nosso trabalho. De forma mais didática, fizemos um quadro composto dos aspectos da enunciação elencados por Benveniste (1970; 2006) e Ono (2007).

Quadro 3 - Eixos e aspectos enunciativos.

Benveniste – 3 Eixos		Ono – 5 Aspectos	
a	Enunciação como realização vocal da língua.	I	O aspecto vocal da enunciação.
b	Enunciação como mecanismo de semantização da língua.	II	O aspecto operacional da enunciação: a conversão da língua em discurso.

c	A enunciação no quadro formal da sua realização.	III	A enunciação como realização individual da língua.
		IV	O aspecto dialógico da enunciação.
		V	O aspecto referencial da enunciação.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Entendemos o aspecto I) vocal da enunciação, trazida por Ono (2007), diretamente ligada ao aspecto vocal proposto por Benveniste (2006, p. 82) em: “[...] o mais imediatamente perceptível e o mais direto – embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação – é a realização vocal da língua”. Sobre esse aspecto, Benveniste não é muito assertivo e, assim como Flores (2013, p. 164), entendemos que há uma lacuna sobre esse aspecto. Entretanto, tendo em vista a utilização, pelo próprio Benveniste, de termos como realização vocal, enunciação fônica, sons emitidos e percebidos, podemos atestar que o autor está tratando de algo mais perceptível, direto, a própria materialidade da enunciação. Sobre essa primeira particularidade, podemos salientar que não é de nosso interesse, pois, de certa forma, essa particularidade tem enfoque em questões mais fônicas, destoando, assim, de nossas ideias para as análises no Capítulo 3.

No que se refere ao número II) o aspecto operacional da enunciação, pode-se entender a enunciação como um ato ou operação em que há a conversão da língua em discurso. Sobre isso, Benveniste escreve que a enunciação pressupõe a conversão individual da língua em discurso, sendo para o autor uma questão não muito aprofundada nos estudos da época. Para Benveniste, seria de muito interesse pesquisar sobre como o “sentido” se forma em “palavras”, o que segundo ele: “[...] É a semantização da língua que está no centro desse aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância [...]” (BENVENISTE, 2006, p. 83).

Ao buscar o termo semantização no DLE (2009), encontra-se que o termo foi criado por Benveniste e englobaria vários outros aspectos referentes ao uso da língua, como atualização, apropriação, sintagmatização, dentre outros. Nesse sentido, não há mais a dicotomia língua e discurso, pois a semantização faz com que as 2 instâncias passem a ter uma relação de dependência

e de constitutividade entre língua e discurso. Ainda, ao falar desse aspecto, Benveniste faz uma nota de rodapé que remete ao texto *Semiologia da língua*, mostrando que a semantização é algo que engloba o semiótico e o semântico.

Sobre isso, em seu texto, Ono (2007) avalia que a frase somente se realiza no tempo e no espaço por uma combinação sintagmática de palavras, e é atualizada por um locutor que visa à comunicação via enunciação. É concebida como ato de converter a língua em discurso, sendo, portanto, uma atualização de um sistema virtual, um acontecimento, pois se efetua no tempo mesmo em que é produzida. Além disso, a autora salienta que a frase vai ser “substituída” pela noção de enunciação no decorrer do processo de construção e discussão da teoria, quase que naturalmente.

Assim como Benveniste, Ono (2007) considera que o locutor tem um papel bastante importante no processo de semantização, pois ele realiza essas 2 tarefas: a sintagmatização e a atualização da língua em discurso, funções primeiras da frase. É nesse viés, que o texto de 1970 cita o fato de que a enunciação utiliza da língua para influenciar o comportamento do alocutário, dispondo-se de um aparelho de funções, distinguindo 3 tipos: a interrogação, a intimação e a asserção. São, para o autor, modalidades da enunciação, as quais possuem como função certa intervenção ou atuação no alocutário: “[...] o enunciador serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário” (BENVENITE, 2006, p. 86). Acreditamos que esse aspecto seja de nosso interesse, pois, de certa forma, o uso da linguagem neutra também é isso, é fazer com que o enunciado/locutor, via enunciação, através de mudanças da língua, influencie o comportamento do alocutário.

Por fim, o aspecto número III) a enunciação como ato individual de realização da língua, partiremos das próprias palavras de Benveniste sobre isso:

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação [...] ao se apropriar do aparelho formal da língua e enunciar sua posição de locutor, está imediatamente assumindo a língua e implantando o outro diante de si qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Esse terceiro aspecto colocado seria o próprio ato individual pelo qual se utiliza a língua, ato esse que coloca o locutor como estando num primeiro plano, como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Com isso, temos que, para o autor, toda enunciação postula um alocutário, seja de forma implícita ou explícita.

Ainda com base na enunciação enquanto uma manifestação individual, é possível destacar um dos principais diferenciais da teoria de Benveniste, que é a da posição do sujeito, tendo em vista que o locutor, ao se apropriar da língua, ao enunciar, torna-se sujeito no discurso. Para Ono (2007), podemos pensar que, neste sentido, toda enunciação seria uma subjetivação do locutor. Podemos ver isso quando a autora complementa que no texto “Da Subjetividade na linguagem”, de 1958 de Benveniste, o autor vincula a noção de enunciação ao “eu”, pois este é indispensável para que a enunciação seja subjetiva e considera-a um ato.

Acreditamos que esse aspecto da enunciação tenha uma grande relação com nosso objeto de estudo nesta dissertação, visto que o locutor, ao se apropriar da língua, é introduzido em sua própria fala, sendo este, para Benveniste, um dado constitutivo da enunciação. A pessoa que se identifica como não binária e faz uso da linguagem neutra, ao se apropriar da língua, constitui, além da enunciação em si, parte de sua subjetividade, e demanda na língua certo reconhecimento, e dessa subjetividade, quase como se a língua, além de ser apropriada, servisse como testemunha. Além disso, esse terceiro aspecto da enunciação tem uma íntima relação com o que apresentaremos a seguir, qual seja, a introdução de outro elemento fundamental no processo da enunciação: o alocutário. Partiremos, então, para a abordagem da quarta particularidade da enunciação, segundo propõem Benveniste e Ono.

O aspecto IV) da enunciação é a dialogal ou conversacional. Sobre esse aspecto, vamos iniciar nossa explicação por meio de um excerto do texto de 1970, em que Benveniste acentua isso:

[...] a enunciação coloca duas ‘figuras’ igualmente necessárias, uma na origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação (BENVENISTE, 2006, p. 87, *itálicos do autor*).

Assim como Flores (2008) acreditamos, que ao falar sobre esse aspecto da enunciação, Benveniste esteja sublinhando o caráter intersubjetivo da linguagem. Assim, chama atenção não apenas para o diálogo como um processo em que é possível encontrar papéis que se revezam na interação, mas sim como sempre um sujeito falando com outro, pois para a enunciação, mesmo nos monólogos, existe uma relação dialógica, já que como o próprio Benveniste postula em outro de seus artigos:

Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza, mostrando que não se pode mais conceber a linguagem e o indivíduo dessa forma porque ‘não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a’. Na verdade, essa concepção deixa o indivíduo à margem da linguagem. O que propõe então é uma ideia de linguagem que dê ao indivíduo o status de sujeito e assim deve ser porque ‘é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem [...] é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de intersubjetividade, a única que torna possível a comunicação linguística’ (BENVENISTE, 2005, p. 285-293).

Flores (2008) é bastante taxativo ao afirmar que a natureza intersubjetiva do homem é o *a priori* radical da teoria de Benveniste. O homem somente é homem porque tem linguagem, sendo assim, não é possível opor o homem à linguagem, pois isto significa opô-lo a sua própria natureza. Trata-se de um princípio reiterado em diversos momentos da teoria. Ainda de acordo com Flores (2008), mesmo não sendo o uso do termo intersubjetividade tão comum quanto o termo subjetividade ou pessoa, no entanto, o tema é recorrente nos seus diferentes momentos. Dito isso, julgamos pertinente buscar uma definição de intersubjetividade e, para isso, recorreremos ao DLE:

[...] a intersubjetividade é correlativa a uma ‘experiência humana’ que se reflete na língua [...] a Teoria da Enunciação de Benveniste tem como fundamento a noção de intersubjetividade, já que é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, e essa condição está na dependência da existência do outro. Como exemplo, pode-se considerar que a intersubjetividade se marca na língua pela relação de oposição pessoa eu/pessoa não eu, distinção necessária à noção de unicidade de cada uma das pessoas. Essa unicidade se apresenta em uma relação complementar, que é intrínseca à relação de subjetividade - há pessoa subjetiva porque há pessoa não subjetiva, relação que pode inverter-se. Intersubjetividade é, então, noção primeira, pressuposta, epistemologicamente, pela noção de subjetividade (FLORES *et al.*, 2009, p. 82).

Essa definição demonstra bem a relevância do conceito de intersubjetividade tanto para a enunciação em si quanto para a teoria da enunciação. Conforme Flores (2008), nela, a linguagem é apresentada como condição de existência do homem e, assim, sempre referida ao outro, fazendo uma indissociabilidade entre linguagem e intersubjetividade. Ono (2007), ao abordar esse aspecto, mostra-nos que em relação ao diálogo e à intersubjetividade, Benveniste parece não tomar como sendo estes um atributo das palavras do discurso, mas como estando referidos à própria natureza da linguagem. Podemos ver isso quando a autora destaca que:

Benveniste destaca indiscutivelmente a iniciativa da linguagem nesse processo de apropriação. A linguagem leva cada falante a se apropriar da linguagem. Em outras palavras, o locutor se deixa levar pela linguagem no processo de enunciação. O orador é convidado a falar e, portanto, se apropria da linguagem (ONO, 2007, p. 165, tradução nossa).

Pensamos que analisar a questão da linguagem neutra considerando principalmente o posicionamento do falante e sua intersubjetividade é algo de extrema relevância na proposta que estamos construindo ao longo desta dissertação. A consideração da noção de intersubjetividade para a reflexão acerca das pessoas que se identificam como não binárias pode-se entender também como uma forma de compreender o que está em jogo quando essa pessoa se coloca no discurso e recorre ao uso da linguagem neutra.

Por fim, chegamos à última particularidade, que se refere a particularidade V) aspecto referencial da enunciação. De início, optamos por busca no DLE uma definição para o termo referência. Partindo de Flores *et al.* (2009), podemos concluir que Benveniste relaciona à noção de referência as características do uso do pronome “eu”, sempre único e singular. Sendo assim, a referência, seja no nível da palavra ou do texto, é definida pela situação do discurso. Esta é construída pela presente relação entre locutor, alocutário, objeto da alocução e pelo aqui e agora de uma determinada enunciação. Percebemos, aqui, uma relação próxima entre as particularidades acima desenvolvidas, principalmente nos itens II e III, nos quais abordamos a conversão da língua em discurso e o aspecto individual da enunciação. Com isso, podemos entender que toda enunciação é também um meio de vincular o(s) falante(s) à realidade do discurso.

Posto isso, é através desse vínculo que há espaço para a noção de referência que está diretamente ligada à ideia de atualização e esta somente é possível através da apropriação da língua pelo locutor. Entendemos, que pela sua relevância na compreensão da noção de enunciação e sua relação intrínseca e evidente com as outras particularidades, a referência foi considerada por Ono (2007) uma das 5 integrantes do processo enunciativo. Por isso, concordamos com a autora quando entendemos que a teoria da enunciação realiza sua análise sobre a língua do ponto de vista semântico, ou seja, pensar em como o sentido definido no processo da enunciação é, sem dúvida, uma questão central na teorização de Émile Benveniste, conforme a autora coloca:

Benveniste enfatiza várias vezes que a semântica é o domínio da linguagem em ação e uso. Essa atualização do sistema necessariamente introduz a ideia do falante que usa a língua. [...] Com efeito, o locutor intervém na teorização da semântica como conceito que desencadeia todas as operações (ONO, 2007, p. 136, tradução nossa).

Ao finalizar esta seção, o que podemos depreender do que abordamos até aqui é que, em relação à referência, cada instância de enunciação tem o seu cosmo de sentidos próprio, somente acessível àqueles que protagonizam a cena enunciativa, pois na enunciação não há realidade que esteja fora do discurso. Entendemos que pela sua relevância na compreensão da noção de enunciação, a referência foi considerada por Ono (2007) uma das 5 particularidades integrantes do processo enunciativo, o que não poderia diferir, considerando que a teoria da enunciação realiza sua análise sobre a língua do ponto de vista semântico, em outras palavras, pensar em como o sentido é definido no processo da enunciação é, sem dúvida, algo basilar na teorização de Émile Benveniste.

Elegemos como eixo de nosso estudo essas 5 particularidades enunciativas, porque acreditamos que elas possam colocar em inter-relação elementos que acreditamos serem fundamentais para compreender a visão enunciativa-benvenistiana de linguagem, destacando, principalmente, para aquelas particularidades que nos permitirão estabelecer, no item seguinte, uma interlocução com questões relacionadas à performatividade de gênero, falante, linguagem e, é claro, enunciação. Dessa forma, entendemos ser possível traçar alguns caminhos percorridos até se chegar à ideia desenvolvida no artigo de 1970, bem como discutir que aberturas teóricas Benveniste nos

deixa em relação a estas temáticas que formam o estudo da enunciação. Além disso, acreditamos que ao trabalhar com o ato enunciativo, além da própria enunciação, essas 5 particularidades circunscreverão nossas análises. É nessa perspectiva que nos propusemos a desenvolver o item a seguir.

2.3 REFLEXÃO BUTLERIANA SOBRE PERFORMANCE E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

Este subitem tem como intuito discutir, primeiramente, sobre como os conceitos de performance e performatividade estão colocados na teoria de Judith Butler. A palavra *performance* pode abarcar diversos sentidos e, ao mesmo tempo, com o passar das décadas, consegue se (re)significar conforme as sociedades e os fenômenos vão surgindo, isso pode ser notado pela dificuldade em incitar apenas uma explicação ou descrição desse termo. Por isso, o intuito, aqui, não é classificar o termo como um exercício meramente formal, ou incitar uma busca de um sentido denotativo que pudesse resgatar alguma pureza do significado desse termo. Pelo contrário, buscamos entender a performatividade de gênero enquanto um possível elemento enunciativo.

O termo performativo passou a ser difundido através do trabalho de Butler sobre os estudos de gênero e das teorias *queer*. Entretanto, esse termo não é novo aos olhos das artes, da linguagem, nos estudos de semântica, da sociolinguística, da psicolinguística, entre outras. Nesta seção, é de nosso intento mostrar as nuances entre performance e performatividade, bem como refletir sobre como esses termos moldam-se nos estudos de Butler, tendo em vista estabelecer um terreno fértil para as prospecções desejadas. Buscaremos, assim, pensar o domínio enunciativo-antropológico em sua possível relação com a performance, conforme tem sido definida e explorada nos trabalhos da filósofa Judith Butler⁴³.

É no espaço entre constativo e performativo, na teoria de Austin, que a autora situa suas ideias sobre *performance*. Para a filósofa, enunciados como “é uma menina” ou “é um menino” não simplesmente descrevem um estado de elementos anteriores à sua enunciação, mas fazem com que o corpo ao qual eles se dirigem se torne parte do processo de enquadramento nas normas dispostas na matriz de inteligibilidade de gênero, discutidas no item 1.1.2; esses enunciados iniciam um processo pelo qual a generificação daquele corpo é social e discursivamente compelida (BUTLER, 1993). Com efeito, tal generificação será acompanhada por outros possíveis

⁴³ Butler ancora sua reflexão sobre performance e performatividade partindo dos estudos de John Langshaw Austin sobre enunciados e atos de fala performativos, presentes principalmente na obra *How to do Things with Words* (1990).

enunciados: ademais, se “é uma menina”, pode ser seguido por “brinque de boneca”, “cruze suas pernas ao sentar”; já o enunciado se “é um menino”, pode ser seguido por “brinque de carrinho”, “abra suas pernas ao sentar”, entre outros; atos de fala que visam encapsular um corpo às normas de coerência entre sexo, gênero e identidade, que constituem a matriz de inteligibilidade já discutida.

Nesse sentido, podemos dizer que as identidades de gênero são também moldadas na/pela linguagem, o que significa que não existe identidade de gênero que a preceda, ou, em outras palavras, não há identidade antes do ser humano ser interpelado, linguisticamente, pelos discursos e suas situações. Com isso, Butler parte do performativo para alcançar a performatividade. Como pontua Jagger (2008):

Já que somos produtos dos discursos, linguagem e significados que estruturam os atos com os quais nos engajamos e pelos quais somos constituídos como sujeitos [...], o que devemos fazer é focar significados alternativos no curso de nossas repetições desses atos. Já que a heterossexualidade compulsória e o falocentrismo como regimes epistemológicos e ontológicos são fontes significativas dos atos que constituem nossa corporificação generificada, a rota para mudança nessa área é por repetições que subvertam as normas de gênero com a esperança de desestabilizar e deslocar tais regimes [...] (JAGGER, 2008, p. 33-34).

Desse modo, a performance, quando relacionada ao gênero, é um tipo de ocorrência que pode se dar em qualquer corpo, desconectado (ou não) da ideia de que cada corpo corresponde a um gênero. Butler (2003) propõe repensar o corpo como uma “superfície politicamente regulada”, em que muitas forças estão circunscritas nos comportamentos e expectativas sociais. A dimensão contingente do gênero como *performance* sugere a necessidade de repetição que, ao mesmo tempo em que é a reencenação de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente, é também, a cada vez, uma nova experiência de performance ou o que a autora chama de “[...] repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2003, p. 200). Podemos considerar que tanto a performatividade em Butler quanto a enunciação em Benveniste são atos e que se diferenciam apenas em seu potencial de serem repetíveis ou irrepetíveis. Contudo, não seriam apenas atos ordinários, mas de mesmo modo *atos performativos*, que podem constituir materialmente gênero, sexualidade e identidade no âmbito social. Esses atos são simultaneamente atos de linguagem que não, necessariamente,

descrevem, mas constituem os sujeitos dentro de campos discursivos de saber e de poder. Conforme a autora:

A construção não apenas ocorre no tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através da reiteração de normas; o sexo é produzido e, ao mesmo tempo, desestabilizado no curso dessa reiteração. Como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e, contudo, é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma (BUTLER, 2001, p. 9-10).

Ao pensar em deixar essa discussão (entre performance e performatividade) mais clara, decidimos trazer o trabalho de Borba (2014). Nele, o autor mostra que Butler (1988; 2004; 1990; 2022; 1993; 1997) esclarece qualquer querela de dúvida que exista entre os termos citados acima. No que se refere à confusão entre performance e performatividade, a Butler argumenta que essa visão voluntarista do sujeito generificado, que pode escolher as performances de gênero nas quais quer se engajar, esquece de um aspecto constitutivo da performatividade: a regulação. Para Butler:

A dimensão 'performativa' de construção é precisamente a forçosa reiteração das normas. Nesse sentido, então, não é que só existam limitações à performatividade, mas, pelo contrário, são as limitações que necessitam ser repensadas como a própria condição da performatividade. A performatividade não é um jogo livre nem uma autoapresentação teatral; não pode também ser igualada à performance. Além disso, a regulação não é necessariamente aquilo que coloca um limite à performatividade; a regulação é, ao contrário, aquilo que impele e sustenta a performatividade (BUTLER, 1993, p. 93).

As performances de gênero só podem existir quando imersas em uma cena discursiva plena de constrangimentos, que limitam o que conta como inteligível quando se trata de gênero. Butler enfatiza, assim, que as performances de gênero não acontecem livremente: são sempre reguladas por uma estrutura muito rígida, nesse caso, a matriz de heteronormatividade citada anteriormente e os discursos que a sustentam. Essa estrutura delimita as possibilidades do ser e da expressão de sua identidade. Com isso, entende-se que performatividade não é performance; a performatividade

é o que possibilita, potencializa e limita a performance (CAMERON; KULICK, 2003; PENNYCOOK, 2007). Entender os conceitos de gênero, sexo, sexualidade, raça, entre outros, como performativos não é meramente afirmar que eles são uma performance, mas sim que eles são produzidos na/pela/durante a performance, sem uma essência que lhes serve de motivação. Performatividade, assim, chama nossa atenção para:

[...] os códigos de significação que subjazem [possibilitam e restringem] determinadas performances, e com isso, desafia a percepção do senso comum de que nosso comportamento verbal enquanto outros são uma expressão 'natural' de nossos eus essenciais. Para Judith Butler, a identidade não é a origem, mas o efeito das práticas de significação: esta é uma abordagem que, a nosso ver, deve ser essencial para os pesquisadores cuja linguagem e comunicação são preocupações primordiais (CAMERON, D.; KULICK, D. 2003, p. 150).

Ainda sobre esse tema, segundo Butler (1990), a linguagem performativa não se constitui em uma expressão, pois a esta subjaz a ideia de que haveria uma interioridade a ser transposta para “fora” e, desse modo, expressar-se para o olhar do outro. Ora, justamente, o ser performático é, desde sempre, exteriorizado, não exprime algo que viria da interioridade, mas se forja pela exteriorização ela mesma, sendo esta a sua genuína manifestação (BUTLER, 1990; 2017).

Em outras palavras, os atos ou atributos de gênero não são expressivos, pois constroem, são eles que constroem a identidade que supostamente expressariam. Não existe uma identidade preexistente ou pré-definida a partir da qual um ato poderia ser referenciado. A ideia de expressar está ligada a um elemento constitutivo que já estaria anteriormente subentendido para poder ser revelado via expressão, o que não ocorre no ato performativo, pois é a partir dele, como ação, que no tempo mesmo do seu acontecimento realiza a inauguração de um acontecimento, movimento pelo qual um enunciado é dito no acontecimento do ato.

Nesse panorama, que faz a distinção entre performance e performatividade, podemos dizer que essa perspectiva produz um impacto nos processos de normalização e exclusão empreendidos pelo modelo expressivo da identidade. Com esse cenário, vemos que Butler dá centralidade à linguagem nas dinâmicas culturais que produzem e regulam essas identidades. A autora interessa-se por discursos, por atos de fala, pela linguagem como ação, por performances corporais e

linguísticas e pelos códigos de significação que abarcam tais performances. Pinto (2007) explica que, dentro da teoria da performatividade suscitada por Butler:

No conjunto de ações que garantem identidades, a linguagem é sem dúvida elemento fundamental, porque as ações não linguísticas que postulam o sujeito, quando descritas, são ao mesmo tempo repetidas nos atos de fala que as descrevem. A linguagem não reflete o lugar social de quem fala, mas faz parte desse lugar. Assim, identidade não preexiste à linguagem; falantes têm que marcar suas identidades assídua e repetidamente, sustentando o 'eu' e o 'nós'. A repetição é necessária para sustentar a identidade precisamente porque esta não existe fora dos atos de fala que a sustentam [...] (PINTO, 2007, p. 16).

Com efeito, a teoria da performatividade de gênero, sublinhada acima, mostra que a identidade é composta por descontinuidades, fissuras, quebras e, dessa maneira, questiona um dos sistemas de reconhecimento que confere o status de humano a determinados indivíduos. Tal sistema de reconhecimento – o modelo expressivo de identidade discutido anteriormente – é, na maioria, produzido e sustentado na/pela linguagem, a qual constitui um dos elementos-chave para o reconhecimento social e cultural. Não obstante, mostramos, assim, que o processo de formação e estabilidade das identidades dos seres humanos está, de fato, atrelado também a questões de língua e linguagem.

Sendo assim, tendo exposto o panorama da forma como as questões de performance e performatividade emergem e se mobilizam dentro da teoria de Butler, podemos entender que há um forte arraigamento da pessoa falante e de sua identidade com sua posição de sujeito no discurso, ou seja, ao olhar para o que foi dito até o momento, há sempre, pelo menos, um fator ligado ao humano, tanto do “lado” de Butler quanto de Benveniste e Flores, pois há uma inclinação para um conhecimento/saber que se relaciona com o antropológico, seja esse identitário ou linguístico.

Diante disso, é necessário direcionar o holofote e construir uma aproximação, tendo em vista essa relação latente entre enunciação, performatividade de gênero e falante. Com isso, é oportuno questionar, mas qual o papel da enunciação nessa relação? A resposta para essa pergunta está na própria enunciação, pois é nas situações de discurso que o sujeito, ao se apropriar da língua via linguagem, no discurso performa em 2 esferas: a enunciativa (sujeito da linguagem) e

gendrificada (sujeito social). Abordaremos, de forma mais aprofundada, essa relação na próxima seção.

2.4 SAINDO DO ARMÁRIO: A PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO NA ENUNCIACÃO

Nesta seção, apresentaremos nossa investigação sobre a possibilidade da existência de um espaço para questões identitárias dos falantes. Dito isso, acreditamos que, além de trazer uma contribuição com um recorte recente para o campo dos estudos enunciativos, tal releitura da performance pelo viés antropológico-enunciativo de base abre diálogo com outras áreas das ciências humanas, indicando, assim, uma forte característica transdisciplinar nas teorias de Benveniste e Butler.

Como visto, nossa tarefa até o momento circunscreve diferentes termos, são eles: identidade, sujeito, performatividade e enunciação. Esses termos, em certa medida, compõem grande parte do envolvimento e das situações de discursos nas relações interpessoais dos sujeitos. A elaboração da concepção desses termos, permite-nos focar a ação linguística na análise dos mecanismos enunciativo-antropológicos que engendram essas relações.

Vimos que Butler, ao desenvolver a noção de gênero como ato performativo, coloca a identidade como efeito desses atos que também são atos de linguagem. Essa noção nos leva ao deslocamento do sujeito da posição de anterioridade e causa dos atos para a posição de efeito desses atos executados repetidamente. A partir das concepções de identidade, sujeito, performance e performatividade, vistas na seção anterior, podemos começar a compreender o lugar do sujeito que faz uso da linguagem neutra, deslocando-se para identidade de pessoa não binária, a qual encontra, na língua, um não lugar, onde não há formas que comportem sua existência linguística e/ou identitária, com isso, essa pessoa passa a constituir seu espaço, tanto na língua quanto na sociedade, na medida em que age, atua e luta contra engessamentos, imposições e induções.

Esse não lugar do sujeito da pessoa não binário obviamente não o livra de ser atravessado por mecanismos de poder, mas permite que essa pessoa, enquanto sujeito, tenha maior liberdade

de movimentos e maior potencial de resistência e existência contra aquilo que, ao tentar defini-lo, imobiliza-o. A diversidade de atos e de formas de ser e de existir se constitui como a força de resistência, portanto, energia, necessária ao escape de categorias identitárias (conforme Item 2.2.3) de quaisquer sequências normatizadoras. No que concerne ao uso da linguagem neutra nessas performances, escapar, também linguisticamente, às categorias binárias do que seria mulher ou homem, abre um campo de manobra para combater uma matriz (conforme Figura 2) que encontra seu potencial na imobilidade das identidades, tanto pelo viés linguístico quanto pelo social, ou seja, buscamos construir a ideia de performatividade de gênero na enunciação.

Em outras palavras, nos dispomos a analisar e refletir sobre a performatividade de gênero associada a enunciação. A partir disso, observamos que Butler (1990; 2022) trata gênero como uma questão de performatividade é através disso, que a pessoa performa uma posição tendo em vista suas relações, atitudes e formas de se colocar no mundo. A partir das análises no próximo capítulo pretendemos mostrar que a performatividade também se circunscreve na linguagem via enunciação, afinal, tanto a performatividade quanto a enunciação compõem o sujeito em suas relações interpessoais.

Antes de explicar melhor o que estamos propondo, seria prudente relembrar a definição dos conceitos que aparecem nesse quadro. i) o ato, ou seja, o quadro figurativo da enunciação, que supõe diálogo do “eu” (locutor) com o “tu” (interlocutor/alocutário); ii) a situação ou “instância de discurso” (BENVENISTE 1989; 2006), no qual o enunciado está imerso, sendo um conjunto das coordenadas de tempo, espaço e pessoa; e iii) os instrumentos linguísticos que se dividem em dois tipos: a) índices específicos; e b) procedimentos acessórios que são compostos por índices específicos e procedimentos acessórios. De acordo com Battisti, Othero e Flores (2022, p. 46), os índices específicos são os que Benveniste chamou de “[...] caracteres necessários e permanentes [...]” da enunciação: os índices de pessoa (*eu-tu*), os índices de ostentação de espaço (este, aqui) e as formas temporais do presente da enunciação. Já os procedimentos acessórios estão ligados à singularidade de cada enunciação, em outras palavras, podem configurar-se como quaisquer outros mecanismos linguísticos que sirvam para o locutor se marcar no enunciado.

Butler (1990) argumenta, que nascer homem ou mulher não determina o comportamento de uma pessoa. Na verdade, as pessoas aprendem a se comportar de maneiras específicas para se

encaixar na sociedade. A ideia de gênero é um ato ou performance que surge com esse ato sendo a maneira como uma pessoa anda, fala, veste-se e se comporta. A autora classifica essas características de gênero, como “performances de gênero”. Para a autora, o que a sociedade considera o gênero de uma pessoa é apenas uma performance feita para agradar às expectativas sociais e não uma verdadeira expressão de sua “identidade de gênero”.

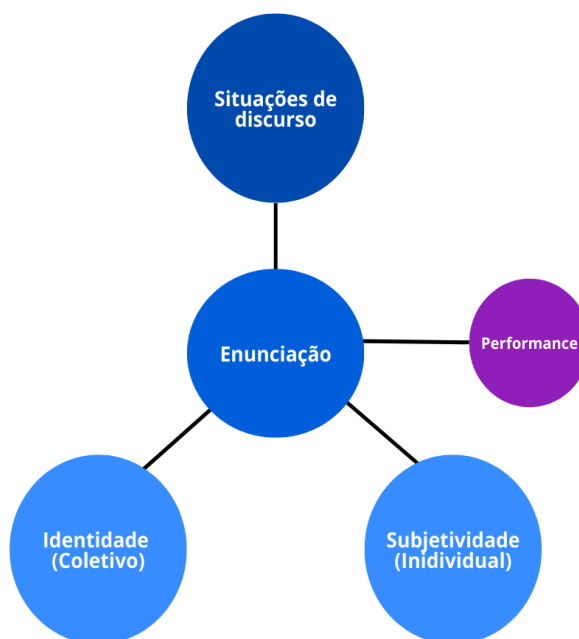
Desse modo, entendemos que no ato enunciativo há também o performativo de Butler (1990; 2022 p. 242), a realização da enunciação entre os locutores, mostrando, assim, a discursivização da língua, uma possível exposição da subjetividade como fator identitário, que permite a passagem da competência à performance, das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob forma de discurso. Em outras palavras, podemos entender esses atos quando olhamos para linguagem neutra, como atos em busca de uma enunciação de si, não articulada apenas ao *eu* do discurso, mas também ao *eu* no social e é através desses atos que se constroem relações de alteridade e afirmação abrindo espaço para entendermos que língua e linguagem atuam sim na realidade dos falantes tanto de forma individual quanto no social.

Em trabalho anterior, Oliveira (2021) elabora uma relação entre subjetividade e identidade e mostra que ambos os conceitos podem ser estudados pelo viés enunciativo da linguagem, pois a subjetividade pode ser atrelada ao discurso e efeitos para uso para e efeitos da Linguística e a identidade ao indivíduo voltada mais para a Sociologia. Entretanto, em outro trabalho, Oliveira (2021) afirma, que já existia esse questionamento sobre: como é possível que 2 aspectos tão diferentes (subjetividade e identidade) à *priori* possam se relacionar? O ponto de intersecção desse relacionamento estaria na própria enunciação, pois é nas situações de discurso (onde os indivíduos percebem-se como semelhantes a partir da identidade devido a questões, principalmente sociais e culturais como gênero, por exemplo) que a articulação da/na enunciação universaliza (identidade) e singulariza (subjetividade) os indivíduos no discurso, enunciando e transpondo-se de indivíduo para sujeito.

Defendemos, então, que a identidade de gênero, assim como outros fatores sociais e culturais, seria uma forma dos indivíduos se identificarem com seus pares e formarem comunidades. Dentro dessas comunidades, ao se enunciarem enquanto sujeitos, estes estariam fazendo esse movimento e, ao mesmo tempo, individualizando-se via subjetividade. Em outras

palavras, a identidade seria um fato que além de ser universal, pois todas as pessoas possuem uma identidade, nem que seja temporária, também estaria a serviço de unir os indivíduos que identificam em seus pares identidades semelhantes. Contudo, mesmo com essas identidades aproximadas, é possível ver no extralinguístico um fator do discurso em que essas pessoas podem se individualizar, sempre dentro de situações de discurso e relações interpessoais. Dito isso, acreditamos que a linguagem neutra seja um fenômeno que contempla essa visão, principalmente tendo em vista a comunidade não binária e sua luta por um lugar na língua. Acreditamos que seja pertinente trazer o esquema abaixo apresentando de forma mais clara essa relação.

Figura 9 - Esquema de aproximação entre Subjetividade e Identidade.



Fonte: Adaptado de Oliveira (2021, p. 146).

Com esse construto teórico, olhando para essas aproximações entre performance, enunciação, subjetividade e identidade, é possível dizer que há certo quiasma entre a perspectiva enunciativa e butleriana. Entendemos, que o quadro formal da enunciação permite uma leitura da ideia de performatividade da identidade de gênero da pessoa falante na língua. Sobre a participação da noção de performatividade de Butler, em nosso construto, é necessário compreender aquilo que

Austin (2002) coloca como “atos de fala”, ou seja, a linguagem também é uma ação, ao nomear os elementos do mundo, a linguagem “age” sobre aquilo que nomeia. Essa ação não estaria desvinculada daquilo que a autora chama de práticas regulatórias “[...] que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla” (BUTLER, 2000, p. 2).

Assim, pode-se entender que exista, de fato, diferentes razões e motivações para que as pessoas estejam fazendo uso e demandas pelo uso de uma linguagem neutra. Defendemos que, ao fazerem os movimentos de: (a) uso de uma linguagem de encontro a norma padrão; e (b) demandar por mudanças linguísticas essas pessoas também estão e querem, cada vez mais, usar a língua para se marcar, de forma enunciativa e identitária. Sobre isso, podemos trazer a seguinte passagem de Benveniste (2006, p. 222): “[...] bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver”. Nesse sentido, há lugar para entender que, língua e linguagem podem atuar tanto nos falantes quanto em sua realidade colocando o sujeito e a pessoa falante como parte constitutiva tanto do seu discurso linguístico quanto de sua realidade social/extralinguística. Flores (2020), ao fazer menção à condição figurativa do falante, mostra que essa condição da língua, ao agir ou operar sobre o falante, levanta uma condição muito especial do falante:

Sempre que o homem fala, a língua opera nele, está nele, concede-lhe uma condição específica na relação com o(s) outro(s). Isso pode interessar ao linguista na justa medida em que este, falante que é, percebe que cada falante constantemente retorna sobre essa sua condição para situar-se em relação ao outro e para situar o outro em relação a si. Um estudo dessa natureza poderia voltar à célebre noção benvenistiana de “pessoa” para reinterpretá-la no uso das línguas, e chegaríamos, assim, a uma linguística dos seres falantes (FLORES, 2020, p. 44).

Posto isso, podemos entender que se a língua opera no falante, ela, por consequência, vai operar também no âmbito social. Afinal, quando o sujeito se coloca no discurso, ele constrói um enunciado cujo sentido é a representação de sua enunciação. Desse modo, além do sentido ser compartilhado e construído pela interlocução esse também é de responsabilidade primeira do locutor

que, ao produzir linguagem, toma posição diante dos fatos sobre os quais se enuncia, e nesse movimento podemos evidenciar movimentos culturais e linguísticos.

Butler mobiliza os atos performativos para o viés extralinguístico, abordando o gênero como performance. Dessa forma, propomo-nos, aqui, a retomar a discussão linguística, mas, dessa vez, não com base em Austin, mas em Benveniste, defendemos a enunciação também como performance, onde o sujeito enuncia sua posição na linguagem através da enunciação. Dito isso, acreditamos que é através da antropologia da enunciação que será possível visualizar esse resgate, pois quando a pessoa falante fala da sua posição de falante no discurso, enunciando de forma específica, ele se coloca tanto no campo linguístico quanto no extralinguístico.

Esse construto que relaciona enunciação, antropologia e gênero vai centrar-se, como será visto no próximo capítulo, em olhar para a forma como, na enunciação e na língua (escrita ou falada), a pessoa pode constituir também sua identidade via processos de subjetivação. Além disso, investigar-se-ão marcas ou pistas de subjetividade (individual) que possam constituir a identidade (coletiva) da pessoa pela performance de sua identidade de gênero.

Basicamente, é olhar e transpor para o uso do fenômeno da linguagem neutra questões/marcas da língua/linguagem para o social, pois é possível defender que o fato das pessoas usarem determinadas formas para se marcarem e, de certa forma, para se legitimarem enquanto componentes de uma sociedade, existe um processo linguístico-cultural-identitário pela enunciação através de atos de linguagem. Nesse cenário, podemos entender, de mesmo modo, um querer, uma demanda do falante. Nesse caso, acreditamos que o falante quer usar a língua para além de se comunicar, buscando e mobilizando-a juntamente com a linguagem como suas testemunhas, tanto de questões identitárias quanto subjetivas, ou como Benveniste (1970; 2006), outras marcas da enunciação, as que são menos evidentes, menos categorizáveis, segundo:

De modo mais amplo, ainda que de uma maneira menos categorizável, organizam-se aqui todos os tipos de modalidades formais, uns pertencentes aos verbos, como os “modos” (optativo, subjuntivo) que enunciam atitudes do enunciador do ângulo daquilo que enuncia (expectativa, desejo, apreensão), outros à fraseologia (‘talvez’, ‘sem dúvida’, ‘provavelmente’) e indicando incerteza, possibilidade, indecisão, etc., ou, deliberadamente, recusa de asserção (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 87).

Talvez, essas marcas menos categorizáveis ou evidentes, no contexto em que o autor se encontrava realmente, não deveriam ser muito relevantes para os estudos da época, conforme os exemplos da citação. Entretanto, no momento atual da sociedade, questões de identidade, de gênero, de etnia, e de identidade de gênero são marcas muito importantes para os indivíduos, principalmente aqueles que envolvam essa expectativa, esse desejo de se marcar na língua de alguma forma.

Nesta seção, foi possível construir e sustentar a relação entre subjetividade, performance e sujeito, tendo como pano de fundo as teorias de Benveniste, Flores e Butler. Com isso, acreditamos que no exercício de se colocar no discurso, via apropriação da língua, exista uma ruptura que mostra o movimento da exteriorização de subjetividade, via performance, enquanto sujeito (no discurso) e indivíduo-identitário (sociedade). Conforme Hall (2003):

[...] linguagem – na medida em que estrutura pensamentos, imagens sociais e articulação proposital e não intencional – fornece a base questão de nossas identidades, e os parâmetros e limitações de nossa capacidade de conhecer e agir, mas também o único material que temos com o qual trabalhar para melhorar a nossa vida e a dos outros (HALL, 2003, p. 2).

Dito isso, podemos corroborar essa necessidade em pensar outras perspectivas para enunciação dos sujeitos em si, bem como propor novas formas de análises dessas enunciações, sempre buscando olhar para esse fenômeno e seus dados não de forma restritiva ou que vise um controle, mas sim de dar espaço a infinitas possibilidades de o sujeito-indivíduo se enunciar, sentir, emancipar e ser.

**CAPÍTULO 3 - *FACIO, ERGO SUM!* PARA ALÉM DO COMUNICAR: A LÍNGUA
COMO TESTEMUNHA DO SER A PARTIR DE ATOS ENUNCIATIVOS E
IDENTITÁRIOS**

*We dress a certain way, we walk a certain way
We talk a certain way, we-we paint a certain way
We-we make love a certain way, you know
All of these things we do in a different
Unique, specific way that is personally ours.*

(Barbara Ann Teer)

No Capítulo 2, fizemos uma discussão sobre a Linguística da Enunciação, a Teoria enunciativa de Émile Benveniste e reflexões e reflexos sobre essas duas perspectivas no que se refere à noção de performatividade de gênero, com base na Teoria de gênero de Judith Butler. Baseado nisso, entendemos que os autores supracitados nos autorizam a circunscrever em seus processos de análise a perspectiva da performatividade de gênero dos sujeitos na língua via enunciação.

Será a partir da discussão sobre a relação entre sujeito falante, enunciação e referência que iniciaremos a contextualização dos itens que compõem a análise do corpus. Propomos aqui, uma análise focada no resgate da enunciação olhando para a referência que o falante constrói ao falar sobre a questão da linguagem neutra, pois assim como Flores (2019, p. 257), vamos: “[...] deixar de mirar a abstração das propriedades linguísticas para fixar os olhos [...] não mais na língua, mas no falante que fala sob efeito de ser construído pela língua”.

3.1 DOS *CORPORA* AO *CORPUS*: APRESENTANDO OS DADOS

Tendo em vista lançar um olhar para o fato de as pessoas falantes falarem sobre a questão da linguagem neutra, não é de nosso interesse vincular nosso material de análise apenas a um gênero textual e/ou discursivo. Dito isso, nosso corpus é composto de segmentos de diálogos extraídos de diferentes origens, como: vídeos do YouTube; comentários do Facebook; e reportagens e entrevistas que circulam na grande mídia. Essa escolha deu-se porque, em nossa busca, encontramos muitos diálogos que acreditamos ser pertinentes para este trabalho, por retratar a questão da linguagem neutra, mais especificamente, o debate entre sujeitos a respeito de suas e de outras identidades.

Entendemos, a partir de uma observação atenta aos aspectos linguísticos, sociais e culturais até aqui discutidos, que os debates sobre linguagem neutra acontecem em contextos bastante variados de interação entre sujeitos. Não nos interessa, neste momento, analisar apenas um tipo de gênero textual e/ou discursivo, tampouco fazer juízo de valor sobre a linguagem neutra. Interessamos a observação, através dos mecanismos trazidos no capítulo anterior, a construção de um eu por parte do eu-tu em que há espaço para a performatividade de uma identidade, tendo em vista que os enunciados analisados a seguir possibilitam construção, via performatividade e enunciação, de um referente identitário tendo como base o sentido construído nas situações de discurso. Acreditamos que a construção dessa identidade aconteça intersubjetivamente no momento da performatividade, via enunciação, e que a observação dessa construção possa nos dizer algo sobre a relação entre falante, linguagem e cultura.

Apresentaremos 3 conjuntos de dados. O primeiro extraído de comentários postados publicamente em um grupo do Facebook e com poucos sujeitos, desconhecidos uns dos outros, interagindo. Sobre isso, mesmo que as informações nesses grupos sejam de acesso livre, durante o tratamento dos dados coletados, observamos, atentamente, a forma de que trata o art. 7º, inciso IV, da Lei n.º 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados) (BRASIL, 2018), assim como o disposto no §3º do mesmo dispositivo. Por isso, não será realizada a divulgação da imagem e nem do nome dos sujeitos envolvidos, contudo, mantivemos apenas as iniciais para que se identificassem os interlocutores nesses diálogos. O segundo recorte é composto de um vídeo do YouTube, extraído

de canais de notícias e *podcasts* que visam trazer questões em voga na sociedade. Por último, a entrevista analisada foi obtida através do Jornal Zero Hora (Porto Alegre/RS). Cada conjunto de dados é denominado, respectivamente: conjunto 1; conjunto 2; e conjunto 3.

No interior de cada conjunto, recortamos diálogos, enumerados ordinalmente (Diálogo 1, Diálogo 2 e assim por diante). Há 3 tipos de diálogos: (a) os diálogos extraídos do Facebook, com diversos sujeitos, configurando um diálogo mais amplo e sem muito monitoramento, acontecendo entre pessoas que se conhecem ou não, mas possuem algo em comum, pois fazem parte do mesmo grupo; (b) os diálogos encontrados no YouTube com entrevistas gerenciadas e sujeitos que podem ou não se conhecer pessoalmente, o que pode gerar um certo distanciamento que lhes permite serem mais agressivos nas suas interações; (c) os diálogos presentes em uma entrevista em que jovens não binários contam a realidade sobre a sua vivência com o uso da linguagem neutra. Sobre as análises é importante ressaltar que a análise em enunciação não se caracteriza como quantitativa, mas sim qualitativa, desse modo, cada análise é única sendo uma possível ilustração da teoria não sendo possível esgotá-la. Minayo (2007, p. 24) enfatiza, que a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes [...]” e, a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados de forma linguística e social buscamos compreender e interpretar situações de discurso sobre a linguagem neutra.

É importante destacar que a escolha desse tipo de material, que permite a cópia da página, dá credibilidade ao dado coletado e certa atualidade. Esse tipo de dado pode ser encontrado por qualquer pessoa, pelo fato de estar disponível na internet, em grupos ou páginas e vídeos abertos. Embora dispuséssemos de um corpus bastante maior, acreditamos que um número reduzido de diálogos apenas seria capaz de ilustrar a referência do sentido construído, tendo em vista o sentido dado para a questão da linguagem neutra nos enunciados selecionados.

Cabe dizer que optamos por uma transcrição livre, tendo como base as convenções ortográficas, mas mantendo, na medida do possível, algumas marcas da oralidade – quando for o caso – para preservação do sentido. Ademais, grifamos os comentários que o falante faz sobre a língua. Com base nisso, podemos dizer que se trata de um corpus autêntico e ilustrativo do fato de linguagem que pretendemos analisar. Abaixo, para deixar mais claro para quem nos lê, elaboramos um quadro da forma como estruturamos a divisão dos recortes e seus respectivos diálogos.

Quadro 4 - Recorte, diálogos e fonte do *corpus*.

Conjunto	Diálogo	Fonte
Conjunto 1	Diálogo 1	Facebook
Conjunto 2	Diálogo 2	YouTube
Conjunto 3	Diálogo 3	Site do Jornal Zero Hora

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

3.2 TECENDO OS PRINCÍPIOS DE ANÁLISE

A partir do caminho metodológico esboçado por Benveniste e das indicações de Flores (2019) que abordamos no capítulo anterior, buscamos por uma análise enunciativo-antropológica, ou seja, dois pontos de vista que se complementam. O primeiro enunciativo é global, pois busca entender como o locutor fala da língua, o segundo antropológico-enunciativo olhando para o sentido e o conteúdo do comentário que o falante faz sobre a linguagem neutra. Entendemos nossos recortes como segmentações feitas pelo analista a partir da transcrição para fins específicos; nesse caso, selecionamos os trechos em que há comentários do falante sobre a linguagem neutra e a língua. Portanto, o que nos interessa, vale repetir, é compreender como o locutor fala da língua e a referência que esse constrói ao tecer seu comentário sobre a linguagem neutra.

Para tanto, escolhemos como recurso metodológico aquilo que Benveniste propõe em seu texto *O aparelho formal da enunciação* (1970), como uma das abordagens possíveis para estudar a enunciação. Analisaremos: i) o ato, ou seja, o quadro figurativo da enunciação; ii) a situação ou contexto no qual o enunciado está imerso; e iii) os instrumentos linguísticos que o locutor utiliza em seu discurso e que marcam sua relação com a língua no comentário que esse faz. Dessa forma, o primeiro passo é descrever o ato, em seguida, a situação em que o ato acontece e os recursos linguísticos mobilizados pelo locutor ao fazer seu comentário sobre a linguagem neutra.

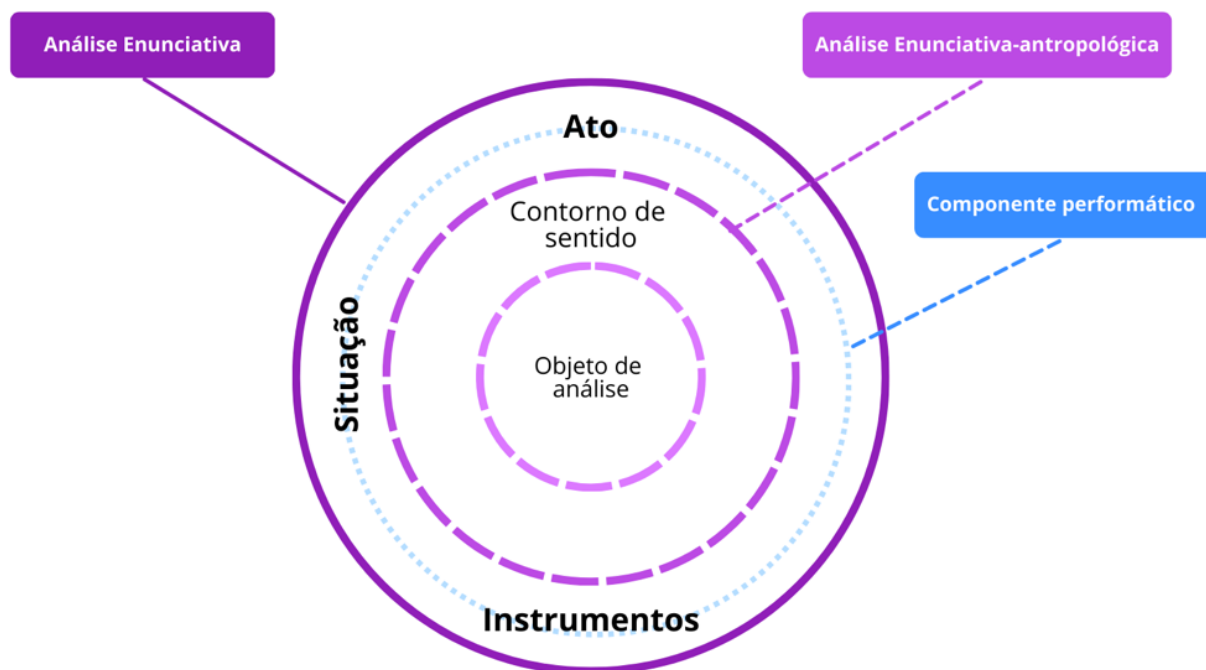
Sobre a segunda perspectiva adotada temos como base a Antropologia da Enunciação proposta por Flores (2019). Durante nossa seleção de recortes, assim como Flores (2019) encontramos comentários do falante sobre a língua e sua experiência de falante na língua, o que permite a construção de referência no interior dos diálogos sobre a linguagem neutra. Em outras palavras, essa forma de estudar o sentido, trata do dizer do homem acerca da presença da língua nele. Em outras palavras, podemos ver isso quando o falante fala do fato de experienciar, em diferentes fenômenos, a presença da língua nele. Além disso, via Antropologia da Enunciação podemos observar o fato de o falante tematizar a sua posição de falante ao tratar de fenômenos em que ele está implicado como falante.

Assim, dá-se destaque ao que Flores (2019) vai chamar de *retorno reflexivo* que o falante produz ao falar sobre como opera a língua nele. A categoria que dá acesso aos procedimentos analíticos que desvelam a presença da língua no homem é o *comentário*, entendido como um *contorno de sentido*, isto é, uma operação natural do falante que visa à explicação e à compreensão das formas e da presença da língua nele. De outro modo, o comentário, o contorno de sentido, é uma narrativa que o falante produz sobre sua história de falante, o que o alça à condição de um etnógrafo da própria língua (FLORES, 2016).

Em resumo, o *contorno de sentido* é um *comentário* que o falante faz sobre a experiência linguística – dele ou de um outro falante – no contexto de um fenômeno linguístico qualquer, em nosso caso, o fenômeno da linguagem neutra. O comentador enfoca o conjunto dos meios expressivos utilizados por ele mesmo ou pelo outro; sobre esse conjunto é produzido um contorno de sentido, ou seja, um saber que o falante articula, uma interpretação sobre um elemento qualquer de um dado fenômeno.

Assim como Flores (2019, p. 264) também acreditamos que: “[...] o estudo do contorno de sentido, é de natureza semântico-interpretativa e diz respeito à capacidade que a língua tem de conter os mecanismos necessários para que o homem coloque em prática, cotidianamente, a propriedade de auto interpretação”. E, é partir do uso dessa natureza metalinguística da linguagem, o falante coloca em prática o que Benveniste (1989; 2016, p. 62) destacou como a capacidade de delimitar mecanismos necessários e suficientes para que a propriedade da linguagem de interpretar a si mesma se realize. No quadro abaixo, propomos um possível esquema dessas duas perspectivas de análise e seus respectivos aspectos juntamente com a referência da performatividade.

Figura 10 - Representação da análise enunciativo-antropológica.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

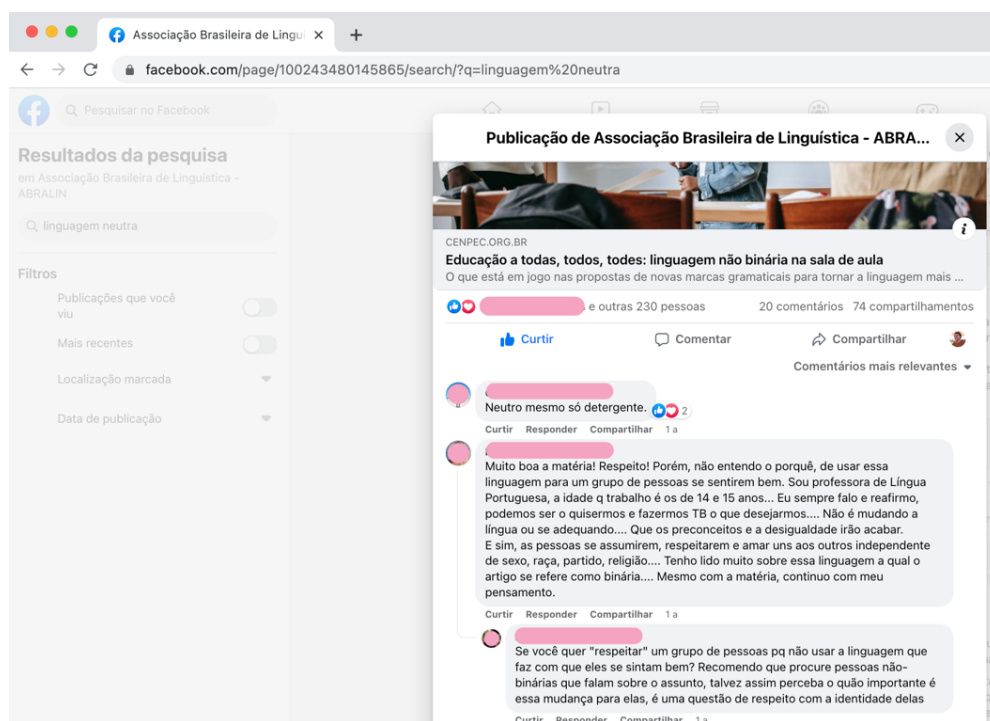
O esquema acima ilustra como os diálogos de nosso corpus serão abordados. No primeiro momento será realizada uma análise enunciativa que compreende ato, situação e instrumentos. Em seguida, será feita uma análise enunciativo-antropológica, olhando agora para o falante enquanto parte integrante de sua experiência no processo de significar na língua. Entre essas 2 formas de análise, argumentamos que há o componente performático que, em nosso estudo, estendemos como uma parte referencial do discurso dos sujeitos e/em suas relações interpessoais. Em relação ao elementos gráficos, podemos destacar que: (a) optamos por usar linhas fixas no que se refere a análise enunciativa tendo em vista delimitar e criar um espaço para a ilustração de nossa metodologia; (b) sobre a análise enunciativo-antropológica colocamos em linhas vazadas, pois entendemos que o contorno de sentido é construído paralelamente com os elementos da enunciação e por isso não poderiam ficar isolados; por fim, (c) o componente performático ocupa um lugar de meio e também em linha vazada em nosso esquema, pois consideramos esse fator, além da possível criação de referência também como um conjunto de práticas discursivas que, ao mesmo tempo, em que se significa no discurso, também é ressignificado e constitui a identidade do sujeito falante.

Tendo construído nosso processo de análise dos diálogos e comentários dos falantes envolvidos através do quadro enunciativo e do caminho metodológico sugerido por Flores (2019), consideramos necessário reafirmar, que não faremos análises exaustivas, e sim ilustrativas. Feitas essas observações, pretendemos, no próximo item, incorrer às análises dos diálogos escolhidos tendo em vista a construção de uma *referência* identitária da performatividade de gênero, na enunciação, a partir de enunciados dos falantes.

3.3 ANÁLISES

Conjunto 1 – Diálogo 1 (Figura 11)

Figura 11 - Conjunto 1 – Diálogo 1.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Quadro 5 - Conjunto 1 – Diálogo 1.

Comentarista A	Muito boa a matéria! Respeito! Porém, não entendo o porquê, de usar essa linguagem para um grupo de pessoas se sentirem bem. Sou professora de Língua Portuguesa, a idade que trabalho
-------------------	---

	são os de 14 e 15 anos... Eu sempre falo e reafirmo, podemos ser o que quisermos; e fazermos também o que desejarmos... Não é mudando a língua ou se adequando... Que os preconceitos e a desigualdade irão acabar.
Comentarista B	Se você quer “respeitar” um grupo de pessoas porque não usar a linguagem que faz com que eles se sintam bem? Recomendo que procure pessoas não binárias que falam sobre o assunto, talvez assim perceba o quão importante é essa mudança para elas, é uma questão de respeito com a identidade delas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No Diálogo 1, há dois locutores: Comentarista A, se configura como um “eu” que inicia o diálogo e elabora um enunciado abordando sua opinião sobre o uso da linguagem neutra e sua experiência com estudantes em sala de aula. Já o Comentarista B, se caracteriza como um “eu” questionador e contrário ao Comentarista A. O Comentarista B, ao colocar fazer seu enunciado busca os seguintes movimentos: (a) questionar o posicionamento do Comentarista A; (b) duvidar da real intenção do Comentarista A sobre a questão do substantivo “respeito”; e (c) fazer inferência sobre o desconhecimento do Comentarista A e também uma sugestão sobre o que o Comentarista A deveria procurar saber em relação a linguagem neutra e a importância dessa para as pessoas não binárias.

Em relação ao interlocutor, identificamos que pode se tratar também de um “tu” imaginado desdobrado: ainda que não seja possível prever quem terá acesso ao conteúdo, já que os comentários se encontram em uma plataforma na Internet, na qual qualquer pessoa pode ter acesso, é possível identificar perfis para esse “tu”: (a) pessoas linguistas afinal; (b) professoras; ou ainda (c) gramáticas, afinal, o grupo pertence a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

A situação de discurso, ou o contexto do material analisado abaixo, pode ser caracterizada como um diálogo, a partir do comentário de duas pessoas: Comentarista A, mulher, professora de Língua Portuguesa, cerca de 45 anos; Comentarista B, também professora de Língua Portuguesa, cerca de 25 anos. Esses comentários foram publicados instantaneamente na página oficial da ABRALIN e foram registrados logo após a publicação de uma matéria, por parte dos administradores da página, sobre linguagem neutra na sala de aula. O trecho destacado acima é a transcrição do diálogo que aconteceu no ambiente virtual, Facebook. Ademais, o espaço desses comentários no Diálogo 1 também se caracteriza como um lugar de discordância e divergência de posições, tendo em vista ambos que as opiniões dos comentaristas sobre a linguagem neutra que vão de encontro.

Em relação aos instrumentos utilizados pelo locutor, é necessário pontuar, inicialmente, que não iremos esgotar suas descrições; isso porque, ao falar de instrumentos, falamos, por um lado, de índices específicos (pessoa, tempo e espaço) e, por outro, de procedimentos acessórios. Esses últimos, conforme Flores (2019, p. 159): “[...] estão ligados à singularidade que cada enunciação evoca, portanto, à língua toda. Em outras palavras, todos os mecanismos que o locutor utiliza para construir a referência de seu discurso fazem parte dos procedimentos acessórios [...]”. Assim, não pretendemos descrevê-los integralmente por que descrições desse tipo não são possíveis, mas podemos sublinhar e destacar alguns desses instrumentos.

A conjunção adversativa “porém” aparece logo após a Comentarista A dizer que tem “Respeito” pela temática o que, de certa forma, invalida sua colocação sobre ter respeito servindo como um indício para sua discordância sobre o tema, como uma referência a um certo discurso que garante o conhecimento do fenômeno e da identidade de pessoas não binárias, mas ao mesmo tempo, não acredita que esse movimento seja importante ou relevante.

Em réplica ao Comentarista A temos o Comentarista B, que inicia seu enunciado com a conjunção condicional “se” indicando que uma condição necessária para que o fato principal seja ou não realizado. No caso em destaque, o “se” serve para o Comentarista B indicar que se a Comentarista A se preocupa com a questão do respeito, por que ela não faria uso da linguagem neutra? Usando substantivo, “respeito”, trazido pelo Comentarista A. O Comentarista B usa o substantivo entre aspas, acreditamos que seja uma estratégia que busca questionar, de certa forma, a parcialidade e a intenção do Comentarista A. Quando o Comentarista B coloca: “Se você quer “respeitar” um grupo de pessoas por que não usar a linguagem que faz com que eles se sintam bem?” Ele coloca em xeque a posição proposta pelo Comentarista A. Ao final da réplica, o Comentarista B ainda, em tom de indicação ao Comentarista A diz: “Recomendo que procure pessoas não binárias que falam sobre o assunto, talvez assim perceba o quão importante é essa mudança para elas, é uma questão de respeito com a identidade delas”.

Agora, passemos a ver o Diálogo 1 tendo em vista a busca pela experiência dos falantes em seus comentários e extrair um *contorno de sentido* sobre esses. No enunciado do Comentarista A podemos ver, ao mesmo tempo, que esse faz dois movimentos, ao dizer que: “não entendo o porquê, de usar essa linguagem para um grupo de pessoas se sentirem bem. Sou professora de Língua Portuguesa”, o primeiro movimento sobre sua experiência de falante é de um desconhecimento

sobre o fenômeno, da linguagem neutra, que já está em alguns espaços. Já no segundo movimento, o Comentarista A aborda e fala de sua experiência de falante ao dizer que: “Sou professora de Língua Portuguesa” em outras palavras, o Comentarista A evoca um argumento de autoridade para se posicionar sobre a questão da linguagem neutra. Dito isso, sobre a experiência de falante do Comentarista A entende-se, que há um direcionamento para os seguintes desdobramentos: (a) um possível desconhecimento sobre o fenômeno da linguagem neutra e; (b) uma espécie de “ironia” dizendo tendo em vista que o Comentarista A coloque que “não entendo o porquê...” na verdade, podemos depreender que a pessoa entende o fenômeno pelo viés linguístico, mas não se esforça para entender o viés e impacto social que o uso da linguagem neutra pode promover. Essa relação ainda tem como base o argumento de autoridade do exercício profissional do Comentarista A. Podemos inferir que o Comentarista A se coloca em um lugar que relaciona seu exercício como professora de Língua Portuguesa com o não entendimento sobre a linguagem neutra, em outras palavras, como poderia uma professora de Língua Portuguesa não compreender um fenômeno que envolve a língua?

Sobre a experiência do Comentarista B, em seu enunciado, ele comenta sobre a condição de falante do outro, nesse caso, do Comentarista A e de pessoas não binárias. Sobre a experiência de falante do Comentarista A o Comentarista B questiona, infere e também sugere sobre o uso da linguagem neutra. Sobre a inferência de pessoas não binárias o Comentarista B diz que: “usar a linguagem que faz com que eles se sintam bem”, ou seja, se o comentarista A fizer uso da linguagem neutra fará com que pessoas não binárias se sintam bem. Após isso, ele sugere que o Comentarista A: “Recomendo que procure pessoas não binárias que falam sobre o assunto” e finaliza fazendo mais uma inferência sobre o uso da linguagem neutra e pessoas não binárias: “o quão importante é essa mudança para elas, é uma questão de respeito com a identidade delas”.

Tendo construído esse cenário enunciativo-antropológico, agora vamos abordar a forma como é criada a *referência* identitária da performatividade de gênero, na enunciação, a partir desses enunciados. A partir disso, podemos inferir que o Comentarista A, em seu enunciado, performa uma posição não apenas de rejeição, mas também contrária ao uso da linguagem neutra. Não descrevendo apenas uma opinião ou um estado de elementos anteriores à sua enunciação, mas também invalidando possíveis performances e até mesmo identidades de pessoas não binárias. No que se refere a performatividade do Comentarista B pode-se ver que ao comentar sobre a

experiência de falante do Comentarista A e de pessoas não binárias, o Comentarista B constrói sua referência partindo de um lugar que está em consonância e aceitação com o uso da linguagem neutra e identidades não binárias.

Conjunto 2 – Diálogo 2 (Figura 12)

Figura 12 - Conjunto 2 - Diálogo 2.



The image shows a screenshot of a YouTube video player. The browser address bar shows the URL 'youtube.com/watch?v=ohShw-jV1wA'. The video player interface includes a search bar with the text 'Pesquisar' and a play button. The video content shows a panel discussion with four people seated around a curved table in a studio setting. The video title is 'Amigue? Professora critica uso da linguagem neutra: “Desnecessário”'. The video player interface includes a play button, a progress bar, and a volume icon.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Quadro 6 - Conjunto 2 – Diálogo 2.

Repórter A	Bom, eu não consigo levar a sério essa história de língua não binário de que a língua é opressora aí vem aquela história de todes, amigues, ile.
------------	--

Comentarista A	Sinal de sanidade mental né?
Repórter A	O que diabos é isso? De onde surgiu isso? Meu deus do céu!
Comentarista A	Bem, a linguagem não binária também conhecida como dialeto não-binário ela foi um... uma linguagem criada, obviamente, pelos não binários e quem são os não-binários? São as pessoas que não se identificam nem com o gênero feminino e nem com o gênero masculino então, ocorre aí uma tentativa de neutralização da palavra . Então, por exemplo, não seria amigo, nem amiga, seria amigüe, né. Mas não faz muito sentido, por exemplo, porque essa terminação com a letra e se você pegar, por exemplo, a palavra pente, é masculino, né, o pente.
Repórter A	Seria o gênero arbitrário, né padrão da língua portuguesa. Que não tem nada de opressora né? Desde quando língua é opressora?
Comentarista A	É a questão de... de se achar a... a... língua portuguesa opressora, ou qualquer outra, ah... tem a ver com o politicamente correto né? Porque primeiramente as pessoas tentam controlar a forma como nós falamos, depois a forma como nós pensamos e, por fim a forma como nós agimos. E no caso aí do dialeto não binário, e até dessa questão aí do boa noite a todos e a todas, que a gente vê muito hoje.
Repórter A	Nossa, isso é horrível.
Comentarista A	A questão é a seguinte, a língua portuguesa vem do latim, e no latim havia o gênero masculino, gênero feminino e o gênero neutro.
Repórter A	Como tem no alemão.
Comentarista A	Exato! E na passagem do latim para o português, o que houve? Simplesmente o que era o neutro virou o masculino. Então, quando eu digo boa noite a todos eu já estou fazendo referência a homens e a mulheres. Portanto, fazer boa noite a todos e a todas, é uma redundância é completamente <u>desnecessário</u>. Eu sou professora de português, eu preciso puxar a sardinha para o meu lado para mim é completamente <u>desnecessário</u>. No meu ponto de vista é uma questão muito mais ideológica e política do que linguística.
Repórter B	É um debate que se faz no mundo todo né (nome da entrevistada) eu acho que assim talvez o Brasil esteja um pouco mais atrasado nesse debate, outros países da Europa e dos Estados Unidos estão mais avançados... Até... eu tava assistindo um seriado ontem e me chamou atenção como eles usam já...
Comentarista A	Na legenda já né?
Repórter B	Não foi nem a legenda, mas o gênero neutro, para designar pessoas que... cuja identidade é... é... a orientação, a identidade sexual dela não seja... não corresponda ao gênero masculino nem feminino que são os não binários... elas falam... eles se referem a essa linguagem como uma linguagem mais inclusiva. Por outro lado, também não há uma adaptação natural dessa língua as mudanças ao tempo, ao futuro, porque é... é... o português que a gente fala hoje não é o mesmo português que a gente falava no século XVI. Então, essas adaptações, essas mudanças elas acontecem necessariamente, ou elas são incluídas e adotadas por uma comunidade maior de falantes ou é... então não, elas permanecem como você disse no começo, como o dialeto de uma tribo menor é... de uma tribo menor, talvez feministas, LGBTQ, ou jovens ou mais progressistas. A gente não pode olhar também como um movimento, como um processo natural da língua?

Comentarista A	(nome da Repórter B) o que você falou tem muita pertinência , por que a língua realmente ela é viva né? Porque senão estaríamos falando até hoje a vossa mercê, por exemplo, mas o que ocorre no caso do dialeto não binário é uma pseudoinclusão . Na medida que uma maioria, aliás vou até usar um pleonasma aqui, uma grande maioria, tá? Uma maioria esmagadora fica de fora. Veja bem o caso dos disléxicos como um disléxico, com toda dificuldade que se tem na dislexia, vai compreender bem esse novo dialeto? Temos também aí questão dos ahh surdos, dos surdos os surdos eles... eles... como que eles vão compreender na... na... na... linguagem labial um todxs? Né? Temos também aí a questão dos cegos, que precisam de softwares de leitura, como os cegos farão a leitura? Ah... o que eu quero dizer é: pessoas que já enfrentam tantas dificuldades, né... que já tem tantas... limitações linguísticas no seu dia a dia elas teriam que de se adaptar a um novo modo de falar que beneficiaria apenas uma... uma ínfima minoria , uma minoria que okay, devemos respeitar essas pessoas mas a vontade dessas pessoas não pode prevalecer a língua portuguesa , em relação aos demais, cria-se aí também, uma elite, talvez uma elite progressista, ah... ah... e só essa elite vai compreender essa fala, a gente vive num país em que as pessoas são semianalfabetas e a nossa educação ela vai de mal a pior, então, ahh me parece uma grande bobagem que a gente discuta isso ahh... agora , exatamente agora.
-------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No diálogo acima, existem três locutores: Repórter A, se configura como um “eu” que inicia o diálogo elaborando enunciados que questionam o valor, uso e funcionamento e se mostrando contrário ao tema da linguagem neutra. Já o Comentarista A está, a princípio, como um “eu” especialista em língua, pois se caracteriza como professora de Português. Por último, existe um outro “eu” que seria o Repórter B, que aparece como questionador e favorável ao uso da linguagem neutra.

Em relação ao interlocutor, identificamos que pode se tratar também de um “tu” imaginado: ainda que não seja possível prever quem terá acesso ao conteúdo, já que se trata de um vídeo disponível na Internet, no qual diferentes pessoas podem ter acesso. Contudo, é possível identificar certos perfis para esse “tu”: (a) pessoas que não conhecem ou que possuem pouco contato com a temática do vídeo e buscam esse conhecimento para se politizar ou ter contato com a discussão, visto que esse é um tema relevante e discutido na sociedade; (b) pessoas que já estão familiarizadas com o assunto do vídeo e querem aprofundar seus conhecimentos ou confirmar seu ponto de vista.

A situação de discurso, no caso em exame, trata-se de um vídeo postado no YouTube no canal Notícias Rede TV em 19 de janeiro de 2021. O canal tem cerca de 1,09 milhões de inscritos e o vídeo selecionado tinha 412.182 visualizações. O vídeo em questão intitula-se “Amigues? Professora critica uso da linguagem neutra: ‘Desnecessário’”. A situação em que o vídeo se insere

também é uma entrevista em que dois repórteres questionam uma professora de Língua Portuguesa sobre a linguagem neutra. Os repórteres têm opiniões divergentes sobre o fenômeno da linguagem neutra e a entrevistada (Comentarista A) defende seu ponto de vista que é contrário ao uso e ao próprio fenômeno indo ao encontro de um dos repórteres.

Em relação aos instrumentos, acreditamos que seja pertinente destacar, principalmente, aqueles usados pelo Comentarista A, pois é a pessoa central no diálogo. O primeiro ponto interessante de observar é como o Comentarista A usa, em diversas ocorrências, a primeira pessoa do singular “nós” e a segunda pessoa do plural “eles” mostrando que há um distanciamento entre esse e pessoas não binárias, ou que concebem a linguagem neutra como um movimento sério, algo como nós: pessoas que prezam pelo Português Brasileiro (PB) “eles”: pessoas que querem fazer uso da linguagem neutra. Outro aspecto interessante é a marcação do advérbio “né”, quase em todo final de seus enunciados o Comentarista A faz uso dessa expressão, acredita-se que seja pela adesão dos interlocutores de seu discurso, nesse caso, Repórteres A e B.

Agora, passemos a ver o diálogo tendo em vista a busca pela experiência dos falantes em seus comentários e extrair um *contorno de sentido* sobre esses. Em seu enunciado o comentarista começa fazendo um juízo de valor negativo da linguagem neutra: “eu não consigo levar a sério essa história de língua não binária de que a língua é opressora aí vem aquela história de todes, amigues, ile.” e “O que diabos é isso? De onde surgiu isso? Meu deus do céu!”. A partir disso, pode-se inferir que, em sua experiência de falante, o Repórter A conhece o fenômeno, pois fornece exemplos como “de todes, amigues, ile” mas não o considera algo sério. Além disso, temos também uma adjetivação do fenômeno da linguagem neutra por uma pergunta retórica e sarcástica que contém uma expressão negativa, como: “O que diabos é isso?”. O “diabo” do qual o Repórter A fala, serve como um adjetivo negativo para a linguagem neutra, tendo em vista que a palavra “diabo” não é comumente associada a qualquer aspecto positivo. Disso, entendemos que o Repórter A conheça o fenômeno, mas não o considera como algo sério e ainda o invalida a partir de um argumento de autoridade a partir de suas colocações, como o Repórter A, sendo uma pessoa pública da imprensa não sabe do que esse assunto se trata?

Olhando para o Comentarista A temos que esse, logo em seu primeiro enunciado já faz certo juízo de valor trazendo que: “Sinal de sanidade mental né?”, ou seja, a partir da experiência que a Repórter A trouxe como falante o Comentarista A trouxe a sua, mostrando que não “levar a

sério” a questão da linguagem neutra. Além disso, podemos inferir que enquanto falante, o Comentarista A se coloca na experiência de outros falantes, pois conforme o enunciado, estar a favor ou fazer uso da linguagem neutra, seria sinal de uma pessoa que não está em pleno domínio de suas faculdades mentais. Com isso, em sua experiência e comentário o Comentarista A faz um movimento que segrega e estigmatiza pessoas que estejam dispostas a discutir ou concordem com o uso da linguagem neutra.

Em seguida, o Comentarista A passa a fazer uma explicação do que seria o fenômeno da linguagem neutra, respondendo à pergunta do Repórter A. Em seu enunciado entende-se que esse, em sua experiência de falante, combina sua opinião de viés pessoal, juízo de valor e uma explicação gramatical sobre marcação de gênero no Português Brasileiro (PB). Podemos ver isso quando a Comentarista A coloca a linguagem não binária como algo artificial “uma linguagem criada” e reduz seu objetivo para apenas “uma tentativa de neutralização da palavra”. Ademais, há também a explicação gramatical contida em: “Mas não faz muito sentido, por exemplo, porque essa terminação com a letra e se você pegar, por exemplo, a palavra pente, é masculino, né, o pente”. Ao fazer isso, o Comentarista A coloca a discussão e sua experiência apenas no aspecto gramatical e normativo da língua, não levando em consideração que a linguagem neutra se aplicaria apenas para seres vivos.

Após isso, o Repórter A afirma e concorda a experiência de falante do Comentarista A no trecho: “Seria o gênero arbitrário, né padrão da língua portuguesa”. Além disso, o Repórter A complementa sua experiência de falante acreditando que a língua não seja uma forma de opressão a partir do enunciado: “Que não tem nada de opressora né? Desde quando língua é opressora?”. A Comentarista A em consonância com o Repórter A traz novamente sua experiência de falante e coloca: “a... língua portuguesa opressora, ou qualquer outra, ah... tem a ver com o politicamente correto né?”. A partir disso, a Comentarista A ainda faz inferências sobre o que as pessoas não binárias através da linguagem não binária estariam tentando fazer: “primeiramente as pessoas tentam controlar a forma como nós falamos, depois a forma como nós pensamos e por fim a forma como nós agimos”. Em seguida, o Repórter A corrobora essa experiência com o trecho: “Nossa, isso é horrível”.

Feito isso, a Comentarista A, continua o diálogo falando de sua experiência, mas dessa vez, trazendo argumentos de sua área de especialidade: “A questão é a seguinte, a língua portuguesa

vem do latim, e no latim havia o gênero masculino, gênero feminino e o gênero neutro”. Nesse trecho é importante destacar que não podemos julgar a experiência do falante, entretanto, precisa-se deixar claro que dentro da evolução do Latim para o PB existiram outras fases. Após isso, o Repórter A corrobora o comentário da Comentarista A trazendo de sua experiência de falante outros idiomas como o Alemão: “Como têm no alemão.” Isso mostra que o Repórter A reconhece o gênero neutro em outro idioma, mas se recusa a enxergar no PB como algo positivo.

O Comentarista A segue seu raciocínio e concorda com o exemplo do Repórter A: “Exato! E na passagem do latim para o português, o que houve? Simplesmente o que era o neutro virou o masculino”. Além disso, o Comentarista A traz outro exemplo gramatical para afirmar a veracidade de sua experiência: “Então, quando eu digo boa noite a todos eu já estou fazendo referência a homens e a mulheres. Portanto, fazer boa noite a todos e a todas, é uma redundância, é completamente desnecessário [...]” seguido do uso de um argumento de autoridade sobre seu exercício profissional: “Eu sou professora de português, eu preciso puxar a sardinha para o meu lado para mim é completamente desnecessário”. Por fim, o Comentarista A, com base em toda sua experiência coloca que: “No meu ponto de vista é uma questão muito mais ideológico e política do que linguística”. Com isso, o Comentarista A em sua experiência retira o âmbito linguística da linguagem neutra, colocando apenas como político e ideológico.

Nesse estágio, a Repórter B adentra o diálogo e coloca que em sua experiência esse acredita que a discussão sobre a linguagem neutra seja: “um debate que se faz no mundo todo né!” e que “talvez o Brasil esteja um pouco mais atrasado nesse debate”. Com isso, o Repórter B reconhece, em sua experiência, que o fenômeno é maior do que apenas uma limitação do Brasil ou do PB além disso, o Repórter B traz em sua experiência um episódio em que presenciou o uso da linguagem neutra em outro idioma: “outros países da Europa e dos Estados Unidos estão mais avançados... Até... eu tava assistindo um seriado ontem e me chamou atenção como eles usam”.

Nesse sentido, o Repórter B continua seu enunciado e traz de sua experiência enquanto falante uma possível alternativa sobre o debate da linguagem neutra e corrobora isso a partir do conhecimento sobre a modificação do PB ao longo do tempo: “eles se referem a essa linguagem como uma linguagem mais inclusiva. Por outro lado, também não há uma adaptação natural dessa língua as mudanças ao tempo, ao futuro, porque é... é... o português que a gente fala hoje não é o mesmo português que a gente falava no século XVI”. Ao final de sua colocação, o Repórter B

questiona o Comentarista A, professora de português, sobre: “A gente não pode olhar também como um movimento, como um processo natural da língua?” Isso mostra que enquanto falante o Repórter B pode entender o fenômeno da linguagem neutra como um movimento natural da língua, quase que de evolução.

Em resposta ao Repórter B o Comentarista A afirma a pertinência apenas da pergunta que o Repórter B fez, mas não responde à pergunta de fato e direciona a discussão para outro ponto, voltando a criticar a linguagem neutra sobre sua real possibilidade de inclusão: “o que você falou tem muita pertinência, por que a língua realmente ela é viva né? Porque senão estaríamos falando até hoje a vossa mercê, por exemplo, mas o que ocorre no caso do dialeto não binário é uma pseudoinclusão”. Para sustentar sua experiência de falante, ponto de vista pessoal e profissional, o Comentarista B faz uso através de questionamentos do que esse acredita ser a experiência de outros falantes, que nesse caso teriam alguma afasia como cegueira, dislexia e surdez: “Veja bem o caso dos disléxicos como um disléxico, com toda dificuldade que se tem na dislexia, vai compreender bem esse novo dialeto? Temos também aí questão dos ahh surdos, dos surdos os surdos eles... eles... como que eles vão compreender na... na... na... linguagem labial um todxs? Né? Temos também aí a questão dos cegos, que precisam de softwares de leitura, como os cegos farão a leitura? Ah... o que eu quero dizer é: pessoas que já enfrentam tantas dificuldades, né... que já tem tantas... limitações linguísticas no seu dia a dia elas teriam que de se adaptar a um novo modo de falar”.

Ademais, o Comentarista B em sua experiência de falante acredita que a utilização da linguagem neutra seria benéfica apenas para uma comunidade, no caso, a das pessoas não binárias e adjetivando essas pessoas como minoria e o próprio fenômeno da linguagem neutra como uma vontade de pessoas não binárias e corroborando que essa vontade não deveria prevalecer a Língua Portuguesa (LP): “que beneficiaria apenas uma... uma ínfima minoria, uma minoria que okay, devemos respeitar essas pessoas mas a vontade pessoas não pode prevalecer a língua portuguesa”. Por fim, o Comentarista B coloca a discussão sobre a linguagem neutra em terceiro plano, caracterizando-a como algo não importante e citando outros problemas de ordem social que deveriam estar na frente dessa discussão: “a gente vive num país em que as pessoas são semianalfabetas e a nossa educação ela vai de mal a pior, então, ah me parece uma grande bobagem que a gente discuta isso ah... agora”. Em outras palavras, o Comentarista B além de suscitar

possíveis experiências de outros falantes também coloca um distanciamento entre pessoas não binárias e o PB.

Tendo em vista o que foi possível analisar acima, acreditamos que cada locutor, através de seus enunciados, sobre sua experiência de falante, cria *referências* de posições identitárias na performatividade, via enunciação. Dito isso, o Repórter A performa uma posição de incredulidade e rejeição em relação a linguagem neutra. Não apenas reiterando diversas vezes em seus enunciados como “Que diabos é isso?”, “inacreditável”, mas também concordando com diversos enunciados do Comentarista A. Sobre o Comentarista A, podemos inferir que, em suas experiências de falante, esse mostra uma posição contrária a linguagem neutra, tanto ao seu uso quanto a própria discussão sobre o tema, pois em diversas vezes o Comentarista A invalida a discussão e foge das respostas com comentários como: “Sinal de sanidade mental”. Além disso, há também uma performance bastante normativa desse comentarista, tendo em vista, que esse recorre ao argumento de autoridade como, por exemplo: “Eu sou professora de português, eu preciso puxar a sardinha para o meu lado para mim é completamente desnecessário” e explicações gramaticais e normativas por diversas vezes para mostrar a soberania de seu ponto de vista como professora de LP.

Além disso, podemos inferir que através das referências identitárias criadas na performance, via enunciação, sobre a sua experiência de falante, Repórter A e Comentarista A, além de mostrarem-se contrário a linguagem neutra, mas também performam sua visão de língua. Ambos os locutores partem de um lugar em que qualificam apenas a língua que eles já conhecem ou está dentro de regras. Adjetivando a linguagem neutra como “artificial” o Comentarista A, em especial, coloca esse fenômeno algo anormal, que não faz parte de sua visão de sociedade ou de mundo, como se a língua não comportasse esse fenômeno. Desse modo, podemos ver que o Comentarista A e Repórter A, performam e colocam sua visão de mundo, língua e sociedade como soberana, desqualificando não apenas o fenômeno da linguagem neutra, mas outras formas de língua e também seus falantes, botando em xeque a existência dessas pessoas.

Por fim, sobre a referência de posição identitária criada por Repórter B, compreende-se uma posição divergente de seus outros pares (Repórter A e Comentarista A). O Repórter B, constrói sua referência partindo de um lugar que está em consonância, olhando para a linguagem neutra como um movimento, trazendo suas vivências enquanto falante para instigar a discussão com os demais. Ademais, Repórter B se coloca em um lugar quase que de especialista (divergindo da

Comentarista A) entendendo o fenômeno da linguagem neutra como um “processo natural da língua” estando assim, não necessariamente concordando com essa questão, mas tratando como algo acima do juízo de valor.

Conjunto 3 – Diálogo 3 (Figura 13)

Figura 13 - Conjunto 3 - Diálogo 3.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Quadro 7 - Conjunto 3 – Diálogo 3.

Locutora A	Oi a todes, o meu nome é (nome da pessoa entrevistada) eu sou uma pessoa não binária eu uso os pronomes ele e elu.
Locutora B	Oi, gente, tudo bem? Meu nome é (nome da pessoa entrevistada) e meus pronomes são ela e dela.
Locutora A	A linguagem neutra é uma flexão na linguagem, principalmente nos pronomes e nos adjetivos que ela existe para incluir a todes, incluir pessoas que não se identificam na linguagem como ela é colocada hoje. Pessoas que não são nem homem nem mulher e querem uma língua que abarque a diversidade, a diferença, né. Na linguagem neutra tu termina os adjetivos com e então ao invés de perfeita, ou perfeito tu fala perfeita, ao invés de querido ou querida tu fala queride.

Locutora B	Quando tem o ela e o ele a gente usa o elu. Quando tem amiga, amigo, a gente usa amigue. Quando tu não tá muito acostumado com a linguagem neutra e já quer começar a usar, ser mais respeitoso, você só chega nas pessoas pergunta o nome e pronome dela. Vai ser bem simples, bem tranquilo, normalmente vai responder ela, ele, elu.
Locutora A	É só sobre aceitar, se uma pessoa é não binária e usa o pronome neutro, se refere a essa pessoa como elu, se refere a essa pessoa com linde, é só isso. Não é mudar toda a língua e acabar com todo o português, que é um monstro que vai devorar a nossa língua, não é isso.
Locutora B	É uma linguagem de inclusão e de respeito a todes. Não é algo que vamos impor, é usar quem quer, quem gosta e quem precisa também.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No Diálogo 1, há 2 locutores: Locutor A, que se caracteriza como um “eu” que inicia o diálogo e elabora um enunciado inicial fazendo uso da linguagem neutra e se apresentando com nome e dizendo quais pronomes usa. O Comentarista B, se caracteriza como Biblioteconomista da UFRGS e segue do mesmo modo que o Locutor A, mas não faz uso de linguagem não binária e continua seu nome e pronomes que utiliza. A idade de ambos os locutores não é dita por eles, mas aparecem no vídeo, são elas 22 e 20, respectivamente. Além disso, ambos os locutores se colocam em um lugar de um “eu” explicativo e informativo falando sobre formas de usar e como incluir a linguagem neutra no dia a dia das pessoas.

Assim como nos outros diálogos, em relação ao interlocutor, identificamos que pode se tratar também de um “tu” imaginado desdobrado: ainda que não seja possível prever quem terá acesso ao conteúdo da reportagem, já que a mesma se encontram no site de Jornal Zero Hora, na qual qualquer pessoa pode ter acesso, é possível suscitar perfis para esse “tu”: (a) pessoas leitoras do jornal no geral; (b) pessoas que queiram conhecer mais sobre como funciona a linguagem neutra ou ainda; (c) pessoas que já estejam familiarizadas com o assunto e queiram ver usuários da linguagem neutra.

Situação de discurso: trata-se de uma reportagem no formato de enquete feita pelo Jornal Zero Hora de Porto Alegre/RS publicada em 22 de fevereiro de 2023, que tem como objetivo descobrir a partir do depoimento de duas estudantes explicar quando, como e por que usam a linguagem neutra. Vale ressaltar que a entrevista é composta por texto escrito e vídeo. Optamos por colocar a descrição apenas do vídeo, pois acreditamos que seja mais relevante para a análise. Ademais, o espaço dos comentários presentes no Diálogo 3 também se caracterizam como um lugar

de aceitação e concordância de posições, tendo em vista que as opiniões dos locutores sobre a linguagem neutra vão ao encontro uma da outra.

Em relação aos instrumentos utilizados pelas pessoas não binárias enquanto locutoras, pode-se pontuar o uso de diversos neopronomes, principalmente os de tratamento. Sobre isso, vale ressaltar que na própria apresentação das pessoas interlocutoras elas já postulam por quais (neo)pronomes respondem. Além disso, pontua-se também o fato de, principalmente, a pessoa Locutora A, trazer exemplos de flexão de gênero em adjetivos como no recorte: “Na linguagem neutra tu termina os adjetivos com e então ao invés de perfeita, ou perfeito tu fala perfeita, ao invés de querido ou querida tu fala queride”. Ainda sobre os instrumentos pode-se entender que ambas as locutoras se esforçam para usarem verbos tanto no subjuntivo quanto no imperativo tendo como objetivo mostrar a possibilidade e uso das flexões que elas apresentam.

Na busca pelo *contorno de sentido* dos falantes, encontramos a primeira experiência retratada quando a Locutora A define sua identidade de gênero como pessoa não binária e diz que faz uso dos pronomes ele e elu. Ao fazer referência aos pronomes ele e elu a Locutora A se coloca como usuário da linguagem neutra. Sobre a Locutora B ele coloca sua experiência de falante dizendo quais são seus pronomes, mas não faz menção a pronomes neutros.

Na sequência, há uma explicação por parte do Locutora A sobre o que é a linguagem neutra mostrando conhecimento enquanto falante sobre flexão de palavras da língua, principalmente em pronomes e adjetivos. Além disso, a Locutora A ainda caracteriza a linguagem neutra como uma alternativa para as pessoas que não se encontram representadas na língua tendo em vista sua identidade de gênero que escapa ao binarismo de gênero, conforme: “flexão na linguagem, principalmente nos pronomes e nos adjetivos que ela existe para incluir a todes, incluir pessoas que não se identificam na linguagem como ela é colocada hoje. Pessoas que não são nem homem nem mulher e querem uma língua que abarque a diversidade, a diferença, né”. Enquanto sua experiência de falante, o Locutor A fornece exemplos em sua explicação de como a linguagem neutra funciona: “Na linguagem neutra tu termina os adjetivos com e então ao invés de perfeita, ou perfeito tu fala perfeita, ao invés de querido ou querida tu fala queride”.

No que se refere a locutora B, também existe uma explicação seguida de exemplo, sobre a linguagem neutra que demonstra conhecimento por parte do Locutor B como falante: “Quando tem o ela e o ele a gente usa o elu. Quando tem amiga, amigo, a gente usa amigue”. Outrossim, a

Locutora B ainda dá uma sugestão, enquanto usuário para pessoas que não tenham muito conhecimento e queiram passar a usar a linguagem neutra. Ademais, Locutora B também se coloca no lugar da experiência de outro falante, um que se identifique como pessoa não binária e mostra que será respeitoso perguntar com quais pronomes essa pessoa gostaria de ser tratada, conforme: “e quer ser mais respeitoso, você só chega nas pessoas pergunta o nome e pronome dela”.

Sucessivamente, temos ainda a experiência de falante da Locutora A se colocando no lugar de outras pessoas não binárias e demonstrando quais pronomes e flexões são possíveis de serem feitos: “É só sobre aceitar, se uma pessoa é não binária e usa o pronome neutro, se refere a essa pessoa como elu, se refere a essa pessoa com linde, é só isso”. Ainda desse modo, a Locutora A se coloca na posição de possíveis falantes que não concordem com a linguagem neutra, chamando atenção para o fato de que não há uma única língua: “Não é mudar toda a língua e acabar com todo o português, que é um monstro que vai devorar a nossa língua, não é isso”.

Por fim, a Locutora B finaliza o vídeo da reportagem falando ainda sobre a sua experiência de falante enquanto usuário da linguagem neutra, mostrando que o uso ou não uso se trata de uma questão de escolha pelo respeito e inclusão da diversidade na língua. Ademais, também se coloca como um membro dessa comunidade que não irá fazer da linguagem neutra algo imposto à sociedade, conforme: “É uma linguagem de inclusão e de respeito a todes. Não é algo que vamos impor, é usar quem quer, quem gosta e quem precisa também”.

Ambos os locutores constroem em suas performances identidades similares, pois defendem o uso da linguagem neutra, explicam através de exemplos como elas funcionam e também fazem a advertência que enxergam o fenômeno não obrigatório, mas sim uma outra possibilidade de ser da língua e ser na língua. A diferença que conseguimos inferir em relação aos interlocutores é que o Interlocutor A movimenta seus enunciados e constrói sua referência, principalmente, a partir de sua identidade de gênero, como pessoa não binária. O Interlocutor B faz isso, mas não de forma clara, deixando espaço para questionamento sobre sua identidade, mas não invalidando ou enfraquecendo sua referência sobre a temática, mas ainda mostrando-se em consonância e aceitação com o uso e debate sobre a linguagem neutra e identidades não binárias.

3.4 A PALAVRA DÁ LUGAR

Tendo em vista nossas análises e o construto teórico elaborado até então, podemos assumir que falantes entendem o fenômeno da linguagem neutra. Entretanto, aqueles que discordam ou não acreditam que o fenômeno seja legítimo tentam fazer certo juízo de valor colocando em xeque tanto a identidade de pessoas que reivindicam por esse sistema quanto a própria ideia de língua de outros falantes, esse movimento além de nocivo busca sobrepor visões de mundo e de língua. Por outro lado, as pessoas que enxergam a legitimidade da linguagem neutra concordam que pode existir uma mudança no comportamento social a partir de uma modificação linguística, a qual tem por intuito o não apagamento de suas identidades e a inclusão de pessoas que são estatisticamente marginalizadas e/ou invisibilizadas.

Os conjuntos analisados revelam a compreensão, por parte de falantes, de que tal mudança é necessária como forma de inclusão e de reconhecimento de pessoas, como por exemplo, as não binárias, que não encontram formas linguísticas que as representem, e, portanto, propõem a criação de outras novas, como pronomes ou desinências de gênero. Essa compreensão indica a existência de relações estreitas entre língua, cultura e sociedade, o que fica claro na relação estabelecida entre a adoção da linguagem neutra, uma evolução social e a recusa a essa adoção e um conservadorismo. Afinal, a palavra tem poder e dá lugar para as pessoas como um reconhecimento linguístico, que por meio de mudanças na língua, provoca um sentimento de reconhecimento e pertencimento.

Não estamos dizendo se esse processo é certo ou errado, se vai ou não fazer parte do PB. Com base nisso, é relevante mostrar como que pela linguagem essa pessoa se sinta confortável o suficiente para se expressar e se sentir parte de uma comunidade via linguagem. Por isso, optamos em olhar para a linguagem neutra pelo viés enunciativo e antropológico, pois esses nos fornecem ferramentas para desvelar o real sentimento do falante sobre esse fenômeno.

Nesse sentido, a linguagem neutra pode ser vista como uma forma de questionar as relações entre os falantes, de poder e de status de língua que são construídas através da linguagem, por nós, falantes. Com o uso de uma linguagem mais inclusiva, é possível subverter as normas sociais que se baseiam em diferenças de gênero e orientação sexual, criando um espaço mais igualitário e democrático para todas as pessoas. Portanto, a discussão sobre linguagem neutra e sua relação com as teorias destacadas envolve questões socioculturais e linguísticas importantes. É preciso considerar as diversas perspectivas envolvidas e pensar em formas de utilizar a linguagem de forma mais inclusiva e democrática.

O CLOSE FINAL: CONSIDERAÇÕES

A língua é o fenômeno mais característico da vida social: “todas as outras atividades da sociedade vêm, em princípio, expressar-se nele (no fenômeno linguístico); ele condensa os dados e transmite as tradições nele reside a maioria das noções e das ordens das coletividades”.

(Antoine Meillet)

É chegada a hora de fazer as últimas observações deste trabalho. Primeiramente, é preciso deixar claro que a linguagem neutra tem sido objeto de debate e discussão nos últimos anos, e seu uso tem sido defendido como uma forma de promover a igualdade de gênero e evitar a exclusão de pessoas de gênero não binário. No entanto, essa questão não é tão simples quanto parece, já que a linguagem é parte integrante de nossas relações sociais e culturais. Para darmos início ao nosso fechamento vamos responder algumas questões colocadas anteriormente.

De início, podemos dizer sim que a performatividade de gênero pode ser lida a partir da ideia de enunciação, pois a performatividade de gênero nos mostra que o gênero é uma construção social, que é continuamente reforçada e reproduzida através de atos repetidos de performance e “performatividade”. Com isso, acreditamos que o objetivo deste, através das teorias de Benveniste, Butler e Flores foi possível desenvolver uma outra forma de olhar para a língua e as relações dos falantes para com fenômenos (como o da linguagem neutra) dessa e entre eles. Em nossas análises, foi possível constatar, através dos enunciados, que a performatividade de gênero não é, necessariamente, um ato voluntário ou uma escolha consciente, mas sim um processo internalizado de repetir comportamentos e estereótipos de gênero.

Ver esse prisma partindo da Teoria da Enunciação de Benveniste mostrou-se relevante porque a performatividade de gênero envolve a repetição constante de atos de fala e comportamento que reforçam as normas de gênero. Dito isso, pode-se notar olhando para esse cenário através da Antropologia da Enunciação e da construção da referência por parte dos falantes que a linguagem neutra pode ser uma forma de romper as normas de gênero, nem que seja pelo viés da língua e da

linguagem. Assim, a performatividade de gênero pode ser entendida como uma forma de enunciação que reforça e/ou rompe as normas de gênero através da repetição de comportamentos e atos de fala que são culturalmente associados a um determinado gênero.

Nesse cenário, entendemos que a pessoa falante, ao querer se marcar identitariamente na língua, delinea um lugar de performance de gênero. Afinal, isso ocorre porque a linguagem é fundamental para a construção da identidade, incluindo a identidade de gênero e para as relações interpessoais de seus sujeitos e indivíduos. Quando uma pessoa usa a linguagem para se comunicar e se expressar, ela está constantemente fazendo escolhas linguísticas que podem ser associadas a gênero. Por exemplo, escolher palavras ou expressões que são comumente usadas por pessoas de um determinado gênero pode ser uma forma de se marcar identitariamente na língua. Essa escolha linguística pode ser vista como uma forma de performance de gênero, pois da mesma forma que se pode reforçar normas culturais e sociais associadas a um determinado gênero também é possível criar fissuras. A linguagem, portanto, desempenha um papel importante na construção da identidade de gênero, e a pessoa falante pode usar a linguagem neutra para se marcar identitariamente e romper com normas e expectativas culturais de gênero.

A última pergunta que nos dispomos a sanar foi, por que as pessoas que utilizam a linguagem neutra querem trazer a discussão identitária para o âmbito linguístico? Com base no que foi discutido acreditamos que as pessoas que utilizam a linguagem neutra geralmente querem trazer a discussão identitária para o âmbito linguístico porque reconhecem que a linguagem desempenha um papel importante na construção e manutenção das identidades e performatividade de gênero.

Dessa forma, ao usar a linguagem neutra, essas pessoas estão questionando as normas culturais, sociais e linguísticas que associam certas palavras, pronomes e expressões a determinados gêneros. É através do uso da linguagem neutra que pessoas não binárias encontram também na língua um lugar para se marcar, testemunhar e permitir que pessoas de todas as identidades de gênero sejam reconhecidas e respeitadas. Além disso, a linguagem neutra pode ser vista como uma forma de resistência às estruturas de poder que reforçam e mantêm as hierarquias de gênero e discriminação. Ao desafiar essas estruturas de poder através da linguagem, as pessoas que usam a linguagem neutra podem estar buscando uma maior equidade e justiça para todas as identidades de gênero. Com isso, ainda é importante notar que a linguagem é uma construção

social, linguística e cultural que está em desenvolvimento. A inclusão de novos termos e expressões que refletem as identidades de gênero pode ajudar a mudar a maneira como a sociedade pensa e fala sobre gênero, promovendo maior igualdade, aceitação e diversidade.

Outro ponto a se considerar é que ao estudar gênero na língua precisamos ter cuidado, pois muitas vezes o que existe entre linguistas e gramáticos não é uma verdade universal e sim apenas posicionamentos que apontam para o mesmo lado. Sobre isso, sabe-se que existem autores que defendem que o gênero masculino não é marcado e que “o” no final das palavras em palavras consideradas masculinas seria apenas vogal temática e que é uma coincidência que essas palavras sejam masculinas. Entretanto, é preciso considerar o fato de que quem faz uso dessas regras são pessoas e que esse “o” no final das palavras é sentido como masculino, os falantes sentem que existe uma tendência de que palavras terminadas em “a” sejam femininas e palavras terminadas em “o” sejam masculinas, mesmo que não dê para generalizar essa regra e que haja exceções. A língua não deveria ser unânime e soberana, afinal, estamos lidando com pessoas e seus processos de linguagem. Sob esse ângulo, podemos trazer dois exemplos recentes, o fato de os falantes terem inventado e difundido em larga escala, versões masculinas para as palavras Chiquititas e Boca Rosa. Vejamos bem, Chiquitito e Boco Roso foram participantes da 23ª edição do Big Brother Brasil 2023, eles são respectivamente, um ator que participou da novela Chiquititas quando era criança e o ex-marido de Boca Rosa participante de outra edição do mesmo programa. O interessante aqui, é ver como o falante vai além e aloca características que são sentidas como masculina trazendo assim uma inovação na língua que não causa incômodo.

Na esteira dessas ideias, é importante dizer que o “incômodo” que as pessoas contrárias ao uso da linguagem neutra dizem existir, ou em casos em que citam a linguagem neutra como o “assassinato” da LP, na verdade, depende do tipo de mudança linguística de palavras que as pessoas fazem. Um dos questionamentos que fica latente é: podemos ouvir Boco Roso e Chiquitito sem qualquer “ruído” em nossos ouvidos, agora uma linde, querida ou todes, seria inaceitável? Acredito que esse incômodo com a mudança não é por um preciosismo em preservar a vernácula, mas vem de outra fonte, um lugar de preconceito para com as pessoas que querem apenas (re)existir, também na língua, de um modo diferente e representativo.

REFERÊNCIAS

ABRALIN. “Associação Brasileira de Linguística - ABRALIN.” www.facebook.com, 16 Jun 2021, www.facebook.com/abralin.oficial/. Acesso em 5 Marc. 2023.

AGAMBEN, G. **Infância e história – Destrução da experiência e origem da história**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

AGAMBEN, G **O uso dos Corpos**. São Paulo: Boitempo: 2017.

ÁRAN, M. **A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero**. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. IX, n. 1, janeiro-junho, p. 49-63, 2006. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

ARESI, F. A prospecção de “O aparelho formal da enunciação”. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, 2019**. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2015.1.17848>.

ARESI, F. **A relação entre língua e sociedade na reflexão teórica de Émile Benveniste**. 2020. 285 f. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

ARRIVÉ, M. **Linguagem e psicanálise lingüística e inconsciente**, Rio de Janeiro, Zahar, 1999, p. 37.

BARBOZA, G.; ROSÁRIO, H.; FLORES, V. Entrevista com Irène Fenoglio. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 16, n. 25, p. 276-292, jan-jun. 2021. E-ISSN 2594-8962. doi: 16, <https://doi.org/10.22456/2594-8962.116843>.

BATTISTI, E.; OTHERO, G.; FLORES, V. **Conceitos Básicos de Linguística: noções gerais**, São Paulo, Editora Contexto, 2022.

BRASIL. Lei n.º 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/114020.htm. Acesso em: 10 mar. 2023.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989. Original publicado em 1974.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1995. Original publicado em 1966.

BENVENISTE, É. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, p. 441-474, 2014.

BORBA, R. **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez Editora, 2020a.

BORBA, R. **Linguagem neutra**. ALAB – Associação de Linguística Aplicada do Brasil, 2020b. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=BQ_PGwHFvLg>. Acesso em: 03 jul. 2022.

BORBA, R.; LOPES, A. Escrituras de gênero e políticas de différence: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.21, n. esp., VIII SENALE, p. 241-285, 2018.

BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. *In*: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. G.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

BONIS, G. O que muda na Alemanha com a lei que cria o 'terceiro gênero', para proteger pessoas intersexuais. **BBC NEWS BRASIL**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45292522>. Acesso em: 04 de abr. 2022.

BUTLER, J.. *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century*. Columbia University Press, 1987.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 22ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. 288p.

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, J. *The Psychic Life of Power*. Stanford, California, Stanford University Press, 1997.

BUTLER, J. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-moderno*. **Cadernos Pagu**, v. 11, n.11, p.11-28, 1998.

BUTLER, J. *Preface*. In.: **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Nova York, Routledge, 1999, pp.vii-xxvi.

BUTLER, J. *Performative Acts and Gender Constitution: An Essay on Phenomenology and Feminist Theory, 2004 [1988]*. In.: BIAL, H. **The Performance Studies Reader**. Nova York, Routledge, 2004.

CÂMARA, M. **Estrutura da língua portuguesa**. 44. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CAMERON, D. **Linguagem inclusiva não é só para inglês ver**. Contxt, 2020.

CAVALCANTE, S. *A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível da consciência*. In: FILHO, F; OTHERO, G. (Org.). **Linguagem “Neutra”**: Língua e gênero em debate. Rio de Janeiro: Parábola, 2022.

CIBERDÚVIDAS DA LÍNGUA PORTUGUESA. **As acepções da palavra planeta**. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/as-acepcoes-da-palavra-planeta/19444>. Acesso em: 17 mai. 2022.

COLLING, A. M. **Elxs, el@s e n*s**. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/547637-elxs-els-e-ns>. Acesso em: 10 mai. 2022.

COLLINGE, N. E. **The Greek Use of the Term ‘Middle’ in Linguistic Analysis**. Word. New York, n.º 19, 1963.

CONSULTOR JURÍDICO. **Fachin suspende lei de Rondônia que proíbe linguagem neutra em escolas**. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-nov-17/stf-suspende-lei-proibe-linguagem-neutra-instituicoes-ensino>. Acesso em: 25 abr. 2022

CORBETT, G. 1991. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press.

CORTÁZAR, J. **Valise de Cronópio**. São Paulo. Editora Perspectiva, 2008.

COSTA SILVA, C. Subjetividade, socialidade e historicidade na arte do problema em Benveniste: prospecções de Gérard Dessons. **Revista Linguagem & Ensino** <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/218002/001121267.pdf?sequence=1>. Pelotas, v. 23, n. 3, p.618, JUL-SET (2020).

DAILY MAIL. **No ladies or gentlemen at the Lords! Staff are told to say folks or Colleagues instead in ‘inclusive’ language guide**. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-10724953/Staff-told-say-folks-colleagues-inclusive-Lords-language-guide.html>. Acesso em: 04 ago. 2022.

DELESALLE, S. Introduction: histoire du mot enonciation. *In*: _____. **Histoire, Epistemologie, Langage**. 1986, p. 3-22.

DERRIDA, J.. Signature Event Context. *In*.: DERRIDA, J. Limited Inc. Evanston, Northwestern U. P, 1977, pp.1-24.

DESSONS, G. **Émile Benveniste, l’“invention du discours**. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.

DESSONS, G.; NEUMANN, D.; OLIVEIRA, G. Émile Benveniste e a arte do pensar. **ReVEL**, Porto Alegre, v. 18, n. 34, p.376, 2020. Tradução de Daiane Neumann e Giovane Fernandes Oliveira. [www.revel.inf.br]

DOQUET-LACOSTE, C. **Etude génétique de l'écriture sur traitement de texte d'élèves de Cours Moyen**, anée 1995-96. Thèse de Doctorat de l'Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle) en Sciences du Langage, 633 p., 2003.

DOSSE, F. **História do estruturalismo: o canto do cisne**, de 1967 a nossos dias. São Paulo, Ensaio, 1994, p. 61.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

DUFOUR, D-R. **Os mistérios da trindade**, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2000, p. 49.

D W MADE FOR MINDS. **Debate sobre linguagem neutra de gênero divide a Alemanha**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/debate-sobre-linguagem-neutra-de-9%C3%AAnero-divide-a-alemanha/a-58265872>. Acesso em: 14 jul. 2022.

_____. **Onde o terceiro gênero reconhecido no mundo**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/onde-o-terceiro-g%C3%AAnero-%C3%Ag-reconhecido-no-mundo/a-41302711>. Acesso em: 04 ago. 2022.

EL PAÍS. **Governo Macron proíbe uso de gramática igualitária em documentos oficiais**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/22/internacional/1511370162_878253.html. Acesso em: 03 ago. 2022

EXTRA MUROS. **O "ella" nos caracteres de origem chinesa**. Disponível em: <https://www.extramuros.net/2020/07/02/o-ella-nos-caracteres-de-origem-chinesa/#:~:text=Por%20sua%20vez%2C%20os%20chineses,no%20ano%20passado%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 03 ago. 2022.

FLORES, V. N. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). **Letras de hoje Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 36, n. 4, p.28, dez. 2001. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14418/9604>. Acesso em: 02 jun abreviado 2022.

FLORES, V. N. **Por que gosto de Benveniste**. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 127-138 - jul./dez. 2005.

FLORES, V. N. O Sintoma de Linguagem: Por que gosto de Benveniste? **Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 5, dezembro de 2005.

FLORES, V. N. A enunciação e os níveis da análise linguística. **Anais do SITED** - Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso. Porto Alegre, RS, setembro de 2010.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013a.

FLORES, V. N. Semântica da Enunciação. *In: Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013b.

FLORES, V. N. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), s90-s95, dez. 2015.

FLORES, V. N. **Saussure e Benveniste no Brasil**. São Paulo: Parábola, 2017a.

FLORES, V. N. Atualidade de Benveniste no Brasil: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo**, v. 13, n. 1 - p. 9-18 - jan./abr. 2017b.

FLORES, V. N. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2019.

FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B.; FINATTO, M. J.; Teixeira, M. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V. NUNES, P. Linguística da Enunciação: Uma Herança Saussuriana? **Organon**, Porto Alegre, n. 43, julho-dezembro, p. 199-209, 2007.

FLORES, V.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2017.

FENOGLIO, I. Manuscritos de linguistas e genética textual. Quais os desafios para as ciências da linguagem? Exemplo dos “papéis” de Benveniste. *In*: FLORES, V. do N.; GALINDEZ, V.; ROSÁRIO, H. M. (Org.). **Émile Benveniste: a gênese de um pensamento**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

FENOGLIO Gênese do gesto linguístico: uma complexidade heurística. *In*: FLORES, V. do N.; GALINDEZ, V.; ROSÁRIO, H. (Org.). **Émile Benveniste: a gênese de um pensamento**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019b.

FERREIRA J; FLORES, V; CAVALCANTE, M. A Teoria de Benveniste sobre a personalidade e seus desdobramentos na enunciação infantil. **D.E.L.T.A.**, v.31, n2, p. 527-558, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44509841905164449>.

FUNDO BRASIL. **Significado da sigla LGBTQIA+**. <https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqial>. Acesso em: 12 abr. 2022.

FREISLEBEN, L; OLIVEIRA, A. A presença e o reconhecimento de todes, todas e todos: um olhar enunciativo e antropológico para os dizeres sobre a linguagem neutra/inclusiva/ não-binária. **Revista Ideias (UFSM)**. Santa Maria, n. 30, v. 1, 2021.

FREUD, S. O eu e o id. *In*: S. Freud, O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Trabalhos (P.C. Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GAZETA DO POVO. **"Querides alunes": colégio adota linguagem neutra**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/querides-alunes-colegio-adota-linguagem-neutra/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

G1. **Canadá altera hino para respeitar neutralidade de gênero**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/canada-altera-hino-para-respeitar-neutralidade-de-genero.ghtm>. Acesso em: 03 abr. 2022.

G1. **Dicionário Sueco incluirá pronome para gênero neutro.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/03/dicionario-sueco-inclui-pronome-para-genero-neutro.html>. Acesso em: 04 ago. 2022.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARAWAY, D. “‘Gênero’ para um dicionário marxista”. **Cadernos Pagu**, 22, p. 201-246, 2011.

HEIDEGGER, M. (2006). **Ser e Tempo.** Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco. (Originalmente publicado em 1927).

HOFF, S. Émile Benveniste: a gênese de um pensamento, de Irène Fenoglio. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 16, n. 25, p.238-244, jan-jun. 2021.E-ISSN 2594-8962. DOI: 13. <https://doi.org/10.22456/2594-8962.116840>.

KULICK, Don. No. *In.*: CAMERON, D; KULICK, D (eds.). **The Language and Sexuality Reader.** Nova York, Routledge, 2006, pp.285-293.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In.*: Lacan, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

JAGGER, G. **Judith Butler:** sexual Politics, Social Change and the power of the performative. Nova York, Routledge, 2008.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'Énonciation de Ia subjectivité dans le langage**, Paris, Armand Colin, 1980, p. 28.

LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis.** São Paulo: Ática, 1979.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LANZ, L. **Uma introdução longa, porém, necessária, 2008.** Disponível em: <http://www.leticialanz.org/uma-introducao-longa-porem-necessaria>. Acesso em: 18 abr. 2022.

LEV, I. **Transgender Emergence: Therapeutic guidelines for working with gender-variant people and their families.** New York, NY: Routledge, 2004.

LIMA, R. **A masculinidade na clínica.** Rio de Janeiro, 2006. 250p. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Clínica). Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LOPES, A. **Aula aberta: Linguagem neutra: relações de gênero na Língua Portuguesa.** LEGESEX UFRRJ, 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=nWR_VXSwnY4. Acesso em: 30 jul. 2022.

MEAD, M. **Sexo e Temperamento.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

MEDEIROS B; BORBA, R. **Larvas Incendiadas**, 15 de abr. de 2021. Disponível em: <https://larvasincendiadas.com/2021/04/15/58-brune-medeiros-rodrigo-borba-linguagem-neutra/>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

METRÓPOLES. **Internautas acusam Jornal Nacional de transfobia ao anunciar Demi Lovato.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/internautas-acusam-jornal-nacional-de-transfobia-ao-anunciar-demi-lovato>. Acesso em: 7 jun. 2022.

METRÓPOLES. **Brasil tem 34 projetos de lei contra o uso da linguagem neutra.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/brasil-tem-34-projetos-de-lei-contra-o-uso-da-linguagem-neutra>. Acesso em: 02 ago. 2022.

MILNER, J. **O amor da língua.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.;

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.

MOHDIN, A. Gender pronouns that are neither male nor female are quietly catching on. QUARTZ. Disponível em: <https://qz.com/839889/gender-pronouns-that-are-neither-male-nor-female-are-quietly-catching-on>. Acesso em jun. de 2020.

MOKWA, Marcela. O papel e a função da linguagem não-binária ou neutral no contexto das redes online. **Movimento Revista**, 2019. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2019/02/o-papel-e-a-funcao-da-linguagem-nao-binaria-ou-neutral-no-contexto-das-redes-online/>. Acesso em: 28 de fev. de 2020.

MONEY, J. **Sin, science, and the sex police**: Essays on sexology & sexosophy. New York: Prometheus Books, 1998.

MOREIRA, T. **O ato de nomear- da construção de categorias de gênero até a abjeção**. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 4, t. 4, 2010.

MOITA LOPES, L. P. **Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 49, n. 2, p. 393-417, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132010000200006>.

NOTÍCIAS REDETV. Amigue? Professora critica uso da linguagem neutra: “Desnecessário”. **YouTube**, 19 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohShw-jV1wA>. Acesso em: 15 jun. de 2022.

OBSERVATÓRIO G. **Canadá aprova lei que proíbe desrespeito à identidade de gênero**. Disponível em: https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/canada-aprova-lei-que-proibe-desrespeito-a-identidade-de-genero?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996. Acesso em: 03 ago. 2022.

OBSERVATÓRIO G. **Todxs?** É possível incorporar a linguagem neutra? Especialista responde. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/todxs-e-possivel-incorporar-a-linguagem-neutra-especialista-responde>. Acesso em: 02 mai. 2022.

O GLOBO. **'Hen'**: Suécia adicionará pronome para se referir a gênero neutro em dicionário. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/hen-suecia-adicionara-pronome-para-se-referir-um-genero-neutro-em-dicionario-15697550>. Acesso em: 07 abr. 2022.

O PODER 360. **EUA emitem o primeiro passaporte com opção de gênero neutro.** Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/eua-emitem-o-primeiro-passaporte-com-opcao-de-genero-neutro/>. Acesso em: 05 ago. 2022.

O TEMPO. **Índia reconhece a existência de um terceiro gênero: neutro.** Disponível em: <https://www.otempo.com.br/mundo/india-reconhece-a-existencia-de-um-terceiro-genero-neutro-1.823805>. Acesso em: 03 ago. 2022.

OAKLEY, A. **Sex, Gender and Society**. London, Routledge, 1972.

OLIVEIRA, D. **GENÉTICA TEXTUAL**: um estudo acerca das rasuras em manuscritos de alunos recém-alfabetizados, seus tipos e funções. 2021. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) - Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2021a.

OLIVEIRA, A. Efeito viral: um estudo sobre a incidência da voz no contexto pandêmico. **Revista Linguística Rio**, Brasília, v. 6, n. 1, mar.-jul. 2020.

OLIVEIRA. Subjetividade(s) e identidade(s) a construção da posição enunciativa a partir de cartazes em eventos da comunidade LGBTQIA+. **Ao Pé da Letra (UFPE. Online)**, v. 22.1, n.1, p. 9-441, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedalettra/article/view/245339>. Acesso em 12 de dez. de 2022.

PABLO JAMILK. **Pronome neutro - Pablo Jamilk explica o assunto.** YouTube, 24 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ODhKQT3KaU>. Acesso em: 12 jun. 2022.

PENNYCOOK, Alastair. **Global Englishes and Transcultural Flows**. Londres e Nova York, Routledge, 2007.

PERÚ 21. **Universidad de Buenos Aires genera polémica por aprobar uso de lenguaje inclusivo com "e"**. Disponível em: <https://peru21.pe/mundo/america/argentina-universidad-buenos-aires-genera-polemica-aprobar-lenguaje-inclusivo-nndc-493697-noticial>. Acesso em: 02 ago. 2022

PINTO, J. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 23, n.1, p. 1-26, PUC - São Paulo, 2007.

PORTAL GELEDÉS. **Olympe de Gouges, a pioneira do feminismo que foi parar na guilhotina**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pioneira-do-feminismo-que-foi-parar-na-guilhotina/>. Acesso em: 01 jul. 2022.

PLATÃO. **Diálogos. Teeteto Crátilo**. 3. ed. Belém: UFPA, 2001.

REDE TV. **Amigue? Professora Crítica Uso Da Linguagem Neutra: “Desnecessário.”**. [www.youtube.com](https://www.youtube.com/watch?v=ohShw-jV1wA), 19 Mar. 2021, www.youtube.com/watch?v=ohShw-jV1wA. Acesso em: 21 Mar. 2023.

REVISTA GALILEU. **Cidade dos EUA vai mudar palavras para que fiquem com Neutralidade de gênero**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/07/cidade-dos-eua-vai-mudar-palavras-para-que-fiquem-com-neutralidade-de-enero.html>. Acesso em: 05 ago. 2022.

ROSÁRIO, H. M. **Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua**. 2018. 174 f. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem). Porto Alegre: UFRGS, 2018.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala**. 1 ed. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SILVA, D. C. P. **Quando dizer é violentar: violência linguística e transfobia em comentários online**. Devires: Salvador, 2019.

SILVA, V.; CORNELLI, G. Questões de gênero em Platão e Eurípedes: corpos antigos e gender performativity. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, e226076, 2021. doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147226076>.

SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL. **Amor e ódio nascem no mesmo lugar, dizem cientistas.** Disponível em: <https://sciam.com.br/amor-e-odio-nascem-no-mesmo-lugar-dizem-cientistas/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

STOLLER, R. J. **Sex and gender: the development of masculinity and femininity (1968).** Londres: Karnac Books, 1984.

STRYKER, S. **(De)subjugate knowledges: an introduction to transgender studies.** In: S. Stryker & S. Whittle (Eds.), *The Transgender Studies Reader* (pp. 1-17). New York: Routledge, 2006.

TAYLOR, C. C. W.; LEE, M.-K. The Sophists. In: ZALTA, E. N. (Ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy.** Spring 2014 ed. [s.l: s.n.].

TEIXEIRA, M.; FLORES, V. Linguística da enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. **ReVEL**, Porto Alegre, v. 9, n. 16, 2011. [www.revel.inf.br].

TEIXEIRA, T. L. M. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 71-83, jan./jun. 2012.

TEIXEIRA, M; MESSA, R. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 97-116, jun. 2015.

TEMPERO DRAG. **Linguagem Neutra.** YouTube, 07 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WAzsxxMMIIM>. Acesso em: 25 abr. de 2022.

TERRITÓRIOS DE FILOSOFIA. **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler** =. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/07/19/como-os-corpos-se-tornam-materia-entrevista-com-judith-butler-judith-butler/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

VALLE, KARINE DALLA. Jovens contam como, quando e por que usam a linguagem neutra. 22 fev. 2023. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2023/02/jovens-contam-como-quando-e-por-que-usam-a-linguagem-neutra-clefpcih9001e017lzuhkpjlo.html?utm_source=facebook&utm_medium=feed&utm_campaign=gz

[h&fbclid=IwAR0nQjruBeK76t5eoy_3Ou6yx-aVHkprjdbE3UskVtZOO_9qxAoEegtDCsk](https://www.facebook.com/observatoriogbol.uol.com.br/?fbclid=IwAR0nQjruBeK76t5eoy_3Ou6yx-aVHkprjdbE3UskVtZOO_9qxAoEegtDCsk).

Acesso em: 10 mar. 2023.

VALENTE, A. **Todxs? É possível incorporar a linguagem neutra?** Especialista responde. [Entrevista concedida a] Ketryn Carvalho. Observatório G, 25 abr. 2021. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/todxs-e-possivel-incorporar-a-linguagem-neutra-especialista-responde> Acesso em: 24 jul. 2021.

VICENTE, Á. Governo Macron proíbe uso de gramática igualitária em documentos oficiais. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/22/internacional/1511370162_878253.html. Acesso em: 9 jun. 2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Ed. Nova Cultural (Col. Os Pensadores – trad.: José Carlos Bruni), 2000.